

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

RODRIGO BORGES SILVEIRA

**A PARTICIPAÇÃO DE TENISTAS INFANTOJUVENIS EM COMPETIÇÕES:  
A PERCEPÇÃO DE UM GRUPO DE TREINADORES**

PORTO ALEGRE

2020

RODRIGO BORGES SILVEIRA

**A PARTICIPAÇÃO DE TENISTAS INFANTOJUVENIS EM COMPETIÇÕES:  
A PERCEPÇÃO DE UM GRUPO DE TREINADORES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Porto Alegre

2020

## CIP - Catalogação na Publicação

Silveira, Rodrigo

A participação de tenistas infantojuvenis em  
competições: a percepção de um grupo de treinadores /  
Rodrigo Silveira. -- 2020.

160 f.

Orientador: Carlos Adelar Abaide Balbinotti.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa  
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,  
Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Tênis. 2. Competição Infantojuvenil. 3. Esporte.  
I. Adelar Abaide Balbinotti, Carlos, orient. II.  
Título.

Rodrigo Borges Silveira

**A PARTICIPAÇÃO DE TENISTAS INFANTOJUVENIS EM COMPETIÇÕES:  
A PERCEPÇÃO DE UM GRUPO DE TREINADORES**

Conceito Final:

Aprovado em 26 de outubro de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Gabriel Henrique Treter Gonçalves  
UDESC

---

Prof. Dr. Guy Ginciene  
UFRGS

---

Prof. Dr. Roberto Tierling Klering  
FEEVALE

---

Prof. Dr. Thiago José Leonardi  
UFRGS

---

Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti  
UFRGS - Orientador

*Dedico este trabalho às minhas amadas esposa e filha e, em especial, à minha querida mãe, que foi o meu referencial como educadora.*

## **AGRADECIMENTOS**

Neste momento tão importante da minha jornada acadêmica, são muitas as pessoas as quais preciso mencionar pelo auxílio a mim prestado, por terem sido fundamentais e por terem influenciado positivamente nos resultados de mais essa etapa alcançada em minha existência.

Primeiramente, gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti, pelo apoio irrestrito, sempre solícito e muito paciente com minha pessoa. Uma pessoa de caráter íntegro, exemplo para todos os estudantes e profissionais da Educação Física, a qual aprendi a admirar e respeitar.

Aos Prof. Dr. Guy Ginciene e Prof. Dr. Thiago José Leonardi, pelas vivências em diversas oportunidades e na companhia nos grupos de estudos da universidade, além das inúmeras trocas de experiências no Grêmio Náutico União, meu local de trabalho. Ao professor Guy, um agradecimento especial por seus ensinamentos durante suas aulas, os quais me inspiraram a utilizar muito de suas experiências compartilhadas.

Ao querido e estimado Prof. Dr. Fabiano Bossle, pela parceria e exímia motivação, sempre me auxiliando quando solicitado.

A todos os funcionários da universidade, desde a Márcia do PPGMH, até o pessoal da biblioteca e do LAPEX, pela cordialidade e extrema paciência e dedicação.

A todos os meus colegas das diversas cadeiras do PPGMH, pela parceria e companheirismo, sempre auxiliando e sendo prestativos. Em especial, aos discentes Alexandre Cavadini e Vanessa Possamai, do grupo de estudos, que foram incansáveis no auxílio, na parceria e no coleguismo.

Aos colegas de profissão, de tênis e de universidade, Rodrigo Bulso e Rafael Horta, parceiros de diversos encontros nos estágios curriculares, momentos os quais possibilitaram inúmeras trocas de experiências nas quadras e nas salas de aula. Em especial, o agradecimento ao colega Rodrigo Bulso, por me mostrar os caminhos corretos e éticos do mestrado acadêmico.

Aos Prof. Dr. Gabriel Gonçalves, Prof. Dr. Roberto Klering, Profa. Dra. Patrícia Fontana e Prof. Dr. Caio Cortela, pelos ensinamentos e conselhos apropriados de quem já enfrentou os caminhos tortuosos, mas extremamente gratificantes, da pós-graduação.

A todos os treinadores entrevistados em minha pesquisa de mestrado, profissionais que abriram mão de uma parte de seu tempo precioso, durante os treinamentos ou competições, e, com muita seriedade, até com emoção, compartilharam suas experiências de vida dentro e fora das quadras.

Aos meus alunos e colegas de trabalho, que dividiram comigo os dias difíceis e souberam entender os momentos em que não consegui ser o mesmo Rodrigo de sempre, devido às noites mal dormidas, e às madrugadas de formatação do projeto de pesquisa e da dissertação do mestrado.

Não poderia deixar de agradecer profundamente ao Coronel da Brigada Militar e Professor de Educação Física, meu líder no Grêmio Náutico União, Joel Prates Pedroso, um líder nato, simples, humilde e infinitamente humano, por ter me permitido a possibilidade de realizar o sonho de me tornar um mestre.

Aos meus amigos pessoais e aos meus irmãos, Fabiane e Luiz Felipe, que entenderam a minha ausência durante este período, e sempre me deram palavras de conforto.

Aos meus pais queridos, Ademir e Enilda (*in memoriam*), que sempre me mostraram o quão é importante estudar e lutar pelos meus sonhos, sem desistir, por mais difícil e, muitas vezes, distante esteja dos meus objetivos. Em especial, à minha mãe, que me proporcionou a oportunidade de cursar o ensino superior e, com certeza, essa vitória será dedicada a ela também.

Por fim, gostaria de agradecer a duas pessoas mais do que especiais: minha amada esposa, Sharon, e minha filha adorada, Manuela, que, por muitas oportunidades, não tiveram a minha companhia. À minha esposa, um agradecimento especial pelo companheirismo, pela paciência e pelo amor demonstrados durante estes dois anos, serão lembrados por toda a minha vida. À minha filha, Manuela, agradeço por compreender os momentos em que não pude brincar por estar neste valioso compromisso. Quando cresceres, entenderás que este momento foi, também, para te proporcionar um futuro melhor. Sharon e Manuela, essa vitória é dedicada a vocês, minhas razões de viver.

## RESUMO

O tema da presente dissertação é a preparação para competições de tênis por crianças e jovens dos 8 aos 16 anos de idade. O estudo foi do tipo descritivo-exploratório, de cunho qualitativo. Foram entrevistados 11 treinadores, 7 deles considerados experientes, com mais de dez anos de atuação, e 4 considerados novatos, com média de 4 anos na profissão. A finalidade foi buscar, nos seus relatos, os melhores caminhos para os tenistas infantojuvenis se prepararem para as disputas, bem como investigar quais são os sistemas ideais de competições, na visão de seus treinadores, partindo-se da Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens, de Marques (2004), que aborda: (i) a adequação às regras, a partir da infância, que as quais devem ser compatíveis com suas aptidões e competências; (ii) a relação pedagógica entre vitórias e derrotas, sendo ambas importantes para a formação dos mais jovens; (iii) a importância da frequência das competições, considerando-se toda a competição importante, não somente as institucionalizadas, mas também aquelas que ocorrem cotidianamente. Em decorrência dessas ideias, foram criadas as categorias norteadoras do projeto (*a priori*). Os objetivos que balizaram o trabalho foram os seguintes: (i) analisar a adequação das regras, nas competições infantojuvenis, nas faixas etárias dos 8 aos 16 anos de idade; (ii) verificar a evolução da relação pedagógica entre vitórias e derrotas; (iii) identificar se a frequência das competições está adequada às faixas etárias estudadas. Contudo, foi necessário acrescentar mais 4 questões (*a posteriori*) para que se pudesse responder às questões norteadoras propostas. A análise dos resultados permitiu verificar que as competições para crianças e jovens estão melhor estruturadas, principalmente nos estágios iniciais, respondendo à primeira questão teórica de Marques (2004). Com relação ao contexto de vitórias e derrotas, os relatos indicam que as condições atuais não atendem aos fundamentos preconizados por Marques (2014), e ainda há muito o que se evoluir nesse âmbito, principalmente desenvolver, com as crianças e jovens, o “saber perder e o saber vencer”. A respeito da frequência maior ou menor das competições, houve certo avanço, mas não suficiente para atender às ideias do autor, pois muitos jovens são vetados de competir por seus treinadores; ou, por outro lado, atletas competem em grande quantidade, mas sem considerar-se o número de derrotas. Quanto às categorias *a posteriori*, a primeira seção, com relação à transição



do modelo *Tennis' 10s* para o modelo tradicional, apresenta contribuições relevantes, inclusive para o ensino nos estágios iniciais. A respeito das competições entre os 12 e os 14 anos, a consideração principal é que se deve dar maior atenção aos tenistas para que se mantenham competindo, através de torneios mais atrativos. Com relação à categoria dos 16 anos, houve uma unanimidade entre os entrevistados: todos acreditam que deva seguir da forma atual, seguindo-se o modelo tradicional. Entretanto, essa categoria necessita de maior estudo e aprofundamento. A categoria que aborda a importância dos pais nas competições também apresenta relatos importantes: os treinadores entrevistados enfatizam a transparência que deve ocorrer nas conversas entre treinadores e pais. Por fim, analisou-se a avaliação dos treinadores com relação ao tempo de experiência. Os entrevistados destacaram a importância de se manterem atualizados para aperfeiçoar os treinamentos de seus atletas e de trocar experiências em cursos e em torneios infantojuvenis. De acordo com os treinadores entrevistados, há sinais de evolução de vários aspectos da preparação de jovens tenistas para competições, mas muito do que acontece na prática vai de encontro às propostas teóricas, o que indica a necessidade de intervenção para o alinhamento das práticas recomendadas pela literatura e das condutas efetivas dos treinadores.

**Palavras-chave:** Tênis. Competição infantojuvenil. Esporte.

## ABSTRACT

The theme of this dissertation is preparation for tennis competitions for children and young people from 8 to 16 years of age. The study was of the descriptive-exploratory type, of qualitative nature. Eleven coaches were interviewed, 7 of them considered experienced, with more than ten years of experience, and 4 considered novices, with an average of 4 years in the profession. A sought, in its reports, the best ways for children and youth tennis players to prepare for the disputes, as well as investigating which are the ideal competition systems, in the view of their coaches, starting from the Theory of Sports Competition for Children and Youth , de Marques (2004), which addresses: (i) adaptation to the rules, from childhood onwards, which are which are compatible with their aptitudes and competences; (ii) a pedagogical relationship between victories and defeats, both of which are important for the training of the youngest; (iii) the importance of the frequency of competitions, considering all the important competition, not only as institutionalized, but also those that occur daily. As a result of these ideas, they were defined as guiding categories of the project (a priori). The objectives that guided the work were the following: (i) to analyze the adequacy of the rules, in children's and youth competitions, in the age groups of 8 to 16 years of age; (ii) verify the evolution of the pedagogical relationship between victories and defeats; (iii) identify whether the frequency of competitions is appropriate for the age groups studied. However, it was necessary to add 4 more questions (a posteriori) in order to answer the guiding questions proposed. The analysis of the results allowed to verify that the competitions for children and young people are better structured, mainly in the initial stages, answering Marques' first theoretical question (2004). Regarding the context of victories and defeats, the reports indicate that the current conditions do not meet the fundamentals advocated by Marques (2014), and there is still a lot to evolve in this area, mainly to develop, with children and young people, the "knowledge losing and knowing how to win". Concerning the higher or lower frequency of competitions, there was some progress, but not enough to meet the author's ideas, since many young people are vetoed from competing for their coaches; or, on the other hand, athletes compete in large quantities, but without considering the number of defeats. As for the a posteriori categories, the first section, in relation to the transition from the Tennis '10s model to the traditional model, presents relevant contributions,

including for teaching in the early stages. Regarding competitions between 12 and 14 years old, the main consideration is that more attention should be given to tennis players to keep competing, through more attractive tournaments. Regarding the 16-year-old category, there was unanimity among the interviewees: everyone believes that the current model should be followed, following the traditional model. However, this category needs further study and further study. The category that addresses the importance of parents in competitions also presents important reports: the coaches interviewed emphasize the transparency that should occur in conversations between coaches and parents. Finally, the coaches' assessment of experience time was analyzed. The interviewees highlighted the importance of keeping up-to-date to improve the training of their athletes and to exchange experiences in courses and in youth tournaments. According to the coaches interviewed, there are signs of evolution in various aspects of the preparation of young tennis players for competitions, but much of what happens in practice goes against the theoretical proposals, which indicates the need for intervention to align the practices recommended by literature and the effective conduct of coaches.

**Keywords:** Tennis. Children and youth competition. Sport.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estágio verde-limão.....	34
Figura 2 – Formatação dos grupos do CTG.....	47
Figura 3 – Formatação da programação do CTG.....	47
Figura 4 – Modelo de chave do Banana <i>Bowl</i> .....	54
Figura 5 – Cronologia do Comitê Brasileiro de Clubes.....	58
Figura 6 – Detalhe do símbolo da bandeira do Brasil na logomarca da CBC.....	59

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estágios Laranja/Verde e Amarela sugeridos pela ITF .....	33
Quadro 2 – Sistemas da organização da chaves, quadras e formatos de disputas nos estágios laranja/verde e amarela sugeridos pela CBT .....	44
Quadro 3 – O modelo realizado no Circuito de Tênis Gaúcho .....	46
Quadro 4 – O modelo de disputa dos confrontos da Copa das Federações .....	51
Quadro 5 – O sistema de pontuação da Copa das Federações.....	52
Quadro 6 – O modelo de competição do Brasileirão .....	52
Quadro 7 – Grupos e Pontuação Brasileirão.....	53
Quadro 8 – Modelo do calendário das competições sul-americanas (COSAT).....	56
Quadro 9 – <i>Ranking</i> Sul-Americano 16 anos masculino .....	63
Quadro 10 – Grupos e torneios no <i>ranking</i> infantojuvenil CBT (2020e) .....	65
Quadro 11 – Pontuação do <i>Ranking</i> da CBT .....	66
Quadro 12 – Pontuação do <i>Ranking</i> da CBI .....	66
Quadro 13 – Grupos e torneios no <i>ranking</i> infantojuvenil FGT (2020) .....	67
Quadro 14 – Pontuação do <i>Ranking</i> da FGT .....	67
Quadro 15 – Pontuação do <i>Ranking</i> da CTG.....	68
Quadro 16 – Perfil dos treinadores.....	70

## LISTA DE SIGLAS

AL – Alagoas

AM – Amazonas

ARG – Argentina

ATP – Associação dos Tenistas Profissionais

BA – Bahia

BOL – Bolívia

BRA – Brasil

CBC – Comitê Brasileiro de Clubes

CBI – Campeonato Brasileiro Interclubes

CBT – Confederação Brasileira de Tênis

CHI – Chile

COL – Colômbia

CTG – Circuito de Tênis Gaúcho

COSAT – *Confederación Sudamericana de Tenis*

CREF – Conselho Regional de Educação Física

DF – Distrito Federal

ECU – Equador

EUA – Estados Unidos da América

FGT – Federação Gaúcha de Tênis

FRGT – Federação Rio-Grandense de Tênis

GNU – Grêmio Náutico União

ITF – *International Tennis Federation*

IPA – Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista

MG – Minas Gerais

PAR – Paraguai

PER – Peru

PR – Paraná

QIVC – Questionário de Identificação das Variáveis de Controle

RJ – Rio de Janeiro

RS – Rio Grande do Sul

SOG – Sociedade de Ginástica de Porto Alegre

SOGIPA – Sociedade de Ginástica de Porto Alegre

SP – São Paulo

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

URU – Uruguai

UTR – *Universal Tennis Rating*

VEN – Venezuela

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	<b>18</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>20</b>
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	<b>25</b>
2.1 A TEORIA DAS COMPETIÇÕES ENQUANTO UM MODELO DE EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS .....	25
2.1.1 A adequação às regras a partir da infância .....	25
2.1.2 A relação pedagógica entre vitórias e derrotas .....	35
2.1.3 A importância da frequência maior ou menor das competições .....	36
2.2 O TÊNIS (O MODELO COMPETITIVO) .....	39
2.2.1 O Modelo de Competição Infantojuvenil na Confederação Sul-Americana de Tênis (COSAT) .....	39
2.2.2 O Modelo de Competição Infantojuvenil na Confederação Brasileira de Tênis (CBT) .....	42
2.2.3 O Modelo de Competição Infantojuvenil na Federação Gaúcha de Tênis (FGT) .....	44
2.3 OUTROS MODELOS PRATICADOS DE COMPETIÇÕES .....	45
2.3.1 O Circuito de Tênis Gaúcho (CTG) .....	45
2.3.2 A Copa RS de Tênis Infantojuvenil .....	47
2.3.3 A Copa Guga Kuerten .....	48
2.3.4 O Campeonato Brasileiro Interclubes Infantojuvenil (CBI) .....	50
2.3.5 A Copa das Federações .....	50
2.3.6 O Campeonato Brasileiro (Brasileirão) .....	52
2.3.7 O Torneio Banana <i>Bowl</i> .....	53
2.3.8 O Torneio Brasil <i>Juniors Cup</i> .....	55
2.4 OS MODELOS DE DIVULGAÇÃO DOS TORNEIOS INFANTOJUVENIS .....	55
2.4.1 A COSAT .....	55
2.4.2 O Comitê Brasileiro de Clubes (CBC) .....	57
2.4.3 O Sistema Tênis Integrado .....	59
2.5 A FORMATAÇÃO DO <i>RANKING</i> DOS TENISTAS INFANTOJUVENIS .....	61
2.5.1 O <i>Ranking</i> da COSAT .....	61
2.5.2 O <i>Ranking</i> da CBT .....	65



<b>2.5.3 O <i>Ranking</i> do CBI.....</b>	<b>66</b>
<b>2.5.4 O <i>Ranking</i> da FGT .....</b>	<b>66</b>
<b>2.5.5 O <i>Ranking</i> do CTG.....</b>	<b>67</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>69</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO .....	69
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	69
3.3 ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	70
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES.....	71
3.5 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	71
3.6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS .....	72
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>73</b>
4.1 OS MODELOS DAS COMPETIÇÕES INFANTOJUVENIS.....	73
4.2 O CONTEXTO DA RELAÇÃO VITÓRIAS X DERROTAS.....	98
4.3 A FREQUÊNCIA NAS COMPETIÇÕES DOS TENISTAS INFANTOJUVENIS .	107
4.4 A TRANSIÇÃO DO <i>TENNIS 10'S</i> PARA O MODELO TRADICIONAL.....	119
4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS COMPETIÇÕES NAS CATEGORIAS 12 E 14 ANOS .....	126
4.6 A IMPORTÂNCIA DA CONSCIENTIZAÇÃO DOS PAIS DE ATLETAS EM AUXILIAR OS TREINADORES E, em ESPECIAL, OS SEUS FILHOS .....	131
4.7 RESULTADOS EMPÍRICOS CONFORME A CONCLUSÃO DOS TREINADORES .....	134
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>140</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>148</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>157</b>
<b>APÊNDICE B – QUESTIONARIO DE IDENTIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS DE CONTROLE (QIVC) .....</b>	<b>158</b>
<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) .....</b>	<b>159</b>
<b>APÊNDICE D – DECLARAÇÃO DE PARTICIPANTE.....</b>	<b>160</b>

## PREFÁCIO

Em uma certa manhã de 1987, estava assistindo à emissora Bandeirantes. Já havia despertado em mim, anteriormente, o interesse em assistir a partidas de tênis (em TV aberta naquela época). Naquele dia, seria transmitida uma final entre o tenista brasileiro Luiz Mattar (número 1 do *ranking* nacional e *top* 50 do mundo) e um “tenista cabeludo” até então desconhecido. Esse tenista não era ninguém senão o lendário André Agassi, que, anos depois, se tornaria um dos melhores jogadores da história do tênis, e, conseqüentemente, número 1 do *ranking* mundial. Após essa partida, eu me apaixonei definitivamente pelo esporte e pedi para minha mãe que comprasse uma raquete para mim, já que eu havia deformado duas raquetes de madeira, uma dela e outra de meu pai.

A seguir, comecei a praticar tênis no Lindoia Tênis Clube, situado na Zona Norte de Porto Alegre, além de frequentar a tradicional Praça José Montauray, conhecida como a Praça da Caixa d'Água. Como minha família não tinha muitas condições financeiras (meu pai falecera nesse ano de 1987), minha mãe, sendo professora da rede estadual de ensino, não podia arcar com os altos custos do esporte.

Com isso, fui obrigado a abandonar as aulas de tênis e frequentar somente as quadras do clube e da saudosa praça. Joguei alguns torneios, mas me desmotivei justamente porque o esporte possuía um modelo estritamente tradicional, que favorecia os mais talentosos. Lembro-me de um torneio em que enfrentei um menino do Sul do estado, na cidade de Rio Grande, mais especificamente na Praia do Cassino, onde levei uma extraordinária “surra”. Naquela partida, perdi por 6x1, 6x1 (2 *sets* a zero) e o único *game* que conquistei foi devido à tentativa de o adversário efetuar diversos *aces* (saques indefensáveis), errando em demasia o fundamento explicado.

Em 1995, no fim dos meus 18 anos de idade, iniciei o curso de Educação Física no Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista (IPA) e, a seguir, comecei a lecionar aulas de tênis no Grêmio Náutico União. Com isso, voltei a treinar e jogar torneios pelo clube. Como nessa época (década de 90) o clube não estava filiado à Federação Gaúcha de Tênis, eu participava dos torneios como tenista avulso. Com o passar dos anos, fui me atualizando, realizando inúmeros cursos e treinamentos, no Brasil e no exterior, e me qualificando. No ano de 2004, tornei-me técnico da pré-equipe de

competição e, conseqüentemente, coordenador da escola de tênis do clube. No ano de 2010, eu me tornei coordenador geral do Departamento de Tênis. Após alguns anos, fui treinador da Seleção Gaúcha de Tênis, quando iniciou o desejo de trabalhar com os atletas de competição e atuar em sua formação. Durante esse período, através das participações de cursos de capacitação e dos treinamentos com os meus atletas, começou a despertar um desconforto relacionado às competições infantojuvenis e suas peculiaridades. Conforme as competições e os anos foram se passando, novas situações se apresentaram, e, com isso, a minha preocupação em discutir novos caminhos com relação a esse tema foram aflorando.

Devido a todos esses fatos apresentados, surgiu o grande interesse em produzir este estudo, que contempla crianças e jovens que iniciam e que prosseguem nesse esporte tão intrigante e desafiador, incluindo as transições de categorias, de maneira correta ou não. Por fim, espero que este trabalho possa abrir caminhos para a continuidade da pesquisa sobre os aspectos abordados, promovendo-se debates e a evolução desse esporte.

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo aborda como tema central a preparação dos tenistas para as competições no tênis infantojuvenil. A pesquisa realizada tem como finalidade obter uma melhor compreensão a respeito do desenvolvimento dos tenistas infantojuvenis para as competições. Nesse sentido, o atual estudo pretende pesquisar como ocorre, na visão dos treinadores, a participação de crianças e jovens nas competições de tênis.

Estudos têm sido realizados com relação à forma de introduzir as crianças e os jovens na competição do tênis e ao modelo de disputa do esporte (GONÇALVES *et al.*, 2016). Contudo, ainda não estão estabelecidos as recomendações e os caminhos para a continuidade na competição do esporte. Esta pode ocorrer de modo individual ou em agremiações.

A competição é tida como um dos elementos centrais do esporte (REVERDITO *et al.*, 2008). Para Ferreira (2004), competir é pretender alguma coisa simultaneamente com outrem, concorrer. Aires *et al.* (2016) relatam que a competição é, além da luta pela conquista do resultado, aquilo que chamamos de espírito agônico, ou seja, um combate que o indivíduo trava consigo mesmo para ultrapassar suas limitações e a sua própria condição, proporcionando uma chance de adquirir novos conhecimentos.

A competição na infância e na adolescência não é um fenômeno novo. Existem relatos desde a Antiguidade, como o surgimento de grandes competições de lutas na Grécia, por exemplo (KORSAKAS; ROSE JÚNIOR, 2002). Existem muitas dicotomias com relação à participação de crianças e jovens em competições esportivas, o que aguça o interesse de pesquisadores em relação ao assunto. No período da infância e da adolescência, a competição esportiva possui, por essência, um papel pedagógico importante para o desenvolvimento dos jovens em suas diferentes dimensões – cognitivo-motora, socioeducativa, socioafetiva (MARQUES, 2004; ROSE JÚNIOR; KORSAKAS, 2006; LEONARDO; SCAGLIA, 2018). A competição infantojuvenil, portanto, deve ter objetivos distintos da adulta, fundamentando-se em princípios pedagógicos que visem a contribuir para o processo de ensino-aprendizagem (BERGERON *et al.*, 2015; LEONARDO; SCAGLIA, 2018). Muitos autores da área da educação são a favor da iniciação à competitividade infantil (ROSE JÚNIOR, 2002;

MARQUES; OLIVEIRA, 2002; MARQUES, 2004), já outros são radicalmente contra essa ideia (BOMPA, 2000; BALYI *et al.*, 2004).

Por apresentar um contexto abundantemente questionador, em nossa literatura, o conceito que mais serve como referência para muitos pesquisadores é de Marques (2004), que define a finalidade da competição como a oportunidade de ofertar à criança uma avaliação de suas competências, confrontando-a com as demais e consigo mesma (AIRES *et al.*, 2016; GONÇALVES *et al.*, 2016). Como consequência, ela pode expor suas capacidades e ter plenas condições de ultrapassar seus limites.

Os sistemas de competições no tênis inspiram os pesquisadores a aprofundar estudos por diversos ângulos, como, por exemplo, as categorias em diversas idades. Todos esses assuntos são explorados com o objetivo de encontrar melhores caminhos para o esporte. De acordo com Lima (1987), a competição sempre alcança resultados, consequência de novas experiências, de novos formatos e do aumento do conhecimento.

Marques (2004) afirma que a competição não é nenhuma novidade para a humanidade. Ela não surgiu nas revoluções de séculos passados (Revolução Industrial, por exemplo) e está ligada ao jogo, que é um fator primordial para a educação e preparação da criança para a vida. Nesse contexto, surgem três categorias teórico-metodológicas que devem ser referenciadas na evolução competitiva: (i) a adequação das regras, a partir da infância; (ii) a relação pedagógica entre vitórias e derrotas; e (iii) a importância da frequência das competições.

No momento presente, é relevante salientar que a competição infantojuvenil, por décadas, foi exposta como uma reprodução do modelo adulto da competição (LIMA, 1987; MARQUES, 2004; ROSE JÚNIOR; KORSKAS, 2006), ou seja, foi uma reprodução do modelo do alto rendimento. Por isso, é necessário salientar que a ação com as crianças e jovens deve ser repensada e que estes não podem ser tratados como adultos (LIMA, 1987; MARQUES, 2004; ROSE JÚNIOR; KORSKAS, 2006, GONÇALVES *et al.*, 2016). Seguindo essas ideias, deve haver maior atenção com a formatação das competições, a fim de que elas estejam adaptadas e que sejam adequadas para crianças e adolescentes. A competição deve focalizar as crianças, e não dos adultos, que somente participam do sistema. Como os adultos organizam e realizam essas competições, eles devem ter o cuidado de colocar esses momentos

dentro do universo das crianças, promovendo suas satisfações e realizações, e não ocasionando momentos de extremo estresse (ROSE JÚNIOR; KORSKAS, 2006).

Progressos consideráveis têm sido realizados com relação à forma de introduzir as crianças e os jovens na competição esportiva, representados pelo crescente número de modelos competitivos adaptados implementados nos últimos anos, em diferentes modalidades (LIMPENS *et al.*, 2018; BUSZARD *et al.*, 2020). Por vezes, as crianças, quando iniciam em uma competição, não estão preparadas para administrar o processo de vitórias e derrotas. Tanto os organizadores e promotores, como pais e também treinadores, em muitas oportunidades, não as preparam de maneira adequada para enfrentar tais desafios. As crianças e jovens querem se divertir e vivenciar o momento de uma maneira natural, de uma forma lúdica (de maneira involuntária). Quando ocorre a vitória e a derrota, os resultados podem ser bem trabalhados por seus professores ou treinadores, com o propósito de que todas usem essas experiências para a sua própria evolução na vida (MARQUES, 2004). Ademais, o autor reforça a tese de que a competição pode fazer parte do desenvolvimento da criança, tanto na vitória, como na derrota. A derrota, entretanto, é talvez mais significativa para a criança do que a vitória, pois as vitórias iniciais podem afetar mais seu futuro do que as derrotas. Com relação aos treinadores, é válido dizer que as crianças devem ser incentivadas para praticarem e continuarem nas competições, conseqüentemente, com o tempo, elas aprendem a vencer.

Com relação ao modelo das competições, ainda não se tem o conhecimento científico de desistências de crianças e jovens, em diversas categorias, entre os 8 e 16 anos, em decorrência dos sistemas eliminatórios na primeira rodada. Enquanto são poucos os tenistas que evoluem constantemente nas chaves, a grande maioria perde em diversas oportunidades e, em consequência, abandona o esporte. Muitos atletas o abandonam por não terem sido bem orientados por seus treinadores quanto às vitórias e derrotas, ou então pela pressão excessiva de seus pais, além da iniciação precoce.

A especialização precoce no esporte, assim como a introdução precoce nos torneios, provoca o abandono do esporte por parte de crianças e jovens, pois muitos pais enxergam em seus filhos futuros astros do esporte. Acreditam que eles são os responsáveis por ganharem uma quantidade expressiva de dinheiro em premiações (NOVIKOFF; COSTA; TRIANI, 2012). Nessa mesma linha, Crane e Temple (2015)

defendem o argumento de que o padrão da competição, aspirando resultados no momento de iniciação, não apresenta aspectos significativos na evolução das crianças, o que resulta, em muitos casos, no abandono do esporte. Com isso, surgiu o terceiro tópico do estudo: a importância de uma frequência maior ou menor de competições.

Perduram por décadas teorias que apoiam a frequência nas competições esportivas e teorias contrárias. Para Rose Júnior (2006), a competição, segundo muitos educadores, significa rivalizar, lutar e disputar, separando os melhores dos piores ou os vencedores dos derrotados. Por outro lado, as crianças que continuam a competir, porque são incentivadas internamente por diversos motivos, com a vivência das vitórias, desenvolvem novas aptidões (LIMA, 1987; MARQUES, 2004; BALBINOTTI *et al.*, 2009; WEINBERG; GOULD, 2017).

Atualmente, as confederações e federações têm um calendário repleto de competições. Tanto a Confederação Brasileira de Tênis como a Federação Gaúcha de Tênis oferecem, em quase todas as semanas do ano, competições regionais e nacionais para todos os níveis de tenistas infantojuvenis. Com todos os aspectos apresentados, o presente estudo tem por finalidade **compreender os melhores caminhos para a preparação de crianças e jovens, dos 08 aos 16 anos, identificando os sistemas competitivos ideais.**

Para responder a esse objetivo, faz-se necessário contemplar os seguintes objetivos específicos:

- 1) Analisar a adequação das regras, nas competições infantojuvenis, nas faixas etárias dos 8 aos 16 anos de idade;
- 2) Verificar a evolução da relação pedagógica entre vitórias e derrotas;
- 3) Identificar se frequência das competições está adequada a faixa etária.

Diante do exposto, as percepções dos treinadores constituem elementos fundamentais deste estudo e têm a finalidade de identificar e justificar possíveis traços que confirmem as suas predileções e contentamentos quanto a essas competições e a preparação para elas (CORTELA *et al.*, 2013; 2016a; 2016b).

Assim, a presente pesquisa é composta pelos pressupostos teóricos, que embasam os temas apresentados; pelos procedimentos metodológicos, que

descrevem os caminhos adotados; pela apresentação e interpretação dos resultados, que respondem e exploram as questões de pesquisa; e pela conclusão do estudo, que resume os principais resultados e aponta caminhos futuros.



## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A revisão de literatura será apresentada em cinco seções. A primeira seção remete à Teoria das Competições enquanto um Modelo de Educação de “Crianças e Jovens”, dividindo-se em três âmbitos distintos. Nesta etapa, será exposto o embasamento teórico sobre a adequação das regras das competições, além de uma análise pedagógica sobre vitórias e derrotas e, por fim, a importância da frequência nas competições. Na segunda seção, apresentar-se-á o modelo competitivo no tênis, abordando como o modelo de competição infantojuvenil ocorre nas diversas instituições oficiais do esporte. Na terceira, será apresentado o modo como é formatado o *ranking* infantojuvenil nas federações e confederações. Na quarta, será tematizado como é divulgado o modelo das competições infantojuvenis. E, na quinta última seção deste capítulo, serão abordados os outros modelos praticados em competições oficiais.

### 2.1 A TEORIA DAS COMPETIÇÕES ENQUANTO UM MODELO DE EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS

#### 2.1.1 A adequação às regras a partir da infância

Na literatura, encontramos diferentes abordagens que contemplam a Teoria das Competições. Segundo Marques (2004), diversos educadores eram contrários à introdução do esporte como um padrão de ensino e desenvolvimento dos mais novos. A justificativa se embasava na concepção de que o desporto, por ser especificamente uma atividade de oposição, desenvolvia princípios, na formação das crianças e jovens, que resultavam em disputa e do egocentrismo, prejudicando, assim, os valores da equidade e da reciprocidade. Autores que eram contrários à competição na infância também defendiam que essa busca precoce por resultados nas competições infantojuvenis prejudicariam o tempo de preparação para o aprimoramento do rendimento nos anos seguintes até o alto nível (BOMPA, 2000; BALYI *et al.*, 2004).

Por outro lado, existiam teorias que defendiam que as crianças e os adolescentes deveriam estar realizados com a prática de esportes. Conforme a afirmação de Freire (2012), a competição exige a presença de outro. De forma alguma,

a criança sairá vencedora em uma disputa se não houver outra que vá competir com ela. Logo, isso proporcionaria uma condição por ambição, e, conseqüentemente, a oportunidade de poder jogar divertindo-se e de poder vencer, mesmo com seus limites (ROSE JÚNIOR, 2006). Caminhando na mesma linha teórica, a competição propiciaria a oportunidade de a criança apreciar as suas próprias potencialidades e de realizar comparações com as outras. Os jovens conseguiriam mostrar aquilo de que são capazes e se superar, criando, através de amizades, uma imagem social positiva (MARQUES, 2004). Partindo do mesmo pensamento, o esporte poderia se caracterizar como uma ferramenta de interferência social. Ele se apresentaria sempre na vitrine, pelo fato de a esportividade ser responsável por socializar e ser um caminho importante para estimular a potencialidade de crianças e jovens nas suas principais competências (cognitivas, psicomotoras e socioafetivas) (LAZZARI; THOMASSIM; STIGGER, 2010).

Durante muitas décadas, o regramento das competições no desporto infantil seguiu o modelo adulto (modelo tradicional), causando extrema dificuldade para as crianças, pois somente os mais talentosos evoluíam no esporte. Desde Lima (1987) até Marques (2004), defendeu-se a abolição dos modelos adultos de alto rendimento nas competições infantis. Para Lima (1987), seria fundamental trocar o modelo de competição adulto, caracterizado por conflitos e embates, com intensa agressividade, por uma competição inclusiva, com padrões pedagógicos para o público infantil. Marques (2004) contribui com a afirmação de que todos devem se engajar na criação de padrões de competição para que, em que cada momento da organização, as crianças consigam reconhecer a si próprias nesses projetos criados por adultos. Além dessas afirmações, Marques (2004) reforça que nem o modelo de alto nível, nem o advento de treinamentos mais avançados provocariam resultados mais imediatos e seguros nas crianças.

No âmbito do programa oficial da Federação Internacional de Tênis (2019a), surgiu o questionamento: a concorrência é ruim para a criança? Este programa apresentou, ainda, três influências principais, que determinam quanta concorrência afetaria um jogador:

1. Como os adultos organizavam e estruturavam a competição;

2. A orientação competitiva do jogador (valor colocado em resultados, esforço e melhoria);
3. Como os pais e treinadores se comunicam com os jogadores.

De acordo com Scaglia *et al.* (2013), conforme o jovem se encontra na situação do jogo, ele evolui na atividade. Em consequência dessas ações, ele procuraria aperfeiçoar suas aptidões para cada vez evoluir mais, o que resultaria em triunfo no jogo. Os autores ainda reforçam que os modelos de competições poderiam ser manipulados para que as evoluções dos princípios, provenientes de uma origem curricular, com programações estruturadas, conseguissem contribuir para a formação do perfil desejado do egresso.

É importante ressaltar que insistir no modelo de competições para o público infantil no formato do alto rendimento implica ignorar as necessidades das crianças e o processo de evolução de seus conhecimentos. Isso, por sua vez, causa uma involução de vários elementos, como a motricidade, dimensão psicológica, dentre outros aspectos relevantes. Como consequência desses fatores, a criança pode ficar frustrada, configurando-se como um revés pedagógico (MARQUES, 2004).

Partindo desses pressupostos, a evolução da maturidade infantil – emocional, coletivo e de desempenho – acontece de forma diferente em cada caso, conforme suas características e tempo de processo. Logo, a investigação de um ponto isolado pode trazer perspectivas errôneas, isto é, somente a consideração de crianças habilidosas, por exemplo, provocaria um grave equívoco (GALDINO, 2005).

Em se tratando de equívocos, muitos autores da área da educação, de forma inadequada, defendem que, na infância, não se deve competir ou que somente competir é o que importa. Como resultado, muitas crianças acabam não tendo a dimensão exata do que significava competir. Por esses e outros aspectos, procede a argumentação de Marques e Oliveira (2002), Rose Júnior e Korsakas (2006) e Balbinotti *et al.* (2009). Esses autores sugerem que as competições para crianças e jovens devem passar por uma qualificação, através de uma reconstrução dos modelos de disputa, temas e parâmetros de avaliação. Esse processo atuaria, pedagogicamente, de forma integral na formação do esporte e, também, na educação para a vida, durante todo o processo infantil e de puberdade. Ou seja, os autores defendem uma reestruturação do processo competitivo para crianças e adolescentes

que o separe totalmente do modelo de alto rendimento (modelo adulto). No início desse processo, a ênfase deve sempre recair sobre o avanço das aptidões e o desenvolvimento das competências das crianças e dos adolescentes.

Então, como adequar as regras à infância? A competição já chega, na infância, com atividades lúdicas e recreativas, que incluem desde uma corrida de estafeta até o pega-pega. Com jogos educativos, já se incentiva a criança a participar de momentos de disputa, a fim de que ela, de uma forma inconsciente, participe desses tipos de atividade. Conforme a afirmação de Marques (2004), a criança que aprende a competir está mais bem preparada para a vida, e é dever de todos participar dessa preparação, juntamente com a escola. Contudo, o autor reforça que todos devem se empenhar para agir de forma pedagógica, não interferindo com suas carências e predileções.

O regramento a partir da infância é abordado a partir dos 8 anos de idade, faixa etária que serve de ponto de partida desta pesquisa. Quanto à questão etária, tem-se duas vertentes de pensamento em relação aos estágios da infância: Gallahue e Donnelly (2008), que consideram como segunda infância dos oito aos doze anos de idade; e Papalia, Olds e Feldmann (2013), os quais acreditam que dos seis aos onze anos de idade tem-se a terceira infância.

Nessa fase, em que muitos pais colocam seus filhos em apenas uma atividade esportiva, não é recomendável a especialização no esporte. As crianças devem experimentar diversas atividades, e não uma só, como a maioria dos adultos. A prática de apenas um esporte pode afetar seu desenvolvimento motor e, conseqüentemente, resultar no abandono do esporte. Ademais, a diversidade contribuiria para a lapidação de esportistas a longo prazo, não focalizando-se um tipo de esporte para as crianças. Esse processo evitaria uma especialização precoce dos jovens atletas (KRÖGER; ROTH, 2006; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Diante dos aspectos abordados, surge a necessidade de aprofundar o estudo da adequação às regras esportivas conforme as necessidades das crianças. Segundo diversos autores, a preocupação com modelo adulto resultou na busca de elementos que pudessem propiciar uma remodelação das regras do esporte. Rost (1997), por exemplo, relata que há mais de três décadas foram implementadas, na Alemanha, competições específicas para crianças, com a finalidade de prepará-las para o progresso específico de cada jovem e, conseqüentemente, fomentar a continuidade

na prática esportiva. Marques (2004) comenta que não há a necessidade de as crianças praticarem futebol, por exemplo, em dois times de onze jogadores, pois os primeiros aprendizados são as integrações entre todos e os chutes.

Para entender esse processo, faz-se necessário apontar determinados aspectos pedagógicos que propiciam a adequação das crianças a regras e a novos desafios. Conforme Paes (2006), o regramento sempre deve ser adaptado para as crianças, atendendo, assim, o apelo pedagógico, sendo fundamental satisfazer suas necessidades nos aspectos motor, social, psicológico, filosófico e intelectual.

Greco e Benda (1998), por sua vez, recomendam que as preparações nas fases iniciais constituam o foco principal, para que as crianças se preparem melhor para a fase adulta, realizem uma atividade salutar e desenvolvam o hábito de realizar atividades esportivas. Os autores sugerem nove fases de desenvolvimento humano; entretanto, as fases que são abordadas neste estágio do estudo são: a fase universal (6 a 11 anos), a fase de orientação (11 a 14 anos) e a fase de direção (14 a 16 anos). Nesse processo progressivo, a iniciação ao esporte começa com atividades lúdicas e divertidas e com jogos de integração (fase universal). Em seguida, são introduzidos jogos pré-desportivos e versões adaptadas dos esportes, técnicas e regras, a fim de proporcionar um melhor entendimento e absorção dos conteúdos pelas crianças (fase de orientação). Por fim, pode ocorrer a especialização em uma modalidade de esporte, a partir da qual o jovem realiza o aprimoramento físico, técnico e tático (fase de direção).

Bompa (2006) defende a evolução esportiva multilateral antes da especialização no esporte. As fases apresentadas por Bompa (2006) diferem um pouco das sugeridas por Greco e Benda (1998). Para o autor, a iniciação esportiva deve ocorrer entre os 6 e 10 anos de idade, a formação esportiva entre os 11 e 14 e a especialização entre os 15 e 18.

A título de exemplo, podemos pensar a trajetória da Federação Internacional de Tênis. Há mais de 15 anos, não existia minifutebol. Crianças com menos de 10 anos jogavam futebol em dimensões oficiais. E no tênis? Para aumentar a participação mundial no tênis, a Federação Internacional de Tênis (*International Tennis Federation* – ITF) lançou a campanha *Play and Stay*<sup>1</sup>, em 2007, em Tunes (Tunísia). O lema era

---

<sup>1</sup> *Play and Stay* (terminologia da ITF): “saque, jogue, pontue”.

“saque, jogue e pontue”. A partir desse momento, o tênis passou a ser promovido como divertido, fácil e saudável. Na conferência da *Tennis Europe*, em 2008, em Roterdã (Holanda), a ITF introduziu o *Tennis 10's* como um guia formal para as crianças de 10 anos ou menos, em competições, usarem bolas mais lentas e quadras menores. Em 2012, a ITF anunciou a alteração oficial das regras, incluindo o uso obrigatório das bolas vermelhas (mais lentas), laranjas (mais rápidas do que as vermelhas) e verdes (mais rápidas do que as laranjas e mais lentas do que as amarelas) em quadras de tamanho apropriado. Em 2014, 100% das nações filiadas decidiram proibir o uso de bolas amarelas em competições de atletas com dez anos ou menos (SCHMIDHOFER; LESER; EBERT, 2014).

Muitos participantes pensam que ser competitivo significa ter o desejo de vencer a todo custo e percebem, na competição de tênis, um alto grau de competitividade, com a clássica hora do sorteio, com eliminação, famosa em eventos profissionais. Esse formato não era o que a ITF promoveria para jogadores com 10 anos ou menos. Física e psicologicamente, os pequenos jogadores precisam de uma abordagem muito diferente para o esporte, que incentive jogos curtos, enfatizando a descoberta do jogo, o esforço, a melhoria, a satisfação e a dispensa de resultados e rivalidades individuais (ITF, 2019a).

Com isso, a entidade vem realizando algumas alterações na formatação de disputas, para a iniciação competitiva de crianças e jovens. Há alguns anos, a categoria 8 anos, que era a idade limítrofe de festivais e jogos lúdicos, na denominada “bola vermelha”, agora segue como a primeira categoria competitiva, na “bola laranja”, no programa *Tennis 10's*. Ela é o estágio inicial, tanto para as partidas de simples (individual), como para as disputas de duplas. Contudo, crianças com essa idade, que estão iniciando no esporte e que não têm a experiência de jogos competitivos, podem participar de festivais e eventos lúdicos, chancelados pela entidade mundial. Vale ressaltar que a recomendação da instituição continua sendo a de não permitir a transição das crianças com a faixa etária do modelo *Tennis 10's* (8, 9 e 10 anos) para o modelo tradicional e a criação de *ranking* nessas categorias.

Abaixo, serão sumarizadas as recomendações da Federação Internacional de Tênis para as fases iniciais da competição:

### Instruções da ITF (2019d) para jogadores com 10 anos ou menos:

- A ITF não recomenda que jogadores com menos de 10 anos participem de competições com menores de 12 anos, ao menos em circunstâncias excepcionais, em que os jogadores ficam sujeitos aos regulamentos de competição da respectiva federação nacional em vigor;
- São considerados exemplos de circunstâncias excepcionais:
  - a) Sucesso significativo e resultados competitivos dominantes, em competições com menos de 10 anos, usando a bola verde;
  - b) Competência técnica e tática usando a bola verde durante a competição.
- Jogadores com menos de 10 anos não são elegíveis para participar de qualquer torneio internacional de 12 anos ou menos sancionado por uma associação regional e/ou associação nacional. De acordo com o Regulamento de Elegibilidade para a Idade Júnior da ITF (2019b), a idade do jogador no primeiro dia do sorteio principal do torneio deve ser usada;
- Embora a ITF tenha diretrizes em vigor, dando recomendações sobre idade, bola, quadra e formatos, cabe às associações nacionais decidir quais eventos os jogadores podem jogar. Não há restrições de idade para limitar crianças menores de 10 anos de idade a brincar em eventos nacionais de 12 anos ou menos. Também não há restrições para jogadores com menos de 8 anos de idade jogando no estágio da bola verde (Fase 1);
- A ITF não recomenda que haja classificações nacionais (*ranking* nacional) para as categorias do *Tennis 10's* nem que se formem equipes nacionais de competição nas categorias *Tennis 10's*;
- Recomenda-se que as competições de *Tennis 10's* nacionais sempre ocorram durante os feriados e/ou finais de semana, a fim que as crianças não falem aulas da escola;
- Recomenda-se que não haja competições nacionais individuais para estas categorias. Sugere-se uma competição ao longo do ano de bola verde, em formato de equipes;

- A ITF recomenda, ainda, que, em competições das categorias 12, com bolas verdes e laranja, pelo menos 25% das partidas sejam de duplas.

**As principais regras para as competições no *Tennis 10's*, de acordo com a ITF (2019a) são:**

- Ao invés de utilizar formatos de eliminatória simples, a ITF recomenda usar modelos de partidas múltiplas e festivais que envolvam todos os jogadores, para que participem, pelo menos, de mais de uma partida. De preferência, as crianças devem participar de um mesmo número de jogos, ou próximo a isso;
- Os jogadores devem participar de competições nos modelos *round robin*<sup>2</sup>, *Copa Davis*, ou equipes, um formato de competições programadas, para facilitar as rotações de jogos de maneira eficaz. As competições por equipes são altamente indicadas para o estágio laranja;

O tempo de duração das partidas deve ter no máximo:

1. Laranja: 50 minutos;
2. Verde: 75 minutos.

O sistema de pontuação nas competições:

1. Melhor de 3 *match tie-break*, em 7 pontos;
2. 1 *set* curto em 4 *games*;
3. Melhor de 3 *sets* curtos, em 4 *games*, com desempate em um *match tie-break*, em 10 pontos;
4. Empate em vez de um terceiro *set*;
5. As partidas que forem realizadas com *games* devem utilizar o Sistema *No Ad*<sup>3</sup> (sem vantagem).

---

<sup>2</sup> *Round Robin*: Torneio onde os jogadores jogam em um sistema de todos contra todos.

<sup>3</sup> *No Ad*: Sistema de desempate no *game* em uma partida de tênis. Significa “sem vantagem” em inglês.



Já as competições das demais categorias (11 anos em diante) são formatadas como os eventos eliminatórios tradicionais (modelo adulto). Eles são diferentes de alguns modelos profissionais, como a *Davis Cup*<sup>4</sup>, a *ATP Cup*<sup>5</sup> e a *Fed Cup*<sup>6</sup>, por exemplo. Esse modelo se aplica para os tenistas infantojuvenis, que participam de modelos juniores competitivos mais avançados, sancionados pela ITF, mas não são aconselháveis para jovens que pretendem jogar muitas partidas (ITF, 2019a). Seguem os modelos competitivos eliminatórios:

Quadro 1 – Estágios Laranja, Verde e Amarelo sugeridos pela ITF

ESTÁGIO/ COR	IDADE	DIAS DE COMPETIÇÃO RECOMENDADAS POR ANO	TEMPO DESEJADO	PONTUAÇÃO RECOMENDADA
Tennis 10's Laranja	8 e 9 anos	70 dias	50 minutos	Uma partida em 3 <i>tie-breakers</i> até 7 pontos ou um <i>set</i> curto de até 4 <i>games</i> com o sistema <i>No Ad</i> (sem vantagem) ou por tempo cronometrado.
Tennis 10's Verde	9 e 10 anos	90 dias	75 minutos	Um <i>set</i> curto de até 4 <i>games</i> ou 3 <i>sets</i> curtos com o sistema <i>No Ad</i> com o desempate em <i>match tie-breaker</i> até 10 pontos.
Tênis Amarelo 12 anos	A partir dos 11 anos	Menos de 100 dias	Não se aplica	Três <i>sets</i> em 6 <i>games</i> com vantagem.
Tênis Amarelo Tradicional	Acima dos 12 anos	Modelo adulto	Não se aplica	Três <i>sets</i> em 6 <i>games</i> com vantagem.

Fonte: Adaptado da *International Tennis Federation* (2019c).

Recentemente, pesquisadores avançaram nos estudos do estágio da bola verde e sobre as dimensões da quadra. O primeiro estudo que apresentaremos, realizado por Kachel, Buszard e Reid (2015), examina o efeito da utilização de diferentes tipos de bolas nos padrões observados em situação real de jogo. O estudo foi realizado com vinte crianças (nível nacional), utilizando bolas amarelas e verdes na quadra oficial. O resultado é que as bolas verdes propiciam aos jogadores uma maior agressividade nos *rallys*<sup>7</sup>, melhorando o seu *sweet spot*<sup>8</sup>, além de atingirem uma

<sup>4</sup> Campeonato mundial de tênis por equipes masculino.

<sup>5</sup> Competição por equipes da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP).

<sup>6</sup> Campeonato mundial de tênis por equipes feminino.

<sup>7</sup> *Rallys*: Disputa de pontos durante uma partida.

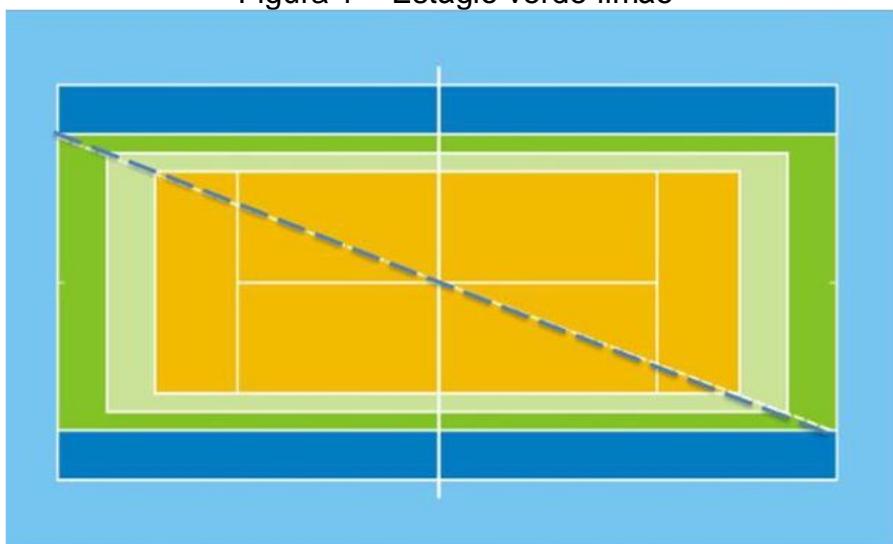
<sup>8</sup> *Sweet spot*: Ponto considerado ideal na raquete, quando a bola bate em suas cordas.

velocidade maior nos golpes, o que resulta em uma quantidade maior de finalizações de pontos na rede, realizando mais voleios.

Schmidhofer, Leser e Ebert (2014) compararam a estrutura de jogo no tênis infantil de elite (quem já compete) e o uso de quadras adaptadas. A quadra laranja foi aumentada em aproximadamente 30% da área. A rede foi aumentada em 5cm (ficando com a altura de 85cm), e as medidas da quadra de simples ficaram em 20,77m por 7,19m. A conclusão foi que jogos em dimensões da quadra laranja se aproximam das características de um jogo profissional; e as dimensões da quadra verde se distanciam desse perfil.

O terceiro estudo, realizado por Bayer, Leser e Ebert (2017), compara a estrutura do jogo de tênis infantil de elite em duas condições distintas de quadra. O objetivo do estudo foi comparar a estrutura dos jogos de tenistas ATP, com as adaptações propostas para o estágio limão e verde. Participaram da pesquisa os 36 melhores tenistas da Austrália de 9 e 10 anos, e os resultados foram animadores. Os jogos da quadra verde-limão, representada na figura abaixo, se aproximaram das características dos jogos dos profissionais, o que indica que esse nível pode ser uma alternativa interessante para a transição nos estágios do *Tennis 10's*.

Figura 1 – Estágio verde-limão



Fonte: Ebert (2012, p. 30).

A mudança de regra no *Tennis 10's* seria uma das mudanças mais importantes que a ITF já realizou no tênis. A entidade fez um apelo a toda a comunidade tenística, pedindo que todos auxiliassem o esporte a crescer e promovessem o aumento da

participação de praticantes, para que o tênis pudesse competir, em questão de popularidade, com outros esportes. Segundo a federação que rege o esporte, urgiu o apelo de que o modelo de alteração nas regras do *Tennis 10's* fosse plenamente aprovado pela população esportiva mundial. Contudo, conforme Gonçalves *et al.* (2016), grande parte das mudanças no formato das competições, recomendada por diversas federações, ainda não foram suficientes para atender às carências de crianças e jovens.

### **2.1.2 A relação pedagógica entre vitórias e derrotas**

A competição é importante porque estimula a criança e o jovem. Independentemente do desfecho de uma partida, da vitória ou da derrota, quando se compete, o desafio é sempre vencer. Muitos erros são decorrentes do excesso de valorização dos resultados, com a finalidade de motivar quem compete (MARQUES, 2004). Seguindo nessa linha de pensamento, conforme o manual de *Tennis 10's* da ITF (2019a), quando os tenistas jogam, eles melhoram suas habilidades e aprendem a competir. Logo, deve haver um empenho claro para o trabalho realizado nos treinamentos, para que as crianças possam notar a melhora em seu nível de habilidade. As crianças que não vencem são incentivadas a continuar participando, associando, assim, a competição ao seu processo de desenvolvimento. Mesmo estando em equipes, elas devem cuidar para não colocar muita ênfase no resultado, pois isso pode causar pressão e decepção desnecessária a todos.

Contrário às afirmações de Marques (2004), apresenta-se o argumento de que não seria salutar em decorrência da busca pela vitória. Conforme Bracht (2005), o modelo do desporto, nos dias atuais, é o do alto rendimento, mesmo ocorrendo em instituições privadas ou de ensino. A busca pela vitória, associada a técnicas avançadas e outros predicados da especialização, proporciona o fim da naturalidade e, conseqüentemente, da prática desportiva.

Por outro lado, para Marques (2004), a competição deve ser um fator de construção do desenvolvimento da criança. Ele ensina que as derrotas não precisam ser dramatizadas e que as vitórias devem ser sempre relativizadas conforme a disputa. Por fim, afirma que a vitória não é mais importante do que a derrota, na iniciação desportiva, pois as vitórias recorrentes no início da formação dos jovens

competidores podem colocá-los em risco mais do que os insucessos. As crianças em formação devem utilizar a competição como uma forma de obter experiências esportivas, como a aprendizagem dos desafios, sem formalidades envolvendo cerimoniais de premiação e vencedores, por exemplo, e sem a obrigação de sobrepujar os seus companheiros (ROSE JÚNIOR; KORSAKAS, 2006).

De acordo com Marques (2004), partindo do pressuposto de que a vitória é um desejo natural de novos desportistas, os treinadores devem se valer das derrotas de seus atletas para ajudá-los a se superar e se preparar para a vida. Nessa ótica, à medida que mais tarefas sejam ofertadas pelo professor/técnico, e essas atividades sejam semelhantes à natureza do jogo, mais efetivamente, o jogador utilizaria os desafios para se superar (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2013).

Segundo Marques (2004), a competição sempre precisa de situações concretas e definitivas, com processos de vitórias e derrotas. Sem elas (vitórias e derrotas), não se pode extrair das crianças e jovens todas as suas qualidades no esporte. A grandeza da vitória e a aceitação da derrota constituem condições para o desporto, e, conseqüentemente, para o aprimoramento do ser humano.

### **2.1.3 A importância da frequência maior ou menor das competições**

No âmbito do desporto, são muito debatidas, por diversos pedagogos e treinadores em geral, a quantidade de competições e a verdadeira importância em competir ou não. De um lado, apresenta-se uma linha pedagógica que defende a participação de crianças e jovens em competições institucionalizadas e no seu dia a dia, a fim de prepará-los para melhores condições na vida adulta. A outra vertente é totalmente avessa a essa teoria. Ela defende que a quantidade de competições deve ser controlada e que a falta de uma preparação adequada pode promover a saída precoce do esporte.

Conforme Marques (2004), no passado, argumentava-se que, para a criança estar mais bem preparada para as competições, ela teria que participar de poucas disputas. Com o decorrer dos anos, o autor declara, conforme fosse aumentando a quantidade de participações em torneios desportivos, o preparo dos atletas também aumentaria. Por isso, as competições deveriam estar adequadas ao padrão dos competidores e não ao modelo de alto rendimento (modelo adulto). Por outro lado,

segundo Bompa (2009), deveria se estabelecer uma quantidade padrão de competições por ano. Para crianças até os 11 anos de idade, o indicado seria de 5 a 10 competições por ano, mesmo em esportes coletivos.

Igualmente, a competição teria uma importância fundamental com relação à preparação dos treinamentos na formação dos jovens. As crianças deveriam se preparar, no decorrer da temporada desportiva, de acordo com a meta individual de cada uma. Elas participariam de uma quantidade expressiva de jogos, resultando em êxito, favorecendo os seus anseios (MARQUES, 2004). De acordo com Rose Júnior e Korsakas (2006), que ressaltam o cunho pedagógico e construtivo do jogo, competições são momentos ofertados aos aprendizes de se defrontarem com disputas e exigências. Um esporte é formado pelo conjunto de ações motrizes com um objetivo: o jogo.

Em oposição a essa afirmação, diversas disputas apresentam imposições psicológicas, físicas e técnicas. Em consequência desses aspectos, a orientação é de não participar de muitas competições (BOMPA, 2009). Segundo as afirmações de Balbinotti, Barbosa e Juchem (2009), a competição no tênis e em diversos esportes individuais pode causar opressões, receios, exigências e decepções nos competidores. Conseqüentemente, haveria muitos perdedores e alguns vencedores. Quem perde constantemente pode não encontrar a motivação para prosseguir competindo.

Para Marques (2004), em primeiro lugar, é extremamente importante a possibilidade de criar o crescimento de eventos competitivos, com modelos apropriados para cada grupo e faixas etárias de crianças e jovens. Isso pode motivar os treinadores a colocar uma quantidade mais expressiva de participantes nas competições, já que suas obsessões por vitórias podem influenciar os seus atletas a participarem de poucas competições. Também pode viabilizar, aos desportistas, a participação do máximo de disputas possíveis, resultando, assim, na possibilidade de proporcionar um maior número de vitórias, e, conseqüentemente, a continuidade na competição esportiva.

A Federação Internacional de Tênis (2019d) sugere que, com uma participação apropriada nas competições, existe uma evolução saudável de crianças e jovens nas suas devidas categorias:

**Recomendações da ITF (2019d) para o *Tennis 10's* para a continuidade nas competições:**

- A ITF recomenda que jogadores com idade entre 8 a 10 anos joguem no estágio laranja e jogadores avançados, entre 9 e 10 anos, no estágio verde. A ITF recomenda que os jogadores só passem de uma etapa para outra quando obtiverem sucesso significativo e resultados competitivos dominantes na competição, laranja ou verde, e quando tiverem competência técnica e tática nos respectivos estágios vermelho, laranja ou verde, durante a competição;
- Um exemplo de uma circunstância excepcional é o sucesso significativo e os resultados competitivos dominantes nas competições de atletas com 10 anos de idade ou menos, usando a bola verde, mais lenta, bem como competência técnica e tática usando a bola verde durante a competição. À medida que os jogadores passam de uma etapa para a próxima, eles devem ser incentivados a continuar jogando em alguma competição da fase anterior para desenvolver ainda mais as habilidades táticas e técnicas.

A Força-Tarefa de Tênis Júnior da ITF (ITF, 2019d) publicou mais recomendações para o concurso de 10/12 e subcategorias para associações nacionais. As recomendações são as seguintes:

- Garantir uma abordagem mais positiva para essas partidas e garantir que todos os jogadores joguem o mesmo número de partidas, independentemente de seus resultados;
- Aos 12 e menores e nos três estágios de 10 e menores, os formatos de partidas múltiplas são altamente recomendados. A pontuação usada é recomendada para aumentar progressivamente a duração das partidas, à medida que o jogador envelhece e/ou progride pelas etapas (de um desempate ao melhor de dois *sets* completos, com um desempate no lugar do terceiro *set*). As partidas programadas agora estão incluídas nas regras de tênis da ITF e são recomendadas para serem usadas nos três estágios, conforme apropriado.

A partir dessas afirmações, a ITF (2019a, p. 67) propõe que:

O jogador quer progredir? Antes de considerar os fatores que determinam se a criança progredirá para o próximo nível, deve-se considerar quais são as suas aspirações. Uma criança que deseja que o tênis faça parte do seu futuro deve desenvolver mais habilidades em cada estágio para alcançá-lo. Isso pode significar ficar mais tempo em um nível específico. Uma criança que passa mais horas na quadra a cada semana terá mais chances de conseguir critérios mais rapidamente, mas pode ser necessário desenvolver outras habilidades superiores, ou ser mais fisicamente desenvolvida, para que não possa avançar para o próximo estágio rapidamente. Sempre deve-se considerar o que o jogador deseja e as necessidades de seu tênis, antes de decidir se o jogador deve progredir ou permanecer no estágio atual.

Conforme essas afirmações, é possível considerar que é de suma importância que sejam respeitadas a vontade e a liberdade de cada criança. Seguindo o princípio da individualidade humana, percebe-se que cada pessoa responde a um estímulo de forma diferente, e com os tenistas jovens não é diferente. Alguns evoluem com maior intensidade e outros não, por isso, deve-se respeitar a evolução de todos, em suas características e valências, a fim de que a criança e o jovem possam sentir a sua evolução e prosseguir o máximo possível no esporte.

## 2.2 O TÊNIS (O MODELO COMPETITIVO)

### 2.2.1 O Modelo de Competição Infantojuvenil na Confederação Sul-Americana de Tênis (COSAT)

A Confederação Sul-Americana de Tênis (*Confederación Sudamericana de Tenis*), também conhecida como COSAT, é uma associação que foi fundada no dia 20 de outubro de 1947. A entidade que rege o tênis em toda a América do Sul é uma afiliada da Federação Internacional de Tênis (*International Tennis Federation – ITF*). Ela é composta por 10 países, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e Venezuela. Sua sede se localiza na cidade de Assunção, no Paraguai. Todo o circuito é formado por diversos torneios pela América do Sul, iniciando, geralmente, em um ano e finalizando no verão do ano seguinte. Além dos torneios abertos, a entidade organiza o Campeonato Sul-Americano por Equipes e a Copa COSAT.

O regramento da entidade estabelece que a competição infantojuvenil seja realizada nos moldes do alto rendimento (modelo adulto), semelhante ao profissional. As disputas dos torneios são realizadas nas categorias de simples (individual) e duplas. Esse órgão é responsável por gerir as competições nas respectivas categorias:

- a) Gira COSAT (torneio com as 10 competições mais importantes infantojuvenil na América do Sul);
- b) *Master* 12 anos masculino e feminino; competição oficial sul-americana de seleções da modalidade;
- c) 14 anos masculino e feminino;
- d) 16 anos masculino e feminino;
- e) Campeonato Sul-Americano de seleções por equipes 14 anos masculino e feminino;
- f) Campeonato Sul-Americano de seleções por equipes 16 anos masculino e feminino;
- g) Copa COSAT – Torneio Individual entre os 12 tenistas, representando cada país da América do Sul e convidados da América Central.

A Gira COSAT é realizada todos os anos, em diferentes localidades da América do Sul. Os melhores classificados nesse circuito se qualificam para a Gira Europeia, que reúne os melhores tenistas dessas categorias no mundo, nos 14 e 16 anos masculino e feminino. No Brasil, são realizados 7 torneios, que contam pontos para esse circuito:

- **Londrina Cup:** Realizado na cidade de Londrina, no estado do Paraná;
- **Curitibano Juniors Cup:** Realizado na cidade de Curitiba, no estado do Paraná;
- **Bahia Juniors Cup:** Realizado na cidade de Salvador, no estado da Bahia;
- **Copa Santa Catarina de Tênis:** Realizado na cidade de Itajaí, no estado de Santa Catarina;
- **Semana Guga Kuerten:** Realizado na cidade de Florianópolis, no estado de Santa Catarina;



- **Brazil Juniors Cup:** Realizado na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul;
- **Banana Bowl:** Realizado na cidade do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro.

O *Master 12 anos* é a competição oficial sul-americana de seleções da modalidade. O sistema de competição é realizado por equipes, e os três primeiros colocados ganham o direito de participar do mundial de equipes. O campeonato Sul-Americano por equipes (seleções), onde são convocados três atletas por país, é realizado uma vez por ano, nas categorias 14 e 16 anos masculino e feminino. Esse torneio é realizado no formato de disputa semelhante a Copa Davis. São realizadas duas partidas de simples, e uma de duplas, onde os atletas, que representam os seus respectivos países, iniciam os confrontos em uma fase inicial de grupos, semelhante à Copa COSAT. As equipes com maior número de vitórias avançam para outras fases da competição. Elas competem com outras seleções, que também venceram, até chegar a um vencedor. É uma competição que segue os moldes da Federação Internacional de Tênis por equipes (COSAT, 2019).

A Copa COSAT, diferentemente do campeonato sul-americano de equipes, é disputada no modelo individual. É uma competição onde 12 atletas são convocados, um de cada país da América (nessa competição, tenistas da América Central também participam), e se enfrentam da seguinte forma:

- 1) Formam-se quatro grupos com três jogadores, que jogam entre si;
- 2) Se o atleta fica em primeiro lugar no grupo, ele automaticamente se classifica para a semifinal, jogando contra os primeiros colocados dos demais grupos;
- 3) Se fica em segundo lugar, ele disputa uma semifinal com os segundos colocados dos demais grupos, disputando do 5º lugar ao 8º;
- 4) Se fica em último no seu grupo, disputa uma semifinal com os outros tenistas dos demais grupos, disputando do 9º lugar ao 12º.

## 2.2.2 O Modelo de Competição Infantojuvenil na Confederação Brasileira de Tênis (CBT)

A Confederação Brasileira de Tênis (CBT) foi fundada em 19 de novembro de 1955. Essa entidade rege todas as competições a nível nacional, nas categorias *kids*, juvenil, adulto, profissional e de cadeira de rodas. Ela comanda todas as confederações em âmbito nacional (CBT, 2020a). As categorias que a Confederação supervisiona no âmbito para crianças e jovens são as seguintes:

- *Kids* (8 aos 11 anos);
- Juvenil (12 aos 18 anos).

Com relação à categoria *kids*, foi criada uma categoria especial, a de 11 anos. Essas crianças participam das competições somente com a bola verde nas dimensões oficiais. Esse nível foi criado com o propósito de proporcionar uma transição mais tranquila às crianças que saem do estágio verde e serve, principalmente para os tenistas que ainda não apresentam condições necessárias, para passar para os padrões tradicionais do tênis competitivo. Nas demais categorias, o sistema de competições tem as seguintes normas:

### ***Tennis Kids* – Correspondente ao *Tennis 10's* da ITF (CBT, 2020g):**

- 1) As competições de *Tennis Kids* devem ter a duração de apenas um final de semana. Esses torneios fazem parte do Circuito Nacional *Tennis Kids*, organizado pela CBT e pelas federações com duração de três dias;
- 2) Empresas ou promotoras que desejam realizar competições desse naipe devem solicitar a anuência da Confederação, a fim de que os eventos organizados por elas possam ser homologados pela entidade.

### **Categorias *Tennis Kids* (CBT, 2020g):**

- **Até 8 anos:** Tenistas que completam 9 anos no ano vigente não podem participar dessa modalidade;

- **Até 9 anos:** Tenistas que completam 10 anos no ano vigente não podem participar dessa modalidade;
- **Até 10 anos:** Tenistas que completam 11 anos no ano vigente não podem participar dessa modalidade;
- **Até 11 anos:** Tenistas que completam 12 anos no ano vigente não podem participar dessa modalidade.

As demais categorias seguem o modelo adulto:

- **12 anos:** Tenistas que completam 13 anos no ano vigente não podem participar dessa modalidade;
- **14 anos:** Tenistas que completam 15 anos no ano vigente não podem participar dessa modalidade;
- **16 anos:** Tenistas que completam 17 anos no ano vigente não podem participar dessa modalidade.

A composição das chaves das categorias *Kids* da Confederação Brasileira de Tênis segue as orientações da ITF com algumas diferenças, porém todas são chanceladas pela entidade máxima do esporte. Ocorrem, entretanto, as denominadas Competições em Formato de Chave Eliminatória e a Chave de Incentivo (competições para quem perdem na primeira rodada) . Crianças em um nível mais competitivo que já têm 11 anos podem participar da categoria 12 anos. A tabela a seguir salienta a formatação das chaves nas respectivas modalidades (CBT, 2020e; 2020f; 2020g):

Quadro 2 – Sistemas de organização das chaves, quadras e formatos de disputas nos estágios laranja, verde e amarelo sugeridos pela CBT

ESTÁGIO/ COR	IDADE	QUADRA UTILIZADA	BOLA UTILIZADA	PONTUAÇÃO
<i>Tennis Kids</i> Laranja	8 e 9 anos	18 x 6,5 metros	Laranja	Melhor de três sets curtos (4 <i>games</i> ), sem vantagem, com o set iniciando em 2x2 e <i>tie-break</i> de sete pontos, caso haja empate em 6x6. Em caso de empate entre os sets, será jogado um <i>match tie-break</i>
<i>Tennis Kids</i> Verde	10 anos	Dimensão oficial	Verde	Melhor de três sets curtos (4 <i>games</i> ), sem vantagem, com o set iniciando em 2x2 e <i>tie-break</i> de sete pontos, caso haja empate em 6x6. Em caso de empate entre os sets, será jogado um <i>match tie-break</i>
<i>Tennis Kids</i> Verde	11 anos	Dimensão oficial	Verde	Três sets em 6 games com vantagem. Caso haja empate em 6x6, será jogado um <i>match tie-break</i> em 7 pontos.
Categoria acima de 11 anos	12, 14 e 16 anos	Dimensão oficial	Amarela	Três sets em 6 <i>games</i> com vantagem. Caso haja empate em 6x6, será jogado um <i>match tie-break</i> em 7 pontos

Fonte: Adaptado da Confederação Brasileira de Tênis (2020e; 2020f; 2020g).

Conforme apresentado na tabela, verifica-se uma diferença na apresentação da pontuação, nas categorias 8, 9 e 10 anos, com relação à ITF. Segundo a CBT (2020e; 2020f; 2020g), esse formato de pontuação diminui o processo de frustração dos participantes. Assim, quando as crianças perdem, elas não sentem tanto o peso de levar um placar mais dilatado, como um 6x0, ficando o mesmo como 6x2. Desse modo, ela tem a sensação de que a partida foi mais disputada.

### 2.2.3 O Modelo de Competição Infantojuvenil na Federação Gaúcha de Tênis (FGT)

A Federação Gaúcha de Tênis foi fundada em 9 de abril de 1929, com a denominação de Federação Rio-Grandense de Tênis (FRGT), na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul (FGT, 2020b). Conforme as demais federações, que regem a competição em seus estados, a FGT (2020a s./p.) segue as diretrizes da maior entidade de tênis do país, a Confederação Brasileira de Tênis:

A FGT, visando o desenvolvimento do esporte, participará, organizará, autorizará ou promoverá competições em parceria com clubes, academias e empresas promotoras, com observância deste Regulamento, das normas estabelecidas pela CBT e das regras internacionais.

As categorias que formam as competições infantojuvenis são as seguintes (FGT, 2020a):

- 1) 9 anos masculino e feminino (bola laranja);
- 2) 10 anos masculino e feminino (bola verde);
- 3) 12 anos masculino e feminino (bola amarela);
- 4) 14 anos masculino e feminino (bola amarela);
- 5) 16 anos masculino e feminino (bola amarela).

Observa-se que, mesmo seguindo as normas da Confederação, a Federação promove alterações, principalmente no âmbito infantojuvenil e *kids* (FGT 2020a):

- 1) Os jogos de simples nas categorias infantojuvenil são jogados em 2 *sets* normais com *tie-break*, e o terceiro *set*, se for o caso, é disputado com um *super tie-break* até 10 pontos;
- 2) Os jogos de duplas são disputados em dois *sets* com *tie-break* (sem vantagem), e o terceiro, se for o caso, é disputado com um *super tie-break* até 10 pontos. Em caso de mau tempo, o árbitro geral pode usar o *set pro* até 8 *games* ou *short sets* jogados em dois *sets* curtos até 4 *games* (3x3 vai a 5 *games* e 4x4 desempata-se com *tie-break*), e o terceiro, se for o caso, é disputado com um *super tie-break* até 10 pontos.

## 2.3 OUTROS MODELOS PRATICADOS DE COMPETIÇÕES

### 2.3.1 O Circuito de Tênis Gaúcho (CTG)

O Circuito de Tênis Gaúcho surgiu no ano de 2007. Esse modelo de competição iniciou com outro nome, Circuito SCA, e teve a participação de diversos clubes do Rio Grande do Sul. Esse circuito tinha como finalidade fomentar o tênis infantojuvenil, massificando o público infantil. As etapas eram sempre realizadas em municípios do interior e na capital, com localização estratégica para alcançar todas as regiões do estado.

A formatação do modelo de competição do circuito vinha ao encontro das recomendações da ITF, CBT e FGT, porém a Federação criou um modelo ainda mais interessante: a competição em grupos. Todos os participantes, na primeira fase, obrigatoriamente, participam por uma fase de grupos, em que, mesmo perdendo, a criança ou o jovem tem a possibilidade de jogar outras partidas. Após a classificação na fase de grupos, os tenistas se enfrentam no sistema tradicional (eliminatório).

Nos últimos anos, foram criadas categorias 1 e 2 (por exemplo, categoria 12 anos A, B e C), com a finalidade de colocar as crianças no seu determinado nível. Com isso, as disputas dos jogos se tornaram mais equilibradas, propiciando aos participantes a possibilidade real de obter vitórias, mesmos sendo bem iniciantes no esporte.

Quadro 3 – O modelo realizado no Circuito de Tênis Gaúcho

IDADES	CATEGORIAS	FORMATOS
8 anos	8 Anos (Bola vermelha)	Festival
9 Anos	9 Anos (Bola laranja)	1ª fase de grupos, enfrentando-se todos entre si (grupos de 3 ou 4 tenistas, por exemplo), seguida por fases eliminatórias (oitavas, quartas, semifinais, finais)
10 Anos	10 Anos - 1 10 Anos - 2 (Bola verde)	1ª fase de grupos, enfrentando-se todos entre si (grupos de 3 ou 4 tenistas, por exemplo), seguida por fases eliminatórias (oitavas, quartas, semifinais, finais)
11 Anos	11 Anos - 1 11 Anos - 2 (Bola verde)	1ª fase de grupos, enfrentando-se todos entre si (grupos de 3 ou 4 tenistas, por exemplo), seguida por fases eliminatórias (oitavas, quartas, semifinais, finais)
12 Anos	12 Anos 12 Anos - 1 12 Anos - 2 (Bola amarela)	1ª fase de grupos, enfrentando-se todos entre si (grupos de 3 ou 4 tenistas, por exemplo), seguida por fases eliminatórias (oitavas, quartas, semifinais, finais)
14 Anos	14 Anos 14 Anos - 1 14 Anos - 2 (Bola amarela)	1ª fase de grupos, enfrentando-se todos entre si (grupos de 3 ou 4 tenistas, por exemplo), seguida por fases eliminatórias (oitavas, quartas, semifinais, finais)
16 Anos	16 Anos 16 Anos - 1 16 Anos - 2 (Bola amarela)	1ª fase de grupos, enfrentando-se todos entre si (grupos de 3 ou 4 tenistas, por exemplo), seguida por fases eliminatórias (oitavas, quartas, semifinais, finais)

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Com esse modelo de competição, verificou-se uma maior resiliência dos jovens com relação às derrotas, e, conseqüentemente, uma redução nas saídas precoces no tênis de formação no estado. Por fim, esse circuito tem por finalidade fazer com que somente tenistas em formação participem. Quem se situa muito bem no *ranking*

nacional ou estadual deve participar em uma categoria acima ou não participar mais do circuito.

Figura 2 – Formatação dos grupos do CTG

 <b>GRUPOS</b> <b>CIRCUITO DE TÊNIS GAÚCHO – 3ª ETAPA – SOG</b> <b>MASCULINO</b> 			
<b>09 M</b>	<b>Grupo A</b>	<b>Grupo B</b>	<b>Grupo C</b>
	C.Andretta(BOH) L.Lazzari(ALJ) G.Kruse(AVA)	F.Mentz(ALJ) J.Mello(CTC) J.Muniz(DTZ)	F.Chaves(GNU) A.Predebon(ALJ) R.Pizzato(DTZ)
	<b>Grupo E</b>		<b>Grupo D</b>
	F.Guindani(ALJ) G.Finkiesztejn(AVA) R.Edelweiss(ALJ)		H.Brasil(GNU) R.Jou(ALJ) F.Colvero(AVA)

Fonte: Federação Gaúcha de Tênis (2018b).

Figura 3 – Formatação da programação do CTG

 <b>Circuito de Tênis Gaúcho– 3ª Etapa</b> <b>SOGIPA</b> <b>08JUN18 – Sexta-feira – SOG</b> 					
<b>13:00</b>	12 MB	E.Silva(DTZ)	X	R.Bozko(ALJ)	A
	12 MB	H.Barcellos(ALJ)	X	R.Muller(SOG)	B
	12 MB	L.Einsfeld(SOG)	X	A.Cavalheiro(ALJ)	C
	12 MB	R.Padilha(DTZ)	X	F.Mota(ALJ)	E
	12 MC	T.Oliveira(DTZ)	X	P.Pereira(AVA)	A
	12 MC	P.Russowski(GNU)	X	E.Paz(WBD)	B
	12 MC	J.Medina(SOG)	X	E.Bittar(AVA)	C
	12 MC	T.Colvero(AVA)	X	L.Ledermann(GNU)	E
<b>Seguir</b>	12 MC	L.Mattos(WBD)	X	D.Urbano(AL)	D
	14 MA	L.Santos(ALJ)	X	J.Hruby(ALJ)	A
	14 MA	F.Coimbra(ALJ)	X	F.Madoery(ALJ)	B
	14 MA	G.Garbarski(ALJ)	X	A.Borges(ALJ)	C
	14 MA	T.Piffero(SOG)	X	P.Dietrich(GNU)	C
	14 MB	J.Colossi(ALJ)	X	G.Rosset(GNU)	A
	14 MB	J.Krahe(ALJ)	X	V.Pereira(WBD)	B
	14 MB	A.Crescente(ALJ)	X	J.Oliveira(SOG)	C

Fonte: Federação Gaúcha de Tênis (2018a).

### 2.3.2 A Copa RS de Tênis Infantojuvenil

A Copa Rio Grande do Sul (Copa RS) de Tênis teve a sua primeira edição no ano de 1964, sendo considerada, até hoje, a competição mais tradicional do esporte infantojuvenil no estado. A competição é realizada todos os anos, e as principais

equipes de tênis do estado participam desse evento. Com o propósito de mobilizar o tênis no interior do estado, a organização sempre realiza a competição nessa região. O torneio é sempre disputado em um período de quatro dias (um feriado de quinta-feira, mais sexta-feira, sábado e domingo) (FGT, 2020a).

As competições são realizadas no modelo tradicional do esporte (alto rendimento), com chave aberta e eliminatória. As modalidades em disputa são as partidas de simples e duplas. Cada tenista que vence um jogo acrescenta uma pontuação para os clubes na classificação geral da competição.

Com a finalidade de prestigiar mais os tenistas que perdem na primeira rodada, a organização do torneio (a Federação), criou a chave incentivo. Os tenistas que perdem entram em uma nova chave, com a possibilidade de participar de um novo torneio, nas duas modalidades, simples e duplas (masculino e feminino), valendo premiação e, também, pontos para o *ranking* estadual da modalidade.

No final das disputas são definidos os campeões de simples e duplas, nos naipes masculino e feminino. Ao final dos jogos, são definidas as equipes melhor colocadas, e dentre elas, o grande clube campeão.

### **2.3.3 A Copa Guga Kuerten**

A Copa Guga Kuerten surgiu no ano de 2009, em Florianópolis, idealizada pelo ex-tenista número 1 do mundo e Tricampeão do Torneio de Roland Garros, Gustavo Kuerten. Guga, como é mais carinhosamente chamado, sonhava em retribuir todas as alegrias e conquistas que teve com o esporte. A expectativa principal dos organizadores do evento era de que todas as crianças e jovens que participassem dessa competição vivenciassem um clima de competição, semelhante aos tenistas que participavam do circuito profissional de tênis no mundo (SEMANA GUGA KUERTEN, 2019b).

Já na primeira edição, foram reunidas no evento, ao total, mais de 30 mil pessoas, com eventos paralelos por diversas localidades da cidade, como *shoppings* e escolas, por exemplo. Houve, também, uma partida exibição entre Gustavo Kuerten e Sergi Bruguera, reeditando a final da primeira conquista de Guga, no Roland Garros. Durante o decorrer dos anos, nas edições seguintes, surgiram mais novidades, como a introdução de torneios para cadeirantes, *beach tennis* e torneios seniores,



evidenciando, assim, a finalidade da Copa Guga Kuerten: a inclusão. Em cada ano, ocorreram também as partidas exibição, com os ex-tenistas profissionais Yevgeny Kafelnikov, Carlos Moya e Nicolás Lapentti (SEMANA GUGA KUERTEN, 2019a).

Outro fato importante ocorreu nos anos de 2012 e 2013: o Festival de Mini Tênis. Em 2012, foram mais de 120 participantes, no ano seguinte, o número subiu para perto de 300 participantes, quase triplicando o número de crianças. Isso mostrou o sucesso da competição, que indicava estar no caminho certo. O modelo de competição realizado na Copa Guga segue os modelos adotados na ITF, na COSAT e na CBT. No âmbito infantojuvenil, conta com participantes de mais de 20 nacionalidades (2018), e, nas competições nacionais (*Tennis Kids* e 12 anos), com 284 participantes (2017) (SEMANA GUGA KUERTEN, 2019a).

O formato das competições da Copa Guga Kuerten apresenta-se da seguinte maneira:

Categorias *Tennis Kids* (CBT, 2020h):

- **Até 8 anos:** Tenistas que completam 9 anos no ano vigente não podem participar dessa modalidade;
- **Até 9 anos:** Tenistas que completam 10 anos no ano vigente não podem participar dessa modalidade;
- **Até 10 anos:** Tenistas que completam 11 anos no ano vigente não podem participar dessa modalidade;
- **Até 11 anos:** Tenistas que completam 12 anos no ano vigente não podem participar dessa modalidade.

As demais categorias seguem o modelo adulto (CBT, 2020h):

- **12 anos:** Tenistas que completam 13 anos no ano vigente não podem participar dessa modalidade;
- **14 anos:** Tenistas que completam 15 anos no ano vigente não podem participar dessa modalidade;
- **16 anos:** Tenistas que completam 17 anos no ano vigente não podem participar dessa modalidade.

### 2.3.4 O Campeonato Brasileiro Interclubes Infantojuvenil (CBI)

O Campeonato Brasileiro Interclubes Infantojuvenil foi idealizado pelo Comitê Brasileiro de Clubes (CBC), em parceria com a Confederação Brasileira de Tênis (CBT). Ele é realizado em forma de circuito, durante todo o ano. O modelo de competição utilizado é o de alto rendimento (adulto), em caráter eliminatório.

Essa competição, atualmente, é dividida em 8 etapas que ocorrem em diferentes capitais do território nacional, e mais uma etapa *Masters*, disputada em formato de equipes. As etapas estão divididas nas seguintes capitais (CBC, 2020a):

- **1ª Etapa:** Salvador (Bahia);
- **2ª Etapa:** Caxias do Sul (Rio Grande do Sul);
- **3ª Etapa:** Belo Horizonte (Minas Gerais);
- **4ª Etapa:** Belém (Pará);
- **5ª Etapa:** Uberlândia (Minas Gerais);
- **6ª Etapa:** Curitiba (Paraná);
- **7ª Etapa:** Criciúma (Santa Catarina);
- **8ª Etapa:** São Paulo (São Paulo);
- **Etapa *Master* (equipes):** Florianópolis (Santa Catarina).

### 2.3.5 A Copa das Federações

A Copa das Federações é um campeonato realizado pela Confederação Brasileira de Tênis, já há algumas décadas, e tem por finalidade reunir todas as seleções infantojuvenis dos estados da Confederação, na mesma época do campeonato brasileiro individual (Brasileirão). Essa competição é realizada durante o período de quatro dias e, desde o ano passado, inclui as categorias 9 e 10 anos nas disputas, mas sem fins de pontuação e de *ranking*. As demais categorias disputam as modalidades de simples e duplas, por equipes, no modelo tradicional do esporte de alto rendimento, muito semelhante à Copa Davis (CBT, 2020d).

As categorias em disputa são as seguintes:

- 9 anos masculino e feminino;

- 10 anos masculino e feminino;
- 12 anos masculino e feminino;
- 14 anos masculino e feminino;
- 16 anos masculino e feminino;
- 18 anos masculino e feminino.

Cada estado pode inscrever, no máximo, uma equipe por modalidade. Todos os competidores devem estar com a sua filiação em dia com a Confederação. Se algum(a) atleta não estiver devidamente inscrito, a equipe pode ser eliminada da competição.

Quadro 4 – O modelo de disputa dos confrontos da Copa das Federações

QUANTIDADE DE EQUIPES	FORMATAÇÃO
Provas com duas equipes	Quatro simples e uma dupla
Provas com três equipes	<i>Round robin</i>
Provas com quatro equipes ou mais	Eliminatória simples

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

As formas de disputa são realizadas entre as equipes:

- 1) São realizados três confrontos entre cada estado, duas simples e uma dupla;
- 2) Cada confronto consiste em uma partida de três *sets* sem vantagem e, em caso de empate, de um desempate com um *match tie-break*;
- 3) A ordem dos jogos é a seguinte:
  - **1º Confronto:** Jogador 2 x Jogador 2;
  - **2º Confronto:** Jogador 1 x Jogador 1.

Em caso de confronto já finalizado, a dupla deve ocorrer de qualquer forma.

Com relação à elaboração das chaves e à pontuação, tem-se:

- 1) A elaboração das chaves é formatada conforme a classificação de cada atleta das equipes;

- 2) Nas categorias masculinas, apresentam-se as divisões A e B. No feminino, há somente uma divisão.

Quadro 5 – O sistema de pontuação da Copa das Federações

DIVISÃO A		DIVISÃO B	
Campeã	20 pontos	Campeã	10 pontos
Vice-campeã	16 pontos	Vice-campeã	8 pontos
3º Lugar	12 pontos	3º Lugar	6 pontos
4º Lugar	10 pontos	4º Lugar	4 pontos
Quartas de Final	8 pontos	Quartas de Final	3 pontos

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

A federação que somar o maior número de pontos, somados às duas divisões, é declarada campeã.

### 2.3.6 O Campeonato Brasileiro (Brasileirão)

O Campeonato Brasileiro Infantojuvenil de Tênis, mais conhecido como Brasileirão, surgiu há muitas décadas, tendo, em algumas épocas, grande *glamour* e, em outras, sendo esquecido, resultado de uma falta de valorização dos participantes (REVISTA TÊNIS, 2010). O Brasileirão e a Copa das Federações são realizados no mesmo mês. Esses dois eventos foram estrategicamente aproximados e ocorrem durante as férias de inverno das crianças e jovens competidores, com a finalidade de reunir o maior número possível de tenistas e os melhores tenistas do país no mesmo período, para elevar o nível dessas competições nacionais.

Quadro 6 – O modelo de competição do Brasileirão

	CHAVE GA (GRUPO PRINCIPAL) 12/14/16, 18 ANOS E <i>TENNIS KIDS</i>	CHAVE G1 12/14/16, 18 ANOS E <i>TENNIS KIDS</i>
Simples Masculino	48 tenistas, sendo os 42 melhores no <i>ranking</i> inscritos na prova. Os demais entram com convite ( <i>wild card</i> ).	Chave aberta, composta com os demais inscritos na prova
Duplas Masculino	Para todo tenista inscrito na chave de GA de simples.	24 duplas selecionadas de acordo com a soma dos <i>rankings</i> nacional de simples dos parceiros
Simples Feminino	48 tenistas, sendo os 42 melhores no <i>ranking</i> inscritos na prova. Os demais entram com convite ( <i>wild card</i> ).	Chave aberta, composta com as demais inscritas na prova
Duplas Feminino	Para toda a tenista inscrita na chave de GA de simples.	24 duplas selecionadas de acordo com a soma dos <i>rankings</i> nacional de simples dos parceiros

Fonte: Adaptado de Confederação Brasileira de Tênis (CBT, 2020b).

O modelo de pontuação das chaves do Campeonato Brasileiro Infantojuvenil individual pertencente ao GA serve para o sistema de *ranking* da CBT como GA+ e o G1 como G1+ (CBT, 2020b).

Quadro 7 – Grupos e pontuação do Brasileiro

Grupos	A+	A
Campeão	350	200
Finalista	300	160
Semifinalista	250	120
Quartas de Final	200	70
Oitavas de Final	100	40
16ª de Final	50	20
32ª de Final ou mais	30	10
64ª de Final ou mais	1	1

Fonte: Adaptado de Confederação Brasileira de Tênis (CBT, 2020b).

### 2.3.7 O Torneio Banana Bowl

O Torneio Banana Bowl surgiu no ano de 1968, durante o congresso do Campeonato Sul-Americano de Tênis, em Caracas, na Venezuela. O nome do torneio foi sugerido pelo presidente da Federação Paulista de Tênis da época, Alcides Procópio. A competição, já no início, teve uma ótima repercussão, ganhando o apoio de diversos países da América do Sul. A primeira competição foi realizada não oficialmente, em 1969. Durante a década de 70, a competição foi realizada em diversas localidades do estado de São Paulo, e, no ano de 1977, ocorreu uma final histórica entre os lendários tenistas (ainda infantojuvenis) Ivan Lendl e John McEnroe. McEnroe, naquele ano, venceu, pela primeira vez, um campeonato *Grand Slam* adulto (Roland Garros/Duplas Mistas), além de chegar à semifinal de simples em Wimbledon (BANANA BOWL, 2019).

Diversos tenistas de renome mundial participaram desse importante torneio, como Gustavo Kuerten (Brasil), Fernando Meligeni (Brasil), Thomas Muster (Áustria), Yannick Noah (França), Juan Martin del Potro (Argentina), dentre outros. Uma curiosidade com relação ao tenista brasileiro Fernando Meligeni: na época, ele venceu a competição juvenil, mas sua nacionalidade ainda era argentina. Após essa conquista, Meligeni se naturalizou brasileiro. Outra curiosidade: o tenista gaúcho Orlando Luz se sagrou bicampeão da competição (2015), terminando com o jejum de títulos para o Brasil, que perdurara por 33 anos (BANANA BOWL, 2019).

Figura 4 – Modelo de chave do Banana Bowl

CAB		CLB	UF	TENISTA		
1	1	RJ	RS	203440-Pietra Rosolen Rivoli	Pietra Rivoli	
2				BYE		
3		SPFC	SP	205334-Alice Ghiraldi Cardoso de Oliveira	Alice Ghiraldi	
4		RJ		216889-Beatriz Rangel Mariano da Silva	4x2 4x0	
5			SP	218199-Lais Mika Shibata	Lais Shibata	
6		AL		42383-Hanny Maria Sampaio Monteiro	4x0 4x2	
7				BYE		
8	5	AD	SP	206951-Leticia Faleiros de Almeida Marangoni	Leticia Marangoni	
9	4	IT	SP	55380-Julia Sekine Miranda	Julia Miranda	
10				BYE		
11		CTTMC	SP	215721-Isabela De Mattos Silva	Isabela Mattos	
12		ECP	SP	55959-Gabriela Chiyo Soares Castro	2x4 4x1 10x8	
13		PIC	MG	213760-Isabela Gontijo Campos	Luiza Viesi Pereira	
14		CPM	SP	58813-Luiza Viesi Santoro Pereira	4x0 4x2	
15				BYE		
16	6		BA	207133-Mariana Matos de Mello Ferreira	Mariana Ferreira	
17	7	SHC	SP	54186-Sofia Omati Albieri	Sofia Albieri	
18				BYE		
19		AM		215604-Beatriz Nahmias Melo Rodrigues	Julia Schemidt	
20		RJ		216531-Julia De Araujo Jorge Schemidt	4x1 4x0	
21		AABB	DF	122687-Carolina de Fátima Dias de Castro	Carolina Castro	
22		CTTMC	SP	215803-Lorena Moraes Pasetto	4x0 4x1	
23				BYE		
24	3	PRBRA	DF	202374-Clara Mendes Coelho	Clara Coelho	
25	8	TCS	SP	204719-Luisa Derito Sarto Costa Guimaraes	Luisa Guimaraes	
26		CSN	RJ	213374-Thais Soares Augusto	4x0 4x1	
27		TCS	SP	203416-Giovanna de Andrade Rodrigues Ribeiro	Giovanna Ribeiro	
28		PR		209917-Nicole Moura	WO	
29		PR		207380-Victória Luiza Caetano de Barros	Victória Barros	
30		CIR	SP	55193-Maria Paula Augusto Pittigliani	5x3 5x4	
31				BYE		
32	2		DF	203840-Helena Piquet	Helena Piquet	

Cabeças de chave			
1º	Pietra Rosolen Rivoli		
2º	Helena Piquet		
3º	Clara Mendes Coelho		
4º	Julia Sekine Miranda		
5º	Leticia Faleiros de Almeida Marangoni		
6º	Mariana Matos de Mello Ferreira		
7º	Sofia Omati Albieri		
8º	Luisa Derito Sarto Costa Guimaraes		

Fonte: Tênis Integrado (2020, s./p.).

Após passar por diversas cidades, em diferentes locais do país (São Paulo, Rio Grande do Sul), essa competição atualmente é realizada, de forma simultânea, nas cidades de Criciúma – com o *Tennis Kids* (CBT) e os 18 anos (ITF) – e no Rio de Janeiro – com os 12 anos (CBT) e os 14 e 16 anos (COSAT). O modelo de disputa dessa competição é o de alto rendimento, como nos torneios profissionais.

### **2.3.8 O Torneio Brasil *Juniors Cup***

O Torneio Brasil *Juniors Cup*, de todos os torneios já citados neste estudo, é o mais novo, com apenas dois anos de existência. Contudo, esse evento vem com a bagagem de um grande e tradicional campeonato, que ocorreu no estado do Rio Grande do Sul por três décadas, a Copa Gerdau.

Em 1983, a promotora Protenis Promoções Esportivas criou, juntamente com a empresa Gerdau, um torneio infantojuvenil com o propósito de mobilizar o tênis no estado. Com o decorrer dos anos, o torneio foi ganhando estrutura e se transformou em um dos mais importantes torneios juvenis do mundo. Em 2013, o torneio mudou de nome, se tornando o Campeonato Internacional Juvenil de Tênis de Porto Alegre. Esse campeonato prosseguiu até o ano de 2018 (PROTENIS, 2018).

O modelo de disputa da competição segue os padrões do alto rendimento, com chave eliminatória, assim como os torneios profissionais. As categorias em disputa são realizadas na cidade de Porto Alegre, nas seguintes categorias: *Tennis Kids* (CBT), 12 anos (CBT), 14 e 16 anos (COSAT) e 18 anos (ITF).

## **2.4 OS MODELOS DE DIVULGAÇÃO DOS TORNEIOS INFANTOJUVENIS**

### **2.4.1 A COSAT**

A Confederação Sul-Americana de Tênis (COSAT) divulga as competições dos 14 e 16 anos masculino e feminino (Torneios da Gira COSAT e demais competições), o *Masters* Sul-Americano de Seleções 12 anos e a Copa COSAT em seu *site*, que apresenta as seguintes áreas de divulgação (COSAT, 2020b):

- 1) Quem é a COSAT;
- 2) Contato;
- 3) Notícias;
- 4) Categorias juniores;
- 5) E demais áreas (profissionais, seniores, dentre outros).

Durante todo o ano, são apresentadas as etapas com as grades (pontuação de cada torneio) e as respectivas datas das competições sul-americanas.

Quadro 8 – Modelo do calendário das competições sul-americanas (COSAT)

	14/16 AÑOS (GRADO)	OTROS
6 ene	Valencia, VEN (2)	
13 ene	Cali, COL (1)	
20 ene	Guayaquil, ECU (1)	
27 ene	Asunción, PAR (1)	
3 feb	Porto Alegre, BRA (1)	
10 feb	Rio de Janeiro, BRA (1)	
17 feb	Santiago, CHI (1)	
24 feb	Cochabamba, BOL (1)	
2 mar	Santa Cruz, BOL (2)	
9 mar	Santiago, CHI (4)	
16 mar	Buenos Aires, ARG (2) Santiago, CHI (4)	
23 mar	Santiago, CHI (4)	
30 mar		
6 abr	Asunción, PAR (2)	
13 abr	Quito, ECU (4)	
20 abr	Quito, ECU (4)	
27 abr		Sudamericano 14 años, BRA
11 may	La Paz, BOL (3)	
18 may	Cochabamba, BOL (2)	
25 may	Guayaquil, ECU (2) Tarija, BOL (4)	
1 jun	Quito, ECU (3)	
8 jun	Quito, ECU (3) Lima, PER (3)	
15 jun	Lima, PER (4)	
22 jun		Sudamericano 12 años, PER

Fonte: Adaptado Confederação Sul-Americana de Tênis (COSAT, 2020a).

Na página do torneio, apresenta-se o local das disputas, endereço, prazo de abertura e encerramento das inscrições e dias das competições. A programação e os resultados dos jogos são atualizados diariamente.



## 2.4.2 O Comitê Brasileiro de Clubes (CBC)

Para ter conhecimento sobre o Comitê Brasileiro de Clubes (CBC), é importante entender a história da instituição, quais as suas finalidades e como ela atua. Com a alteração da Lei Federal nº 9.615/98 (BRASIL, 1998), o CBC integrou o Sistema Nacional de Desporto, sendo o principal representante dos clubes no Brasil. No ano de 2014, passou a ser o representante legal entre o Governo e os clubes, no processo de formação de atletas olímpicos e paralímpicos. Essa instituição, a partir dessa fase, iniciou o processo de abrir editais, para que os clubes conseguissem enviar projetos de capacitação de custos, com a finalidade de subsidiar as suas equipes competitivas. Os benefícios oferecidos para os clubes são:

- Contratação de equipes multidisciplinares para o esporte competitivo;
- Aquisição de materiais e equipamentos esportivos;
- Subsídios para participação em competições das agremiações (CBC, 2020b).

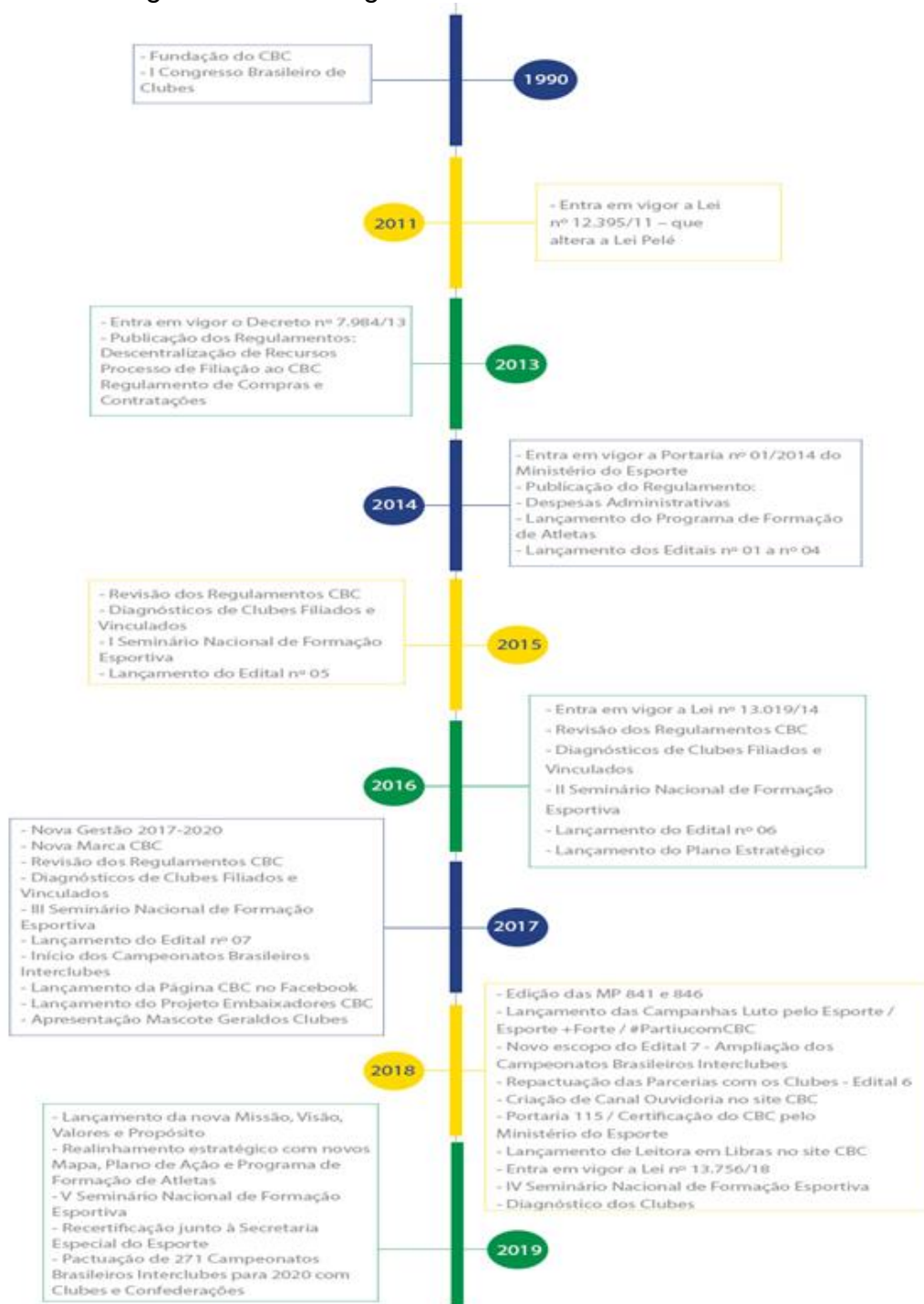
A entidade foi fundada em 1990, com outro nome, Confederação Brasileira de Clubes, e seu principal objetivo era apoiar as federações estaduais. Com o decorrer dos anos, o foco se voltou para os clubes, pois percebeu-se que a esfera federal poderia oferecer mais apoio, o que resultaria em um melhor serviço para os competidores que já treinavam nesses locais.

Essa predileção por clubes foi decorrente de estudos da instituição, e esses foram comprovados pela participação dos atletas na olimpíada do Rio de Janeiro, em 2016. Dos 465 atletas da delegação brasileira, que participaram dos jogos, nada menos do que 390 eram formados em clubes, representando um índice de quase 85%. Com relação aos medalhistas, esses números foram ainda maiores. Dentre os 19 pódios obtidos, 17 deles foram conquistados por atletas afiliados a clubes – uma porcentagem surpreendente de quase 90%.

No ano de 2017, o Comitê Brasileiro de Clubes apresenta uma nova forma visual:

Seu atual símbolo representa um atleta no seu ponto de partida, dando a largada para a realização de um sonho. Sua inclinação remete a impulso e força. A força utilizada demonstra firmeza e equilíbrio. Entre o “B” e o “C” um pequeno detalhe iconográfico da bandeira do Brasil. O “C” no final juntamente com o círculo forma uma pessoa de braços abertos, gerando receptividade e acolhendo os atletas. As cores escolhidas para o símbolo foram retiradas da bandeira do Brasil. (CBC, 2020b, s./p.)

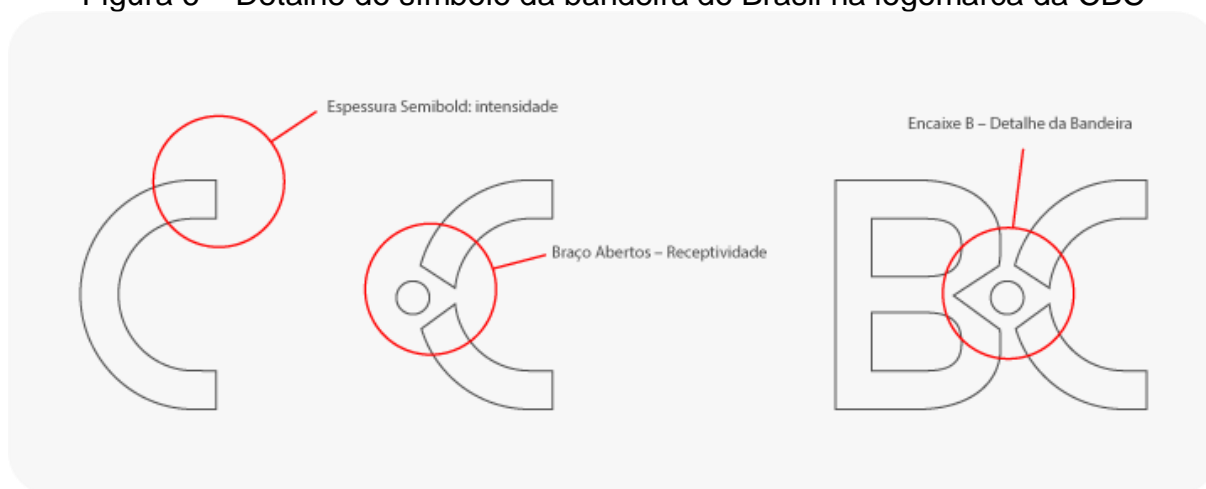
Figura 5 – Cronologia do Comitê Brasileiro de Clubes



Fonte: Comitê Brasileiro de Clubes (2020b, s./p.).

Conforme apresentado no cronograma, no ano de 2017, foi lançado o Campeonato Brasileiro Interclubes, e, no ano de 2018, esse evento foi ampliado. No ano de 2019, esse modelo de competição foi unificado junto às confederações esportivas. No *site*, apresentam-se as etapas de cada modalidade, com as suas respectivas localidades, cabendo às confederações a organização e divulgação das programações e dos jogos.

Figura 6 – Detalhe do símbolo da bandeira do Brasil na logomarca da CBC



Fonte: Comitê Brasileiro de Clubes (2020b, s./p.).

### 2.4.3 O Sistema Tênis Integrado

O Sistema Tênis Integrado foi um *site* criado para unificar os torneios de tênis em todo o Brasil (profissional, amador, infantojuvenil, clubes). Essa ideia surgiu com a finalidade de repetir a Federação Francesa de Tênis, que organiza todos os seus campeonatos em apenas um *site*. Se um tenista da Bahia, por exemplo, tiver interesse em saber como está o andamento em um torneio infantojuvenil no sul do país, basta acessar o *site* que ele pode acompanhar todos os resultados no mesmo instante. O sistema de relacionamento com os dados funciona do seguinte modo:

Após cadastro efetuado e ativado no sistema, existem algumas informações que são de suma importância para o controle de processo de gestão de torneios e *ranking*, onde seu registro poderá ser relacionado. Os confrontos do tenista, em quaisquer torneios, são computados e armazenados na base de dados de estatísticas do sistema, sendo divulgados ao público através da pesquisa de seu respectivo perfil. Os confrontos realizados serão enviados ao *Universal Tennis* para que nosso sistema possa apresentar o seu UTR (*Universal Tennis Rating*) a você ou a outras entidades oficiais que possuam

o benefício de ajudar o tenista a acompanhar seu índice de performance. (TÊNIS INTEGRADO, 2020, s./p.)

No Brasil, a Confederação Brasileira de Tênis (CBT), as federações filiadas, clubes e academias, utilizam essa ferramenta para organizar seus campeonatos. Atualmente, a maioria dos torneios que ocorrem são apresentados nesse programa, que tem as seguintes utilidades:

- Divulgação dos torneios (confederação, federações, clubes e academias em geral);
- Controle das inscrições (abertura e fechamento do prazo das inscrições);
- Divulgação das programações e chaves dos torneios;
- Atualização dos resultados diariamente, conforme o andamento dos campeonatos.
- Divulgação dos *rankings* de cada categoria (nacional, estadual e outros).

No caso da categoria 14 e 16 anos, em uma competição válida pelo campeonato Sul-Americano (COSAT), quando o(a) atleta quer verificar o andamento do torneio, ou quer efetuar a sua inscrição, no *site* do Tênis Integrado, apresenta-se um *link* para acessar diretamente o *site* sul-americano. Nas categorias 12 anos e *Tennis Kids*, as orientações e inscrições são todas por esse *site*.

A seguir, encontram-se alguns torneios cujas programações e chaves são divulgadas pelo *site* do Tênis Integrado (2020):

- 1) Todos os torneios da Confederação Brasileira de Tênis (Copa Guga, Brasileirão, Banana *Bowl*, Brasil *Juniors Cup*, Circuito Nacional Interclubes, Brasileiros de Verão, dentre outros);
- 2) Todos os campeonatos das federações ligadas à CBT;
- 3) Campeonatos internos de clubes e academias.

## 2.5 A FORMATAÇÃO DO *RANKING* DOS TENISTAS INFANTOJUVENIS

### 2.5.1 O *Ranking* da COSAT

O sistema da elaboração do *ranking* sul-americano infantojuvenil de tênis é formatado com os seguintes sistemas de pontuações:

- 1) Campeonatos sul-americanos com pontuação G4 (pontuação menor);
- 2) Campeonatos sul-americanos com pontuação G3 (pontuação maior do que a G4);
- 3) Campeonatos sul-americanos com pontuação G2 (segunda maior pontuação);
- 4) Campeonatos sul-americanos com pontuação G1 (*Masters*).

Os torneios com pontuação G4 servem para os tenistas que estão na transição de torneios nacionais para competições sul-americanas de menor nível e para tenistas locais, que não têm condições de realizar viagens mais longas com o propósito de alavancar o seu *ranking*. Logo a seguir, vêm os torneios de nível G3, para quem já se apresenta em condições de participar de competições de nível médio. Os torneios denominados G2 são as competições de nível mais avançado, onde já participam jovens de diversos países de um bom nível. Nessas competições, como pré-requisito da ITF, devem ocorrer, juntamente com as competições de 14 e 16 anos, masculino e feminino, as competições de 18 anos, que são regidas pelo maior órgão da instituição mundial juvenil. Por fim, há os campeonatos G1, as competições mais importantes do continente. Nesses campeonatos participam muitos dos tenistas que, no futuro, fazem parte dos torneios profissionais (COSAT, 2020c).

A Gira COSAT (La Gira Europea) é o circuito com as competições mais atraentes do calendário infantojuvenil da entidade. O sistema de pontuação do *ranking* da entidade funciona com 10 competições G1, formadas pelas seguintes etapas (COSAT, 2020d):

- 1) *Uruguai Bowl* (Uruguai);
- 2) *Copa Argentina* (Argentina);

- 3) Copa Ind. Cachantun (Peru);
- 4) *Copa Indervalle Club Campestre Cali* (Colômbia);
- 5) *Guayaquil Bowl* (Equador);
- 6) *Asunción Bowl* (Paraguai);
- 7) *Brazil Jrs. Cup* (Brasil);
- 8) *Banana Bowl* (Brasil);
- 9) Copa Ind. Cachantun (Chile);
- 10) Condor de Plata, Cochabamba (Bolívia).

Dessas competições, são computados os seis melhores resultados, que são, por sua vez, acrescentados posteriormente às pontuações de duplas. Os quatro melhores no *ranking* ganham o direito a participar da Gira Europeia, no meio do ano. Para chegar até lá, além de conseguir chegar nessas colocações, os atletas também têm precisam de uma boa pontuação na categoria acima, nos 18 anos, na pontuação da ITF.

## Quadro 9 – Ranking sul-americano 16 anos masculino

## CARRERA HACIA LA GIRA EUROPEA 2020

CATEGORÍA: 16 AÑOS VARONES

POS	APELLIDO/ NOMBRE	PAÍS	FECHA NAC.	GIRA SUDAMERICANA BY COSAT								TOTAL Puntos	6 MEJ RESUL	25% DOBL	GRAN TOTAL
				URU i	ARG i	PER i	COL i	EQU i	PAR i	BRA i	BAN i				
1	VERGARA MARTIN	PAR	21-04-2004	60	280	100						440	440	157,75	597,75
2	NIÑO NICOLAS	COL	31-01-2004	100	170	170						440	440	157,5	597,5
3	VILLALON NICOLAS	CHI	21-02-2004	170	100	280						550	550	30	580
4	TOSETTO VICTOR	BRA	01-07-2004	280	35							315	315	41,25	356,25
5	BANCALARI ALEJANDRO	CHI	12-01-2004	35	60	100						195	195	30	225
5	ZEITUNE GONZALO	ARG	23-05-2005	35	100	60						195	195	30	225
7	PESTANA MARTIN	PER	30-04-2004	60	35	35						130	130	60	190
8	NUÑEZ DEL PRADO EDUARDO	BOL	27-08-2004	100	35							135	135	48,75	183,75
9	LEHMANN NIKOS	ARG	13-06-2005	15	60	60						135	135	37,5	172,5
10	GUZMAN JOSUE	ARG	06-04-2005	35	60	35						130	130	33,75	163,75
11	TEDESCO GUSTAVO	BRA	18-01-2005	60	35							95	95	41,25	136,25
12	URQUIOLA ANDRES	BOL	17-03-2004	35	35	35						105	105	22,5	127,5
13	PERLOV FACUNDO	ARG	24-04-2004	35	35							70	70	18,75	100
14	MATTA GUILHERME	BRA	04-04-2004		35	35						70	70	11,25	92,5
15	TORREALBA BENJAMIN	CHI	23-06-2005	35		35						70	70	11,25	88,75
16	MACIEL JOSE NILSON	BRA	08-11-2004	35	35							70	70	11,25	81,25
17	FERRERO SANTIAGO	PER	28-01-2004			60						60	60	11,25	71,25
17	GARMENDIA JOSU	CHI	10-11-2004			60						60	60		71,25
17	KANO THOMAS	BRA	17-10-2005	60								60	60		71,25
20	CRESPO PATRICK	BOL	28-05-2005	15	15	35						65	65	18,75	65
21	GRANDINETTI TOBIA	ARG	02-02-2004		60							60	60		60
22	RUBIO GUSTAVO	BRA	21-05-2004	35		35						35	35	18,75	53,75
23	MESSA THIAGO	ARG	12-04-2004	15								35	35	18,75	35
24	BASTOS LEONARDO	BRA	10-07-2005	15								15	15	11,25	33,75
24	LIMA MATHEUS	BRA	31-01-2005	15								15	15	11,25	33,75
26	CHAPPUIS STEFANO	PER	20-01-2005	15								15	15	22,5	26,25
26	LEGUIZAMON FELIPE	ARG	16-04-2004									15	15	6,25	26,25
28	GIL ALEJANDRO	COL	26-11-2004											18,75	22,5
29	FUENTES CRISTOBAL	CHI	10-06-2004		15							15	15		21,25
30	PEREZ ALESSANDRO	PER	25-05-2005												18,75
31	BALBI ALESSANDRO	PER	30-11-2005			15						15	15		15
31	BOCANEGRA GIANLUCA	PER	30-11-2005	15								15	15		15
31	CORREA LAUTARO	ARG	19-09-2005		15							15	15		15
31	FERNANDEZ BRUNO	BRA	19-09-2005	15								15	15		15
31	PALMISANO SANTINO	ARG	01-01-2004		15							15	15		15

POS	APELLIDO/ NOMBRE	PAÍS	FECHA NAC.	GIRA SUDAMERICANA BY COSAT								TOTAL Puntos	6 MEJ RESUL	25% DOBL	GRAN TOTAL
				URU i	ARG i	PER i	COL i	EQU i	PAR i	BRA i	BAN i				
31	TERAMO DANTE	ARG	26-05-2004	15								15	15		15
37	VARGAS GROVER	BOL	25-09-2004											11,25	11,25
37	VEDIA SANTIAGO	BOL	25-09-2004											11,25	11,25
37	VELASCO JOSE IGNACIO	PER	06-10-2004											11,25	11,25
40	RIVERA PATRICIO	CHI	25-05-2005											6,25	6,25
40	SERRANO SANTIAGO	CHI	21-09-2005											6,25	6,25

 Na posição de qualificação da Gira Europeia, possui o *ranking* ITF Júnior;

 Na posição de qualificação da Gira Europeia, porém não possui o *ranking* ITF Júnior.

Fonte: Adaptado do *Ranking* Gira Europeia COSAT (2020c).



## 2.5.2 O *Ranking* da CBT

O sistema de elaboração do *ranking* nacional segue com a seguinte afirmação (CBT, 2020d, p. 5):

Seguindo o formato adotado pela ITF, COSAT e outros órgãos internacionais, o *Ranking* Nacional Infantojuvenil de simples será um *ranking* composto pela pontuação obtida pelo tenista nas provas de simples e duplas. Serão consideradas os oito melhores resultados de simples mais os oito melhores resultados de duplas (25% da pontuação), quatro no primeiro semestre, independentemente de serem torneios nacionais ou internacionais. Os tenistas que participarem da Copa da Federações, Brasileirão e *Masters* CBT (a serem realizados no final do ano, quando houver), terão esses três resultados somados ao *ranking* em forma de bônus. As categorias *Tennis Kids* não terão *ranking* nacional.

Conforme determinação da CBT (2020d), os torneios nacionais infantojuvenis de tênis são distribuídos em quatro níveis distintos, com pontuação obtida nos torneios de simples e duplas, no exercício de 1 de janeiro a 31 de dezembro, da mesma temporada. A pontuação e os grupos são os seguintes:

Quadro 10 – Grupos e torneios no *ranking* infantojuvenil CBT (2020e)

GRUPOS	TORNEIOS
<b>Torneios GA+</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gira Europeia 14 e 16 anos;</li> <li>• Eddie Herr e <i>Orange Bowl</i>;</li> <li>• <i>Brasil Juniors Cup</i> e <i>Banana Bowl</i>;</li> <li>• 12 anos Bônus de Torneio Mundial e Bônus de Sul-Americano por equipes;</li> <li>• Campeonato Brasileiro de Tênis 12, 14, 16 (Brasileirão);</li> <li>• <i>Master</i> COSAT;</li> <li>• Torneios nacionais GA + Circuito Nacional CBT.</li> </ul>
<b>Torneios GA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Circuito COSAT 12, 14 e 16 anos Grupo I;</li> <li>• GA Campeonato Brasileiro Interclubes;</li> <li>• Copa das Federações – Divisão A.</li> </ul>
<b>Torneios G1+</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Londrina <i>Cup</i> / Curitiba / Bahia <i>Cup</i> / Copa Santa Catarina / Copa Guga Kuerten – categoria 12 anos;</li> <li>• COSAT 12, 14, 16 anos Grupos 2, 3 e 4;</li> <li>• Torneios nacionais G1;</li> <li>• Circuito Nacional CBT / Campeonato Brasileiro de Tênis 12, 16, 16 (Brasileirão).</li> </ul>
<b>Torneios G1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Torneios nacionais G1 / Copa das Confederações – Divisão B.</li> </ul>
<b>Torneios G2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Torneios nacionais de verão (janeiro e fevereiro).</li> </ul>
<b>Torneios G3</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pontuação oferecida aos torneios estaduais das federações para os tenistas com cadastro na CBT.</li> </ul>
<b>Torneios G4</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pontuação oferecida nos torneios Circuito Nacional CBT e Circuito Interclubes para os perdedores de primeira rodada das chaves GA+ e GA;</li> <li>• Pontuação oferecida para as federações com mais de uma divisão de categorias, para os tenistas com cadastro na CBT.</li> </ul>
<b>Torneios G5</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pontuação oferecida nos torneios Circuito Nacional CBT e Circuito Interclubes para os perdedores de primeira rodada das chaves G1+ e G1.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Quadro 11 – Pontuação do *ranking* da CBT

GRUPOS	A+	A	G1+	G1	G2	G3	G4	G5
Campeão	350	250	200	130	80	50	30	10
Finalista	300	200	160	100	65	35	20	8
Quartas de Final	250	150	120	70	40	20	15	6
Oitavas de Final	100	50	40	30	15	10	5	2
16ª de Final	50	30	20	15	10	5	3	1
32ª de Final	30	15	10	10	5	3	1	
64ª de Final ou mais	1	1	1	1	1			

Fonte: Adaptado de Confederação Brasileira de Tênis (2020d).

### 2.5.3 O *Ranking* do CBI

O sistema de *ranking* do Circuito Nacional Interclubes Infantojuvenil (CBI) é organizado pela Confederação Brasileira de Tênis (CBT) e divulgado no *site* do sistema Tênis Integrado. Nessa competição, apresentam-se dois *rankings*, o individual e o de equipes.

Quadro 12 – Pontuação do *ranking* do CBI

GRUPOS	GA	G1
Campeão	250	130
Finalista	200	100
Semifinalista	150	70
Quartas de Final	100	45
Oitavas de Final	50	30
16ª de Final	30	15
32ª de Final	1	10
64ª de Final ou mais	-	1

Fonte: Adaptado de Confederação Brasileira de Tênis (2020f).

### 2.5.4 O *Ranking* da FGT

Seguindo o formato adotado pela CBT e ITF, o *ranking* estadual infantojuvenil é um *ranking* composto pela pontuação obtida pelo tenista nas provas de simples e duplas. A entidade considera os nove melhores resultados em simples mais os 9 melhores resultados em duplas (20% da pontuação), cinco resultados no primeiro semestre mais quatro resultados no segundo semestre, independentemente de serem torneios estaduais, nacionais ou internacionais. Para os tenistas que participam da Copa RS (a competição mais importante do certame estadual), os resultados somados ao *ranking* vêm em forma de bônus, ou seja, o atleta que joga a Copa RS tem, na soma do *ranking*, os seus 9 melhores resultados acrescidos da pontuação da Copa

RS, tanto em simples como em duplas, e ele marca pontos para o *ranking* da CBT como grupo 3 (FGT, 2020a).

Através dessas informações, verifica-se a preocupação da Federação em manter seus filiados motivados a participarem das competições de âmbito estadual. Devido ao grande número de competições nacionais, muitos atletas infantojuvenis optam por não participar dessas competições e por jogar os torneios nacionais.

Quadro 13 – Grupos e torneios no *ranking* infantojuvenil FGT (2020a)

GRUPOS	TORNEIOS
<b>Torneios G1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Copa RS e Interclubes Estadual;</li> <li>• Brasil <i>Juniors Cup</i>, <i>Banana Bowl</i>;</li> <li>• Campeonato Brasileiro (Brasileirão);</li> <li>• Torneios nacionais GA (Interclubes Brasileiros);</li> <li>• Sul-Americano, Circuito COSAT (G1 e G2).</li> </ul>
<b>Torneios G2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Torneios do Circuito FGT (Chave A);</li> <li>• Torneios G1 e G2 da CBT (Copa Guga, torneios nacionais de verão);</li> <li>• Circuito COSAT (G3 e G4);</li> <li>• Copa das Federações (Divisão A).</li> </ul>
<b>Torneios G3</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Torneios do Circuito FGT (Chave B);</li> <li>• Circuito COSAT (G5);</li> <li>• Copa das Federações (Divisão B);</li> <li>• Torneios estaduais infantojuvenis.</li> </ul>
<b>Torneios G4</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Demais torneios estaduais (com arbitragem oficial da FGT).</li> </ul>
<b>Torneios G5</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Torneios do Circuito Regional (sem obrigatoriedade de arbitragem oficial da FGT).</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Quadro 14 – Pontuação do *ranking* da FGT

GRUPOS	G1	G2	G3	G4	G5
Campeão	300	200	100	40	20
Finalista	220	150	75	30	15
Semifinalista	150	100	50	20	10
Quartas de Final	100	75	35	15	7
Oitavas de Final	75	50	25	10	4
16ª de Final	50	35	15	7	3
32ª de Final	35	25	10	4	2
64ª de Final	25	15	7	3	1
1ª Rodada	1	1	1	1	1

Fonte: Adaptado de Federação Gaúcha de Tênis (2020a).

### 2.5.5 O *Ranking* do CTG

O *ranking* do Circuito de Tênis Gaúcho é o *ranking* que mobiliza uma grande quantidade de crianças e jovens que ainda não está acostumada com o sistema de competição de alto rendimento.

Quadro 15 – Pontuação do *ranking* da CTG

<b>GRUPOS</b>	<b>PONTOS</b>
Campeão	57
Finalista	38
Semifinalista	25
Quartas de Final	13
Oitavas de Final	1

Fonte: Federação Gaúcha de Tênis (2018).

São premiadas as equipes (agregiações) campeãs, segunda e terceira colocadas. Também se premia o campeão do interior (FGT).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

O estudo caracterizou-se como uma pesquisa do tipo descritivo-exploratória, de natureza qualitativa. Desta forma, o estudo se propôs a descrever os dados obtidos, a partir de entrevistas semiestruturadas. A finalidade das entrevistas era investigar, através dos questionamentos, e buscar, nos relatos dos treinadores, os melhores caminhos de os tenistas infantojuvenis se prepararem melhor para as disputas e os sistemas ideais de competições. Segundo Gaya *et al.* (2008), os processos metodológicos ideográfico, hermenêutico e interpretativo são os melhores caminhos, além de serem valorosos para interpretar a realidade. Com relação às entrevistas, Flick (2009) afirma que o processo de realizar entrevistas seja um dos principais métodos para a pesquisa qualitativa.

Por fim, de acordo com Negrine (2010), interpretar as informações adquiridas e realizar uma discussão, relacionando-as com a teoria, reforça a compreensão das ações absorvidas. O entrevistador teve a oportunidade de criar novos questionamentos, aproveitando temas relevantes ao estudo, deixando, assim, a entrevista menos rígida e não constringendo os seus entrevistados (MARCONI; LAKATOS, 2010).

#### 3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A seleção dos treinadores foi realizada durante as competições nacionais *Tennis Kids* (CBT, 2020g), Campeonatos Brasileiros Interclubes e Brazil Jrs. Cup. Foram selecionados treinadores de 4 diferentes estados brasileiros correspondendo à necessidade de ser um público que trabalhasse com crianças e jovens na faixa etária estudada (dos 8 aos 16 anos de idade). Pelo critério de saturação de informações teóricas, já tendo as informações necessárias, chegou-se no número de 11 entrevistados, alcançando um padrão satisfatório para análise e discussão dos resultados. Os entrevistados foram dez do sexo masculino e uma do sexo feminino. Conforme Negrine (2010), a entrevista se resume a um encontro entre o entrevistador e o indivíduo entrevistado, sendo que as informações proferidas pelo entrevistado

devem, preferencialmente, ser de forma vocal. Os sujeitos da pesquisa estavam divididos entre profissionais formados em Educação Física (8), ex-atletas profissionais sem o curso superior (3) e/ou treinadores provisionados no Conselho Regional de Educação Física (CREF) (1). Segundo Flick (2009), é importante que os entrevistados escolhidos sejam os sujeitos adequados, a fim de que a sua experiência se torne relevante ao estudo.

Quadro 16 – Perfil dos treinadores

Treinador	Idade	Sexo	Estado	Experiência Internacional	Formação	Tempo de experiência como treinador
Treinador 1	38	Masc.	MG	Não	Bacharelado	14 anos
Treinador 2	42	Masc.	MG	Não	Bacharelado	03 anos
Treinador 3	38	Masc.	RS	Não	Licenciatura	18 anos
Treinador 4	37	Masc.	RS	Não	Lic. Plena	20 anos
Treinador 5	33	Masc.	RS	Sim	Lic. Plena	08 anos
Treinador 6	21	Masc.	SP	Não	Bacharelado	03 anos
Treinador 7	49	Masc.	SC	Sim	Provisionado	25 anos
Treinador 8	46	Masc.	RS	Sim	Lic. Plena	20 anos
Treinador 9	40	Masc.	MG	Não	Não tem o curso	05 anos
Treinador 10	48	Fem.	RS	Sim	Não tem o curso	25 anos
Treinador 11	60	Masc.	RS	Não	Licenciatura	37 anos

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

### 3.3 ROTEIRO DE ENTREVISTA

Com a finalidade de atender as categorias norteadoras deste estudo, foi elaborado um roteiro de questionamentos para a pesquisa (APÊNDICE A). O método utilizado foi a realização de entrevistas semiestruturadas. Conforme Flick (2009), a entrevista semiestruturada se objetiva em conduzir a entrevista, resultando em uma melhor análise e averiguação dos esclarecimentos obtidos. Todas as 12 perguntas foram idealizadas conforme as categorias teórico-metodológicas sugeridas por Marques (2004): (i) a adequação às regras a partir da infância, que seja compatível com suas aptidões e competências; (ii) a relação pedagógica entre vitórias e derrotas, na qual ambas são importantes para a formação dos mais jovens; (iii) a importância da frequência ou não das competições, em que toda a competição é importante, não só a competição institucionalizada, mas também aquela que ocorre durante o dia a dia.

Ao final das entrevistas, foi estabelecido um Questionário de Identificação das Variáveis de Controle (QIVC) (APÊNDICE B) com o propósito de obter maiores dados

dos sujeitos da pesquisa, como: nome, idade, local de atuação profissional, formação profissional, tempo de experiência, torneios dos quais participou, cursos que já realizou, nível de atletas que treina.

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES

As entrevistas foram realizadas em locais de competição ou em clubes e academias de origem dos treinadores, entre setembro de 2019 a fevereiro de 2020. As entrevistas foram realizadas individualmente, em locais apropriados, para que o(a) entrevistado(a) se apresentasse totalmente à vontade e, conseqüentemente, não ficasse inibido com os questionamentos. Após o contato com os treinadores, e a demonstração do devido interesse em participar da entrevista, foram entregues o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C) e a Declaração de Participante (APÊNDICE D), seguidos pela explanação de como seria desenvolvido o estudo e quais os seus objetivos. Todos os encontros foram gravados com um gravador digital, a fim de que nenhuma informação importante fosse perdida. Na seqüência, foram realizadas as transcrições das entrevistas e o envio delas, via *e-mail*, para os entrevistados, a fim de receber as suas considerações e, posteriormente, as suas aprovações. Por fim, conforme pré-estabelecido, foram respeitados os critérios de confidencialidade e privacidade, mantendo sob sigilo suas identidades e utilizando somente as informações que os entrevistados autorizaram.

### 3.5 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

Todas as formas de documentação têm relevância no processo de pesquisa, possibilitando uma adequada análise (FLICK, 2009). As entrevistas foram elaboradas e definidas por categorias de análise (categorização a priori), conforme as três categorias baseadas na teoria de Marques (2004): (i) a adequação às regras a partir da infância; (ii) a relação pedagógica entre vitórias e derrotas; (iii) a importância da frequência ou não das competições. O processo de análise de dados em si envolve várias etapas para auferir significação aos dados coletados. Entretanto, o material também pode ser documentado por meio de fotos, filmes, áudios e outros, pois todas as formas de documentação têm relevância no processo de pesquisa, possibilitando

uma adequada análise (FLICK, 2009). Essas teorias foram referência para a formatação das questões das entrevistas.

A partir disso, foram elaboradas três categorias: (i) os modelos das competições infantojuvenis; (ii) o contexto da relação vitórias x derrotas; (iii) a frequência nas competições dos tenistas infantojuvenis. Ao longo da transcrição e análise de conteúdo das entrevistas surgiram novas categorias de considerável interesse. Conforme foram realizadas as transcrições, mesmo considerando as questões norteadoras da pesquisa, foram inseridas as quatro novas categorias (categorização *a posteriori*). A primeira, oriunda das contribuições dos entrevistados sobre um tema relevante: a transição do *Tennis 10's* para o modelo tradicional e a segunda, não menos importante, considerações sobre as competições nas categorias 12 e 14 anos. A seguir, a importância da conscientização dos pais de atletas em auxiliar os treinadores, em especial, os seus filhos, e, a última, resultados empíricos conforme a conclusão dos treinadores.

### 3.6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Foram respeitados todos os preceitos éticos exigidos pela Resolução 466/2012 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012) e 510/2016 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016), com relação a pesquisas com seres humanos. Também foi apresentado, aos entrevistados, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), esclarecendo o objetivo geral da pesquisa e onde ela se insere (pesquisa de uma dissertação de mestrado no programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). É importante ressaltar que foi mantido o sigilo absoluto de todos os participantes do estudo, bem como foi garantido a todos eles o acesso aos resultados atingidos pela pesquisa. As entrevistas foram realizadas em locais que deixavam os entrevistados à vontade, em total privacidade.



## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De acordo com o que foi apresentado nos procedimentos metodológicos, o estudo dos resultados das 11 entrevistas com os treinadores foi realizado por categorias de análise *a priori* e *posteriori*. Essas análises foram divididas em dois momentos distintos: (i) as três primeiras seções, definidas de acordo com as teorias propostas por Marques (2004); e (ii) as quatro seções complementares, oriundas das compreensões dos relatos dos treinadores, confirmando o surgimento de novas categorias.

A exposição dos resultados segue a seguinte composição:

- 1) Os modelos das competições infantojuvenis;
- 2) O contexto da relação vitórias x derrotas;
- 3) A frequência nas competições dos tenistas infantojuvenis;
- 4) A transição do *Tennis 10's* para o modelo tradicional;
- 5) Considerações sobre as competições nas categorias 12 e 14 anos;
- 6) A importância da conscientização dos pais de atletas em auxiliar os treinadores em especial os seus filhos;
- 7) Resultados empíricos conforme a conclusão dos treinadores.

É importante destacar que as categorias recomendadas por Marques (2004) foram atendidas (em parte). Ainda, com as demais categorias criadas, elas apresentaram uma importância considerável para que a discussão e os resultados pudessem ter uma continuidade promissora.

### 4.1 OS MODELOS DAS COMPETIÇÕES INFANTOJUVENIS

As cinco questões realizadas com os treinadores abordam o contexto do modelo de competições das crianças e jovens em relação ao esporte de alto rendimento. Segundo Marques (2004), a competição deveria ocorrer já no início da infância, sendo um modelo de educação para crianças e jovens. Por outro lado, o autor também comenta que alguns pedagogos são contrários a essa ideia, pois

deixariam, nos competidores, de forma latente, características nocivas ao desporto, como a individualidade e a rivalidade.

Com isso, essas questões da entrevista fazem referência ao modelo das competições. O relato dos treinadores permitiu uma avaliação criteriosa de como está o panorama desse assunto para as crianças e os jovens.

- **Questão 1: A lógica organizacional tradicional das competições no tênis, muito próxima do alto rendimento, tem dificultado a adoção de modelos de competições mais compatíveis com as exigências da formação de crianças e jovens?**

Para iniciar a compreensão dos debates, era fundamental que fosse avaliado o nível de compreensão do termo “competição”. De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Dício (2020), a competição é a disputa ou concorrência entre duas ou mais pessoas que buscam a vitória ou simplesmente superar quem as desafia. Para Marques (2004), a competição se confunde com o desporto. Contudo, o seu real significado é possibilitar que a pessoa avalie suas próprias capacidades, provocando, assim, uma comparação entre si e o próximo. Corroborando com a afirmação de Marques (2004), Aires *et al.* (2016) apresentam que a competição é, além da batalha pela obtenção do triunfo, o que chamamos de espírito aflitivo, isto é, um embate que o ser humano enfrenta consigo mesmo para sobrepujar suas limitações e a sua própria situação, proporcionando uma chance de adquirir novos conhecimentos.

Dos 11 entrevistados, todos foram enfáticos ao afirmar que as competições para crianças e jovens deveriam ser mais atraentes e menos excludentes. Segundo os relatos, é evidente a preocupação em relação à formatação dos modelos de competições, que prejudica e/ou desmotiva os participantes infantojuvenis:

Entrevistado 1: *“Esses atletas, num ano, vamos dizer, se eles jogaram 12 torneios, vamos colocar na média de um torneio por [mês], eles jogaram doze jogos no ano. Perderam todos na primeira rodada.”*

Entrevistado 2: *“E o ambiente, hoje, do torneio, é muito preocupante. Então, por isso que torna muito pesado o torneio infantojuvenil.”*

Entrevistado 3: *“É inadmissível que, na formação, eles viajem alguns momentos. Muitos, às vezes, perdem em primeira rodada e ficam cinco dias sem jogar. Acho um desperdício de tempo e dinheiro.”*

Entrevistado 4: “[...] Esse modelo aí acaba pra quem não tem um bom esclarecimento e uma boa leitura sobre o tema. Acabam deturpando certas questões, certas atitudes, né? Tanto dentro, quanto fora da quadra.”

Entrevistado 5: “[...] Ainda, nesse modelo adulto é muito ruim. As crianças vão, não sabem que horário elas vão jogar, só ficam esperando. Jogam com crianças de nível técnico muito melhor ou muito pior [...]. É um modelo não muito motivante, não muito interessante de participação.”

Seguindo na mesma linha de pensamento dos treinadores, o estudo realizado por Rose Júnior e Korsakas (2006) enfatiza que, na maioria das vezes, as competições infantis não são muito diferentes dos modelos adultos de competição. Elas reprisam o modelo de especialização, deixando de lado os aspectos de participação e inclusão, que deveriam ser os principais objetivos nesses ambientes. Côté, Baker e Abernethy (2007) reforçam essa tese, abordando a formatação das competições infantojuvenis no modelo tradicional, que resulta na maior valorização de aspectos relacionados à performance e deixam de lado fatores primordiais, como a ética e a saúde.

Milistetd *et al.* (2014) apontam os malefícios dos modelos de alto rendimento no esporte. Os autores afirmam que a reprodução de competições moldadas no desporto adulto, com o objetivo incansável de vitórias, poderia ocasionar no comprometimento das valências físicas, mentais e sociais de crianças e jovens.

Conforme os relatos dos entrevistados, é comum que alguns treinadores considerem, como no caso dos Entrevistados 2 e 5, por exemplo, extremamente preocupante o modelo apresentado atualmente. Nas competições atuais, é constatada a insatisfação de diversas crianças e jovens, dada a quantidade de tempo que ficam sem ter o que fazer. Por outro lado, muitas crianças passam o período dos torneios em que não estão competindo criando alternativas para otimizar seu tempo. Elas costumam praticar jogos cooperativos nos paredões<sup>9</sup>, assistir jogos dos colegas de treinamento, ou, até mesmo, estudar para a escola e jogar nos aparelhos eletrônicos (celulares, computadores e outros similares).

Pode-se concluir que muitos treinadores poderiam ser responsabilizados por essas situações apresentadas, pelo fato de muitos não se esmerarem para criar

---

<sup>9</sup> Paredões: espaços destinados para o tenista realizar treinamentos sozinho. É constituído de um muro alto onde o tenista rebata a bola com a finalidade que ela retorne para executar novamente o movimento.

atividades específicas do esporte durante esses momentos. Em contrapartida, constatou-se que diversos treinadores, por falta de um preparador físico, realizam aquecimento antes das partidas e diversas atividades durante os momentos em que seus comandados não estão em quadra. Bate bolas, exercícios de cooperação e oposição e atividades lúdicas com a finalidade de descontrair e entreter as crianças e jovens podem ser listadas como algumas das atividades propostas por esses treinadores.

Com relação aos organizadores das competições (promotoras, federações), constatou-se nos relatos de alguns dos treinadores entrevistados, que existe uma via de mão dupla. Em uma via, encontram-se as entidades que não estão preocupadas em entreter as crianças e, na outra via, as demais, que procuram, ao longo das disputas, atrair e entreter os jovens, para que aproveitem ao máximo os momentos de divertimento e lazer.

Apesar de a maioria dos entrevistados afirmarem que o modelo de competição de alto rendimento é prejudicial para a evolução de crianças e jovens, o Entrevistado 9 se mostrou contrário a essa opinião:

*Entrevistado 9: “No meu entender, não. Eu acho que nós temos, hoje, várias metodologias no país que trabalham muito bem com crianças, com infantojuvenil. Ali, com crianças desde os 7, 8, que é o Tennis 10’s, que tem, também, outras metodologias adotadas no país.”*

De acordo com essa afirmação, pode-se concluir que, para alguns entrevistados, trabalhar de acordo com o modelo tradicional do esporte na formação é salutar, mesmo que a Federação Internacional de Tênis e suas afiliadas lutem para sacramentar as suas normas em todos os lugares possíveis (ITF, 2019b). Segundo Marques (2004), continuar com o modelo de competições para o público infantil no formato de alto rendimento é insistir em não entender o funcionamento de uma criança e o processo de evolução dos seus conhecimentos.

Partindo desses pressupostos, é possível analisar o fato de que se o treinador seguisse diversas metodologias, provocaria uma maturidade precoce em seus atletas infantis, em diversos aspectos: emocionais, coletivos e de desempenho. Isso resultaria em uma aceleração desnecessária desse processo (GALDINO, 2005).

Bunker e Thorpe (1986), por sua vez, afirmam que, durante a observação dos jogos, havia uma série de lições altamente estruturadas no modelo adulto. Este

modelo apoiava-se fortemente no ensino de técnicas ou nas piores lições, que se baseavam na própria criança para sustentar-se no interesse do jogo.

Conversando com os treinadores e tendo em vista o relato do Entrevistado 9, é possível afirmar que diversos treinadores do circuito infantojuvenil nacional não se baseiam apenas na metodologia aplicada pelo órgão maior do esporte. No país, há, pelo menos, duas metodologias do esporte (espanhola, francesa), todas muito semelhantes ao padrão *Tennis 10's*, da Federação Internacional de Tênis (ITF). Contudo, muitos treinadores, mesmo colocando seus atletas no sistema de competições e adaptados às regras atualizadas do tênis, continuam aplicando treinamentos e condutas associadas ao modelo de alto rendimento. Por consequência, diversas crianças e jovens perdem o apreço pelo jogo em si e pela competição no esporte.

Ademais, realizando uma análise mais aprofundada da contribuição dos treinadores a respeito do modelo de disputas, alguns mencionaram a importância que as competições devem ter para as crianças, que pode ser resumida em proporcionar a satisfação e o bem estar aos participantes através do incentivo à prática.

Entrevistado 2: *“Tem que ser competições sadias, saudáveis.”*

Entrevistado 3: *“Para mim, na primeira parte inicial, quando eles estão iniciando a competir, é fundamental que eles tomem gosto pelo esporte. Que eles gostem, tomem gosto pela competição, sabe? Se eles não tomarem gosto pela competição, dificilmente eles vão adiante nas competições, e, talvez, até no esporte.”*

Entrevistado 4: *“[...] E o estresse que é para a criança nessa fase de formação da competição, que é um estresse normal e dentro de uma normalidade. Eu acho que é importante essa pressão [...].”*

Entrevistado 5: *“[...] Mesmo para a criança ter essa oportunidade durante uma competição de tênis, de vivenciar a competição tenística. Mas também de se divertir, brincar, que é o que eu acho que toda a criança precisa fazer.”*

Entrevistado 6: *“[...] Eu colocaria na cabeça deles, na cabeça dos meus atletas, assim, estar indo para o torneio, claro, para aprender tênis, pra se divertir [...]. Tem que ser divertido, tem que ser saudável e divertido.”*

Entrevistado 7: *“[...] A criança gosta da competição desde que você conduza essa competição de forma que ela passe a gostar e não de uma forma traumatizante lá do começo. [...] A ideia é que ela tenha um joguinho legal, que ela chegue perto*

*de ganhar e, aí, não ganhou. E você ir lá e dizer pra ela, 'Olha, que legal! Você competiu, você jogou, você se divertiu, não foi legal?'"*

Verificando o relato dos entrevistados, podemos fazer uma relação entre este e o estudo de Marques (2004). O autor argumenta que as competições deveriam ter um significado de prática (jogo) para as crianças. Através dessa prática, as crianças podem avaliar as suas capacidades e obter sucesso. Ainda, o autor afirma que, nesse processo, a criança, estando próxima aos amigos e parceiros, cria uma imagem social agradável, conquistando valores para o seu cotidiano.

Com isso, verifica-se que os treinadores deveriam ser os agentes responsáveis pela introdução das crianças à competição de uma forma participativa e positiva. É importante incentivar e valorizar a participação da criança, além de explorar os valores implícitos nos atos de jogar e competir (PAES; BALBINO, 2005). Nesse sentido, para Rose Júnior e Korsakas (2006), a competição deveria ser uma exclusividade das crianças e não dos adultos, que deveriam ser somente agentes participantes da situação. Seria mais prudente colocar essas situações dentro do ambiente das crianças, proporcionando satisfações e realizações, e não instantes de extremo estresse.

Essas contribuições reveladas através da conversa com os entrevistados apresentam o que se presencia em clubes e/ou academias de treinamento durante as competições. Após as disputas das partidas, conforme relatou o Entrevistado 7, os treinadores conversam com os seus atletas, buscando enaltecer os pontos positivos alcançados nos embates. É válido ressaltar que não existe um consenso em relação a esse fato, pois nem todos os treinadores trabalham dessa maneira. Enquanto um grupo utiliza conversas individuais ou em grupo, outros treinadores optam por realizar relatórios e apresentar as situações presenciadas nas competições em outras oportunidades.

Ainda, é relevante salientar que há duas correntes bem opostas, conforme a declaração dos Entrevistados 5, 6 e 7, com relação à diversão nos jogos. Enquanto um grupo trabalha com a ideia de valorizar a vivência dos jogos e, conseqüentemente, a diversão inerente, outro grupo trabalha com o pensamento de que na hora da partida é guerra, e que o adversário deve ser batido a qualquer custo, como corrobora Freire (2012, p. 138) na seguinte afirmação:

Os locais de competições são formadoras de campeões, selecionadora de raças, disseminadoras de sentimentos preconceituosos reprodutora da forma mais abominável de competição que orienta as relações entre as pessoas de nossa sociedade, e que encontra a sua expressão ritual mais importante nos jogos olímpicos modernos. Vencer a qualquer custo é o lema que orienta a competição nas relações sociais e nos jogos desportivos.

A segunda questão, relacionada ao modelo de competições, indaga sobre a necessidade de moldar as competições conforme a trajetória do tenista.

- **Questão 2: Há a necessidade de adequar o sistema de competições no tênis aos objetivos da formação do tenista a longo prazo?**

Contrariando a primeira questão, quando a maioria dos entrevistados optaram por uma mesma opção, nessa seção as opiniões foram bem divididas entre adequar o sistema de competições ou manter o modelo já existente no âmbito infantojuvenil, sendo este suficiente para proporcionar a lapidação necessária do tenista no alto rendimento. De acordo com os relatos a seguir, observa-se, com determinados treinadores, uma preocupação em relação ao modelo de competições, que ocorre durante toda a trajetória das crianças e dos jovens:

Entrevistado 3: *“Acho que seria interessante, [...] mas acho que a gente trabalha muito com o imediatismo, buscando resultados muito a curto prazo, o que dificulta muito a formação do jogador [...]. A gente sabe que o menino que ganha, o estilo de jogo, o formato de jogo com 10, não é [o mesmo] do cara que ganha com 11, que vai ser diferente do com 14, e, assim por diante. Então, talvez, adequar o sistema de competição, o formato, para que a gente possa desenvolver as habilidades que eles vão precisar no futuro, pode ser um sistema bem interessante para que todos possam se tornar melhores tenistas no futuro. A gente precisa discutir um pouco melhor e ver qual seria esse formato, assim, mas eu acho que seria uma coisa interessante.”*

Entrevistado 5: *“Mas o grande problema é quando essas crianças vão jogar tênis competitivo de alto rendimento mais tarde [...]. Que, muitas vezes, elas acabam se perdendo, pois não estão preparadas, ainda, para esse modelo competitivo adulto.”*

Entrevistado 9: *“Acho que tem que ter um balanço, e um balanço muito bem feito, para que ele consiga entender qual o nível que ele está jogando e o que ele precisa melhorar [...].”*

De acordo com os depoimentos desse grupo de entrevistados, é possível verificar que a indução ao modelo adulto nessa fase compromete o desenvolvimento

dos tenistas infantojuvenis. Conforme Marques (2004), não seriam a aceitação de modelos de alto nível ou a busca de padrões mais avançados das ações práticas que garantiriam resultados mais imediatos e concretos. Reforçando esse tema, Lima (1987) enfatiza que é fundamental mudar o modelo de competição adulto, caracterizado por conflitos e embates e com intensa agressividade, por uma competição inclusiva, com padrões pedagógicos para o público infantil.

Corroborando com esses pensamentos, a descrição do discurso do Entrevistado 3 vai ao encontro da pesquisa realizada por Cortela *et al.* (2016b). Os autores afirmam que a especialização precoce nos esportes ocorre quando o sistema de treinamento e de competição não respeita o amadurecimento, os estágios de desenvolvimento da criança, ou a capacidade de treinamento ideal das habilidades de coordenação e de condicionamento.

É comum que alguns treinadores pensem como os entrevistados nessa questão. Na experiência como atleta e treinador, durante os mais de 25 anos de atuação nesse tipo de competição, verifiquei, assim como abordou o Entrevistado 5, que muitas crianças e jovens acabam participando das competições, cortando etapas e, conseqüentemente, por elas não estarem devidamente preparadas, comprometem suas habilidades técnicas e corporais. Ademais, a falta de uma preparação adequada destas, com padrões e técnicas estabelecidas, moldadas no alto rendimento, ocasiona uma regressão em seu desempenho da formação à competição mais avançada e implica em uma falta de percepção do motivo para elas estarem dentro de uma quadra, indo ao encontro da fala do Entrevistado 9.

Nesse próximo enfoque, ainda se constatava, em suas manifestações, a intenção de que fossem realizadas intervenções nos modelos das competições para crianças e jovens. As sugestões recorriam na alteração de algumas regras, evidenciando a inquietação de alguns treinadores no que diz respeito à pontuação e ao tempo de duração das partidas. Dois entrevistados foram enfáticos em suas insatisfações:

*Entrevistado 7: “Eu acho que sim, eu acho que existe. [...] O tênis é um esporte medieval, a pontuação é a mesma, as coisas como funcionam, tamanho da quadra, o que mudou? Mudou um tie-break aqui, uma situação ali [...]. Uma das coisas que mais foi falada ultimamente, e que mais, vamos dizer assim, foi contestada, foi a questão da mudança da contagem. Eu acho que se deve ir por esse lado. [...] Então, para eu dar uma opinião sobre onde a gente poderia mexer*



*dentro do formato das competições seria, eventualmente, nas contagens, pra que isso fosse mais rápido. Aquela questão dos 5 sets, dos 4, no Next Gen, ah, não sei se esse é o caminho tanto assim, mas, de repente, baixa um pouco, né? Então faz a 4, faz a 5 [...]. O vôlei fez isso, fez uma mudança grande, né? Ponto lá, ponto cá, ponto lá, ponto cá, ponto lá, ponto cá, e acabou aquela história da vantagem, desvantagem, vantagem, desvantagem, pá, pá. Então, eu acho que é por aí. [...] Eu acho que mexer na contagem ali do 15, do 30, do 40, já foi mexido, que é o No Ad. Acho que isso aí não se mexe mais, isso aí está dentro de um limite tradicional do tênis. Trazer um pouquinho pra cá a história dos games. Ah, claro, quem sabe? Lembra, na nossa época, a questão dos games? Jogava, acabava 6/5, né? 10 anos era 6/5... não tinha. Então, acho que uma coisa nesse sentido. Se tu vê, o tênis tá se mexendo pra isso. Wimbledon já tá lá, com o tie-break lá no 10x10, ou 12x12, ou sei lá, né? O Austrália Open já tá com o 'tie-breakão' no 5º set, né? Então, eu acho que, pra mim, o caminho pra se modernizar o tênis passa pela contagem.”*

Entrevistado 8: *“[...] Poxa, tem que mexer no tênis [...]. Tá tudo certo, tem um monte de quadras, mais de dez quadras. O juiz na quadra, pra que o tempo seja mais rápido, e tá atrasado, ninguém sabe que hora que acaba [...]. Eu acho, que... Já vou comentando que o No Ad já está nas duplas há muito tempo. Já deveria ter colocado, para que as pessoas tenham tudo de melhor.”*

Fortalecendo esses depoimentos, Marques e Oliveira (2002) sugerem que as competições para crianças e jovens deveriam passar por uma qualificação, através de uma reconstrução dos modelos de disputa, temas e parâmetros de avaliação. Esse processo atuaria, pedagogicamente, de forma integral, na formação do esporte e, também, na educação para a vida, durante todo o processo infantil e de puberdade. Como consequência, ocasionaria uma reestruturação do processo competitivo para os novos, separando totalmente do modelo de alto rendimento (modelo adulto). No início desse processo, a ênfase deveria ser no avanço das aptidões e no desenvolvimento das competências das crianças e dos adolescentes.

De acordo com a Federação Internacional de Tênis (ITF, 2019a), o processo de adequação da pontuação nas categorias iniciais da competição, a partir dos 8 anos de idade, está sendo atualizado. Por exemplo, nas categorias dos estágios da bola laranja e verde (8, 9 e 10 anos), diversos formatos de pontuação foram testados, para que as partidas não se prolonguem tanto, o que possibilita que as crianças permaneçam mais entretidas durante as disputas, mudando o modelo para algo mais divertido e saudável, mental e psicologicamente. Indo ao encontro dessas afirmações, Gonçalves *et al.* (2016) consideram as adequações no esporte de suma importância para a criança. Fazer com que a criança tenha a chance de competir da forma correta propiciaria a ela iniciar um processo de formação no esporte.

Através das conclusões dos entrevistados, segue, como ponto de vista, que se deve diminuir o tempo de duração das partidas em diversas categorias para crianças e jovens. Acrescentando aos relatos dos Entrevistados 7 e 8, durante as competições que ocorrem em âmbito regional, já estão sendo testados diversos formatos de pontuação nos jogos (FGT, 2020a). No entanto, esses testes ainda não foram oficializados pelos órgãos que regem o esporte. Apesar de ter o conhecimento dos estudos da Federação Internacional de Tênis, recomendam-se mais estudos em relação a esse tema, para que possamos chegar a uma conclusão concreta. Além desse fato importante, esses modelos estão sendo testados no âmbito profissional, como o *Next Generation ATP Finals*, com atletas promissores do circuito mundial de tênis. Conforme o torneio for se enraizando no circuito, este poderá ser incorporado de forma permanente em novas categorias infantojuvenis.

Por outro lado, outro grupo de treinadores é contrário à mudança de adequação do sistema de competições. Esse grupo acredita que o processo já está todo estruturado, principalmente nas etapas que reproduzem o modelo de alto rendimento:

Entrevistado 2: *“Olha, na minha opinião, esse sistema de 12 a 18, acho que o sistema é esse. Eu acho que a gente não tem... Aquilo que falei anteriormente, a gente nem teria calendário para tentar fazer algumas coisas diferentes dentro das competições.”*

Entrevistado 4: *“Bom, eu acredito que não. Do jeito que as coisas estão postas, talvez, num primeiro momento, mais inicial, que até já tem uns formatos de torneios em fase de grupo e com um caráter classificatório primeiro, e depois eliminatório. [...] Já atende um grupo de nível avançado, que já estão, vamos dizer assim, fazendo a transição para uma formação de alto rendimento, voltados já, a longo prazo, pro profissional. Então, tu já vê que são dois torneios no ano voltados para esse público.”*

Entrevistado 6: *“Eu não vejo necessidade em mudar o sistema das competições. Assim, uma coisa global, pô, ter que alterar tudo. Isso aí não serve. Até porque hoje tem um monte de tenistas. Então, eu acho que, talvez, isso tenha que continuar.”*

Entrevistado 10: *“Olha, eu acho que [dessa forma], a meu ver, já está extremamente adequado.”*

Conforme a visão desses entrevistados, seria possível considerar que, para os níveis de competição que se aproximam do modelo de alto rendimento, os jovens estariam mais bem preparados para essa etapa, não necessitando de adequações

para esses desportistas. Conforme Marques e Oliveira (2002), chega um certo momento que os jovens conseguem corresponder às exigências das competições, sendo capazes de se adaptar ao meio. Segundo Horn, Lox e Labrador (2001), os treinadores formam expectativas de acordo com o desempenho e a evolução de seus atletas. Conforme a performance final de seus comandados, as expectativas iniciais dos treinadores são reforçadas. No entanto, os autores advertem que as expectativas devem ter embasamento, para que suas conclusões não sejam infundadas. Para Côté e Hancock (2014), muitas crianças acabam sendo preparadas para alcançar um nível de desempenho de elite, comum em diversos países no mundo. Contudo, o primeiro passo nesse processo seria os treinadores compreenderem melhor os modelos de desenvolvimento dos atletas.

Analisando a contribuição descrita por esse grupo de entrevistados, faz-se necessário acrescentar algumas observações nesse contexto. Mesmo com a preparação adequada, realizada pelos treinadores de crianças e jovens nos clubes e centros de treinamentos, as suas participações durante as competições, moldadas nos padrões de alto rendimento, ainda não apresentam as condições devidas, apesar da insistência de pais e treinadores. Um exemplo são jovens com os aspectos táticos e técnicos em desenvolvimento, abaixo dos níveis relatados pelos treinadores abordados. É de pleno conhecimento o trabalho realizado pelos treinadores, que se esmeram em preparar seus comandados até a idade adulta. Portanto, em geral, é necessário intensificar o cuidado no acompanhamento das competições durante a juventude, a fim de que possa resultar em uma continuidade de todos no esporte.

Apesar de os pontos de vista dos entrevistados serem bem distintos a respeito de adequar ou não o modelo das competições para os jovens tenistas, um desconforto em comum foi observado: a questão do treinador dentro da quadra. Sobre esse assunto, os Entrevistados 2 e 8 mencionam que as dificuldades dos tenistas infantojuvenis são minimizadas em relação à presença do treinador, que deveria ter a liberdade de orientar seus comandados durante os jogos, de forma autorizada nas competições:

*Entrevistado 2: "O tênis é um esporte duro. O tênis é um esporte que algumas coisas devem ser mudadas. [...] A gente, como treinador, como "coach", é... por que a gente não pode dar uma instrução para o atleta? Por que a gente não pode estar mais perto do atleta? Eu acho que poder dar um coach... O técnico poder estar dentro da quadra, em algumas situações, eu acho que é legal [...]. Se você*

*for pensar, tênis é um esporte solitário. O atleta não pode falar com o técnico, ele mal pode falar com o adversário dele. Ele tem que estar 'cheio de dedos, cheio de mimos', cheio de politicagem... Ali que se torna chato, entendeu?"*

Entrevistado 8: *"É, tem que dar uma mudada nisso aí. [...] Eu acho que poderia adequar mais o sistema de competição no tênis, para que o tenista jogue mais, fique mais na quadra [...]. [...] O coach, entrando na quadra... Tem que rever [...] a ajuda do técnico dentro da quadra. [...] Então, tem que ter mais ajuda. Nos outros esportes, os técnicos ajudam."*

De acordo com essas colocações, conclui-se que a presença do treinador poderia ser fundamental para seus comandados, por ser uma referência. Ele seria capaz de melhorar diversos aspectos dos atletas, por se comunicar e se relacionar muito bem com eles nos ambientes de competição. Como consequência desses aspectos apresentados, esse trabalho do treinador deveria apresentar diferenças nos resultados, além de nos seus atributos sociais, como na autoestima e na satisfação (CÔTÉ; GILBERT, 2009).

Para Balbinotti *et al.* (2009), o treinador precisa funcionar como um filtro, protegendo o tenista das pressões desnecessárias e indesejáveis. Corroborando com os autores mencionados, Cortela *et al.* (2016a) defendem que, para se ter a excelência como treinador e o domínio das ações no campo de atuação, este deve dominar diversas habilidades, tendo o conhecimento necessário em diversas áreas.

Aprofundando a análise dos depoimentos, observa-se a inquietação dos treinadores em relação à sua presença e importância junto aos seus comandados dentro da quadra. No panorama atual das competições institucionalizadas, algumas entidades já realizam torneios com a participação dos treinadores dentro da quadra durante os jogos. Geralmente, é nas competições por equipes que ocorrem essas situações.

Como treinador infantojuvenil, a impressão que se tem dessa experiência é a melhor possível. Assim como mencionou o Entrevistado 8, o atleta apresenta uma qualidade de atenção e de comprometimento muitas vezes maior do que nos treinos. Além do mais, a simbiose que se cria com o tenista faz pensar que o crescimento dele nesse torneio é muitas vezes maior do que nos sistemas de competições tradicionais. Por outro lado, existem os treinadores que desfiguram esse modelo. Para eles, a presença do treinador seria uma espécie de "bengala" para as crianças e os jovens.

Esse sistema de competição poderia provocar nos tenistas uma dependência, que, futuramente, acarretaria em danos à autonomia e às suas tomadas de decisão.

Nesta terceira questão, a ênfase era nas disputas em equipes e na socialização entre todos que participavam das competições. Ficou evidente, nessa seção, o ponto de vista dos entrevistados, pela contribuição sobre suas vivências e por seus testemunhos sobre o dia a dia de seus atletas, falando se essas experiências – disputas em equipe e socialização – faziam ou não diferença nas competições infantojuvenis.

- **Questão 3: Nas fases iniciais da preparação dos tenistas infantojuvenis, as competições em equipes devem ser privilegiadas? Os contatos sociais devem ser estimulados?**

A análise de conteúdo mostra que todos os entrevistados são plenamente a favor desses dois fatores. O que se apresentou de muito positivo nas considerações foram as diversas justificativas, que reforçam esses temas pertinentes aos momentos experimentados pelos atletas durante as competições. Seguem alguns trechos dos relatos a respeito das competições por equipes:

Entrevistado 1: *“Sem dúvida. Não só nas fases iniciais, mas eu acho que também a gente tem um déficit de torneios de equipes [...]. Acho que agora a CBT, junto com a CBC, deu uma bola ‘dentrassa’, né? Que foi o CBI por equipes, né? [...] Tem tudo para funcionar.”*

Entrevistado 2: *“Olha, eu sou muito a favor. Na minha opinião, eu sou muito a favor. Demais, isso aí. Eu estimulo essa competição saudável, eu estimulo isso aí. Então, o que acontece? A competição em equipes? Eu sou totalmente a favor. Agora, a CBC e a CBT vão se unir para fazer um campeonato interclubes. [...] Que é legal, pô! A equipe... O gostoso é você jogar tênis em equipe.”*

Entrevistado 6: *“Então, acho que tem que ter, sim. Deveriam ter mais, e eu acho fantástico ter o Interclubes aí, que a CBT, junto com a CBC, começou, de uns tempos para cá, a proporcionar. E é interessante pra todo mundo – não só para o atleta, mas para os seus treinadores, também, porque eu vou sempre pontuar. Não é só o atleta que se beneficia, quem está por trás também se beneficia. A Confederação também se beneficia, os pais se beneficiam, todo mundo ganha. Todo mundo vai ganhar se estiver com o pensamento certo e saudável, cara. Então tem que ter, sim.”*

Levando em consideração os relatos apresentados, é possível comprovar as ações realizadas pelo órgão esportivo que rege o esporte, a Confederação Brasileira

de Tênis (CBT), juntamente com outra importante entidade, o Comitê Brasileiro de Clubes (CBC). Ambas as entidades estão engajadas em prestigiar a formação do esporte através da criação de um campeonato nacional de clubes.

A expectativa é de que a coparticipação entre a CBT, o CBC e os clubes do território nacional seja um divisor de águas na promoção do tênis no Brasil. Os Campeonatos Brasileiros Interclubes foram criados para atender o edital criado pelo Comitê Brasileiro de Clubes, que visa fomentar os esportes de base no Brasil. Ao ter conhecimento desse edital, a CBT se dirigiu ao CBC para se inteirar das regras e, com isso, criou um torneio para que todos os atletas infantojuvenis do país possam ser beneficiados. O CBC disponibiliza, para os clubes em condições de participação, verbas para hospedagem e viagem de seus atletas, assim como, para os clubes organizadores, condições financeiras para sediar as competições (CBT, 2020c).

Para a Federação Internacional de Tênis e suas afiliadas (ITF, 2019a), em diversas categorias, estão sendo realizadas competições em equipes para fomentar a participação e a integração dos tenistas infantojuvenis, estimulando, também, o desenvolvimento desse formato de disputas. As competições por equipes começam pelas etapas iniciais, no *Tennis 10's*, principalmente no estágio laranja. As equipes participam em diversas modalidades, como competições estilo, Copa Davis, Equipes e Round Robin. Ainda, a entidade sugeriu que, no estágio da bola verde, fossem realizadas competições por equipes.

Atualmente, com a entrada da Confederação Brasileira de Clubes (CBC) no circuito de tênis infantojuvenil nacional, o ganho para os tenistas em formação foi, sem dúvidas, um marco para o nosso esporte, assim como referiram os Entrevistados 1, 2 e 6. A possibilidade de atletas de todas as partes do território nacional vivenciarem esse tipo de competição, proporcionando a todos momentos de intensa troca de experiências, é de extrema importância.

No Rio Grande do Sul, voltaram a serem realizadas, na década passada, as competições interclubes entre os clubes do estado. No início, elas começaram forte, com cerca de 15 agremiações, mas, com o passar dos anos, elas foram perdendo força, até que chegaram ao seu ponto final. Esse também é um perigo para a tradicional "Copa RS", que teve seu início há mais de 50 anos, e, assim como o torneio interclubes, vem perdendo força e número de participantes de forma constante.

Isso se dá devido aos modelos de disputa, que não são alterados, e às crianças, que perdem e acabam não querendo ficar mais durante a competição. Essa situação preocupante fez com que a Federação Gaúcha de Tênis se reunisse com todos os representantes dos clubes e academias, procurando achar alternativas para que a competição se torne mais atrativa aos olhos dos competidores. Como resultado imediato, ficou decidido que as disputas no ano seguinte deveriam incluir mais atrações, como chaves incentivo de simples e de duplas, para que quem fosse eliminado das disputas de simples e duplas tivesse a oportunidade de prosseguir na competição. Com isso, a expectativa é que, no próximo ano, essas ações comecem a surtir efeito nessa competição regional tradicional.

Outro aspecto relevante para a questão discutida é a importância de o praticante participar de forma mais espontânea das competições, resultando em um ambiente que não provocará um impacto tão grande na continuidade da participação no esporte e na vida das crianças e dos jovens competidores:

Entrevistado 3: *“Então, para mim, seria um bom formato, as competições por equipes [...]. Eu acho [que] ela fica mais descontraída.”*

Entrevistado 5: *“Eu acredito que sim, porque acaba se tornando uma forma mais lúdica e uma forma de desfrutar melhor o esporte. [...] Justamente pra criança conseguir desfrutar mais o esporte, até ela atingir a maturidade competitiva dela, [...] e não acabar gerando qualquer tipo de trauma e frustração na criança.”*

Entrevistado 6: *“independente se for lá kids, dezoito anos, insistir. Se as crianças forem competir, tem que estar na quadra pra competir.”*

Entrevistado 8: *“[...] Podia ter uma coisa de equipe. [...] A equipe tal contra a equipe tal, pra se divertir, fazendo jogos, de repente, né? Aí tira, também, aquela coisa do individual, que é bom, mas, no início, tem que permanecer ali no esporte, tem que fazer com que ele fique, primeiro, pra depois ver o que vai ser, se vai se superar ou não. [...] Podia ter, acho que seria muito bom.”*

Entrevistado 11: *“Sem dúvida, hoje, eu vejo esse aspecto como um dos mais importantes do esporte. [...] Acredito que esse aspecto da dupla é fundamental. Esse jogo de duplas não ser eliminatório... É que há a necessidade de ter um espaço é grande. Mas eu acredito que, quanto mais pudesse fazer, trabalhar em equipe, de pontuação por equipe, eu acho que seria uma forma bem interessante, uma avaliação.”*

Nesse sentido, Marques (2004) enfatizava que ser capaz de competir é uma circunstância de preparação para a vida, corroborando, assim, com a ideia do Entrevistado 5. Por isso, a interferência pedagógica teria que visar a competição para a criança, como símbolo de suas necessidades e aspirações. Conforme Rose Júnior e Korsakas (2006), não se poderia negligenciar as potencialidades de quem compete, a fim de privilegiar somente o desenvolvimento moral e social deste.

Para a Federação Internacional de Tênis (2019a), a finalidade do *Tennis 10's*, além de ser uma forma mais fácil de se jogar, é evidenciar a importância do esporte ser promovido como algo divertido, fácil e saudável, corroborando com a declaração do Entrevistado 8. Esse tipo de competição deveria ter como finalidade a diversão das crianças, competindo com os amigos de forma ativa.

De acordo com as declarações dos entrevistados, as competições por equipes são mais divertidas para as crianças e jovens. Conforme o acompanhamento nas disputas nos torneios, é relevante salientar que se notou, no semblante dos atletas, a alegria de não estarem sós. Ao longo das disputas, as crianças começaram a perder o receio de tentar, conversando muito entre os pontos, e até rindo juntas, pois sabiam que estavam juntas nessas disputas e que uma estava apoiando a outra. Ao contrário do que ocorre nas partidas individuais, muitas crianças e jovens, após as partidas, saem juntas, conversando, e, na maioria das oportunidades, vão juntas ao encontro dos pais e treinadores, fato que muitas vezes nas partidas de simples não se testemunha com frequência.

Relativo aos comentários sobre a formação de grupos, nesse trecho, apresentou-se a abordagem sobre a importância de os atletas estarem incluídos em competições e atividades coletivas:

*Entrevistado 4: “Sim, acredito que sim. Acho que há uma parte importante de tu inserir a criança ou o atleta nas competições. Aquela questão da formação de grupos, de ter o respaldo de uma determinada equipe que vai estar ali contigo, apesar de ser individual. Acredito que sim, que são extremamente importantes nessas fases iniciais, aí.”*

*Entrevistado 7: “Cem por cento, cem por cento. [...] A gente quer colocar pra eles o senso de competição coletiva, senso de ajudar, de ‘eu ganhei, mas ele perdeu’, ‘vamos pra dupla’, ‘eu perdi, mas eu tenho que tá na quadra torcendo pra ele’. Como os Campeonatos Sul-Americanos, a Copa Davis, que são todos esses processos. Que ainda existe, em pouca quantidade, mas ainda existe.”*



Entrevistado 9: *“Eu acho que, nessa fase, a criança, sim, deve estimular competições [...] em equipes, né? Meu estado, minha cidade, minha academia contra outra academia [...]”*

Conforme a determinação da Federação Internacional de Tênis (ITF) em 2012, atualizada em 2014, os jogadores devem participar de competições nos modelos Robin Round, Copa Davis e equipes, com a finalidade de formatar competições programadas para facilitar as rotações de jogos de maneira eficaz. As competições por equipes são altamente indicadas para o estágio laranja (ITF, 2019a). A entidade afirma, principalmente, que envolver, reter e desenvolver jogadores é essencial para o sucesso de qualquer esporte. Com base nessas afirmações e com o devido sucesso nas inovações efetuadas pela entidade mundial, as competições por equipes estão gradualmente sendo introduzidas no contexto nacional. A criação dos torneios ainda segue de forma moderada, porém, com o aparecimento dos Interclubes Nacionais, emergiu a ocasião oportuna de todos os treinadores darem a importância real para esse tipo de competição.

Segundo Freire (2012), os agrupamentos infantis são, na realidade, grupos legítimos de iniciação à cultura real de antecipação da vida adulta, ou seja, as crianças desfrutam da perspectiva de serem adultos. Ainda, com o desenvolvimento psicomotor, começa o processo de sociabilização, uma vez que a estabilidade da pessoa só pode ser refletida através da relação com o próximo. É possível associar essa afirmação ao depoimento do Entrevistado 4, reforçando a questão de que, apesar de serem crianças, elas se sentem importantes no grupo e agem, muitas vezes, reproduzindo as ações de jogadores adultos, profissionais. Ainda, indo ao encontro do depoimento do entrevistado, Borrás (2019) afirma que, apesar de o tênis ser individual, regras de equipe exercem uma influência que pode afetar positivamente o desempenho e a produtividade do atleta.

Nas competições infantojuvenis por equipes, é comum presenciar a integração entre as crianças e os jovens nos momentos das disputas. Nessas oportunidades, ocorre a comprovação que muitas delas têm sua autoestima aumentada, simplesmente por estarem incluídas em um grupo. Como consequência, elas interagem com maior frequência e constituem uma maior confiança ao longo da competição.

Por fim, nessa seção, alguns relatos importantes sobre o crescimento de valências atribuídas às técnicas e à questão mental e social dos competidores, durante os treinamentos e jogos:

Entrevistado 1: “[...] Não deve ser estimulada tão fortemente a praticar um único esporte, quando ela é nova. Acho, quando elas são novas, elas têm que praticar tudo que é tipo de esporte, todos os tipos de escolinha. Hoje em dia, muitos clubes, muitas academias têm aqueles casos básicos, né? Vão desenvolvendo várias atividades e a criança automaticamente vai se identificando com algumas delas. Elas já começam a direcionar para o esporte que elas vão gostar.”

Entrevistado 6: “Concordo, [...] acho super interessante. [...] Eu vejo muita diferença em crianças que jogam o seu tênis, ali na equipe, mas ainda praticam uma atividade coletiva. Esse tipo de criança, eles são diferentes do que os que só estão no tênis. Eu já vejo isso muito gritante. Repertório motor é melhor, alguns já têm a malandragem que alguns esportes já trazem, um pouquinho mais inteligente, assim, mais malandro, vamos dizer, pra outras coisas, coisas que o esporte te traz, te dá... Então eu acho importante competição por equipe.”

Entrevistado 7: “[...] A gente tinha uma coisa que é preconizado, hoje, por todos os lugares, que é múltiplos esportes – da formação, múltiplos esportes, multiesportiva, principalmente com uma formação óculo-manual, óculo-pedal. [...] Com 12 anos de idade, a primeira coisa que o treinador fez foi me colocar na equipe de esportes da escola. Então, tinha períodos que era basquete, tinha períodos que era handebol, tinha períodos que era voleibol, e eu participava de todas essas competições interescolares.”

Entrevistado 10: “E, dentro da competição por equipes, também tem os outros aspectos, né? Que a gente chama de life skill, que são as habilidades para a vida, que é trabalhar em grupo, que é saber liderar e deixar ser liderado por quem, de repente, tem mais experiência que a gente, divisão de tarefas. Então, sim, eu acho que tem que ser agregadas as competições por equipes.”

Assim como nas narrativas, Rost (1997) também aconselha a criança a participar de outros esportes que se assemelhem ao seu desporto principal, do qual já participa. Segundo a contribuição de Aires *et al.* (2016), os competidores deveriam, além de alcançar a evolução moral, agir de forma coordenada com o meio, servindo, também, de exemplo para os demais. Com relação às crianças e aos jovens que praticam outras atividades além do tênis e levando em consideração a contribuição dos Entrevistados 6 e 7, Bernardes, Yamaji e Guedes (2015) discutem a importância de os jovens estarem envolvidos em esportes de competição na escola e em clubes. Eles se motivam para continuar nas equipes de competição, com o objetivo principal de evoluir, através de seu aprimoramento técnico. Em consequência desses fatores

apresentados, eles obtêm mais sucesso em suas aspirações. Conforme Roetert, Woods e Jayanthi (2018), existem fortes recomendações para que tenistas participem de outros esportes com a finalidade de reduzir lesões, melhorar as habilidades esportivas gerais e permitir o prazer da participação física durante toda a vida. Por fim, em algum momento, os atletas que avançam para o alto rendimento terão que decidir qual o seu melhor esporte e dedicar suas energias e esforços a uma rotina de exercícios e torneios. Outros esportes e demais atividades ainda podem desempenhar um papel recreativo importante durante os dias ou períodos de recuperação ou de descanso dos treinos e competições de tênis.

Conversando com os pais e treinadores em diversas oportunidades, testemunhou-se uma quantidade expressiva de tenistas praticando outros desportos, a fim de melhorar suas performances. Isso é perceptível principalmente nas fases de formação, quando, por indicação dos próprios pais ou treinadores, as crianças iniciam atividades em grupo, como vôlei, futebol e outros esportes, com o objetivo de trabalhar a desinibição e melhorar o espírito de grupo. Ainda, essas ações são incentivadas como parte do aprimoramento das demais valências dos tenistas, que precisam estar mais bem formadas, como explosão e velocidade, por exemplo.

A quarta questão foi formulada para a reflexão dos treinadores em relação a um tema altamente polêmico: as competições individuais infantojuvenis. Esse tema foi um dos mais dicotômicos do estudo, com contribuições bem importantes e com valores bem significativos. Nos relatos, foram encontrados três caminhos: o primeiro, identificado por respostas afirmativas, em que as competições deveriam ter uma sensível ponderação; o segundo, com repostas negativas, afirmando que a competição é feita com um simples objetivo, poucos ou nenhum ajuste; e o terceiro, as situações condicionais, que dependem de cada caso a ser avaliado.

- **Questão 4: As competições individuais no tênis infantojuvenil devem ser alvo de uma cuidadosa ponderação?**

*Entrevistado 3: “Sim, para mim, sim. A gente, como treinador, acho que deve ter muito cuidado em quando inserir o menino nas competições individuais. Por N situações, né? Por ser eliminatório, por ser um contra um e pela pressão que isso acaba acarretando. Pelo risco que o menino corre de se desestimular na competição. Então, acho que muitas vezes a gente deve inserir, se a gente achar que não é o momento, a gente, como treinador, deve voltar atrás e segurar um pouquinho mais, até que a gente ache um momento curto para o menino ir*

*entrando na competição, de uma maneira, de forma mais assertiva, em que ele se sintam bem, em que ele possa ter, principalmente, resultados positivos e negativos.”*

Entrevistado 5: *“Ah, eu acredito que sim, [...] porque nem todos os jogadores têm essa maturidade psicológica, física, intelectual, competitiva para estarem competindo, assim, nesse modelo que é apresentado hoje. [...] Trabalha muito só com o sucesso e fracasso. Então, isso deve ter uma ponderação grande a respeito de como e se o atleta está realmente preparado pra encarar esse tipo de competição, porque, daqui a pouco, se ele não apresenta sinais, né? De que está realmente preparado, é melhor ele esperar um pouco, atingir essa maturidade, pra que a competição se torne um pouco mais prazerosa para ele e não acabe frustrando e ele acabe abandonando.”*

Nos relatos, os treinadores concordam em reforçar a tese de avaliar melhor as competições infantojuvenis. É possível destacar nos seus discursos e nas suas afirmações a constante preocupação de introduzir seus atletas nos torneios. A inquietação sobre como reagiriam as crianças e os jovens nas competições emerge frequentemente nesses depoimentos. O fato de seus comandados não estarem plenamente preparados e/ou ainda estarem sozinhos para as disputas reforça o argumento de que a participação deles nos campeonatos deve ser bem planejada. Ainda, realçam a importância do treinador nesse processo, em relação à tomada de decisão e à determinação dos torneios que eles devem participar ou não.

Contribuindo com esse pensamento, Lima (1987) reforça que o aperfeiçoamento das crianças só pode ser verificado mediante um observador externo. Porém, isso só é realizado pelo treinador, que, conseqüentemente, fornece as informações devidas a elas. Corroborando com essa questão, Cortela *et al.* (2016a) afirmam que o treinador possui diversos predicados, como a visão, a organização, a liderança e a comunicação, além das habilidades nas relações pessoais e nas suas reflexões, valores que formam sua práxis profissional. Para Balbinotti *et al.* (2009), a introdução das crianças e dos adolescentes nas competições poderia ser extremamente benéfica para eles. O fato de o treinador selecionar de forma adequada as competições para seus orientados faz com que suas necessidades sejam atendidas. Ainda, a competição não pode parecer uma obrigação, mas, sim, um processo de *feedback* para o seu desenvolvimento, para uma adequação de suas competências.

Vale salientar que é frequentemente discutido entre os treinadores nos clubes, centros de treinamento e academias dois casos distintos com relação a essas

considerações. Primeiro, conforme o relato dos Entrevistados 3 e 5, alguns treinadores, quando inserem os seus atletas em competições e não obtêm o sucesso esperado, acabam por “segurar” os seus orientados, fazendo-os não participar por um bom tempo de competições, com o receio de perdê-los para um outro treinador ou clube. Por outro lado, nos locais de treinamento mais estruturados, os *head coaches*<sup>10</sup> realizam reavaliação com os seus atletas após os torneios e analisam, conforme o desempenho da criança ou do jovem, se devem avançar no nível e na quantidade de torneios ou se devem retroceder, participando de competições de menor expressão.

Relatos dos treinadores que são contrários ao pensamento de ponderar as competições infantojuvenis:

Entrevistado 4: *“É, eu acredito que não. Eu acho que... Obviamente que tem alguns contrapontos, alguns ajustes que são importantes de serem feitos e avaliados. Mas essa questão individual, a nossa vida ela é, muitas vezes, individual. A gente, muitas vezes, a gente não tem [como] recorrer pro terceiro ou pro outro. Então, eu acho que não. Óbvio que tem que ser feito alguns ajustes, mas essa parte individual das competições é extremamente importante e bem conduzida e, com uma boa orientação, elas são inteiramente salutares e importantes para o desenvolvimento da pessoa como um todo... pra vida.”*

Entrevistado 10: *“Não, não acho que deva fazer tanto alarde. Cuidadosa ponderação? Acho que não. Acho que a gente pode tá dando um caráter meio ‘over’ em lance de competições individuais.”*

Contrapondo os resultados apresentados nessa questão, outro grupo mostrou-se em oposição à ponderação sobre as competições individuais infantojuvenis. Suas conclusões foram embasadas no fato de que o atleta, quando está em jogo, tem que seguir sozinho em suas escolhas, assim como seria em sua vida adulta. Nesse sentido, considerando que crianças e jovens já tomam suas próprias atitudes, Marques (2004) defende o pensamento de que todas as crianças e jovens, nos momentos de jogo, se reconhecem nos moldes formatados pelos adultos. Conforme Lazzari, Thomassim e Stigger (2010), a esportividade é responsável por evoluir a potencialidade de crianças e jovens nas suas principais competências (cognitivas, psicomotoras e socioafetivas), proporcionando, assim, uma maior estrutura para enfrentar as suas adversidades.

---

<sup>10</sup> *Head Coach*: Treinador principal.

Com relação a esse aspecto, é de conhecimento geral, através da vivência nos torneios infantojuvenis, que os atletas nos níveis mais avançados, além de já terem estabelecido, no início da temporada, o seu calendário anual com toda a comissão técnica, já mantêm uma boa absorção das informações recebidas. Essas qualidades permitem, mesmo em momentos de derrotas seguidas em torneios, a maturidade necessária para se adequarem às competições que virão na sequência.

Relatos dos treinadores que acreditam que cada caso é uma situação diferente, com relação às competições infantojuvenis:

*Entrevistado 1: “Depende do nível que a gente está falando. Se a gente estiver falando de um nível mais jovem, de atletas mais jovens, eu acho que sim. Eu acho que a gente tem que ponderar, realmente. Depende do objetivo do atleta. Se o objetivo do atleta for jogar, se já está jogando por volta dos 14, 15 anos, já está levando para o lado profissional, ou para o lado universitário. Aí, eu acho que não, eu acho que ele tem que seguir nessa pegada, porque é o que ele vai enfrentar, mesmo. Se for aquele atleta de 15 anos que treina três dias por semana, uma hora e meia por dia, que gosta de competir, mas não tem grandes aspirações no tênis, talvez seja um alvo de ponderação, também. Acho que depende do objetivo, do nível técnico, do que o atleta quer, né? Para poder moldar isso aí.”*

*Entrevistado 7: “Olha, depende. Eu acho que o nome já diz: as competições individuais. Ponderar pra quê? Porque a gente quer mais gente se mantendo retido no nosso esporte, ou a gente quer encontrar jogadores de altíssimo rendimento ou de possível rendimento lá pra frente?”*

Como terceiro caminho, verificado nas contribuições dos entrevistados, apresentou-se uma dualidade nas conclusões. Cada treinador prefere manifestar uma condição, conforme cada caso é evidenciado. De acordo com os dois discursos apresentados, verificou-se que a ideia em relação aos tenistas que estão em formação é de que deveria, sim, haver a adequação no modelo de competições, devidamente reestruturadas, conforme as evoluções dos atletas. Porém, se falando na trajetória das categorias, com as idades mais avançadas e o alto rendimento, estes modelos não deveriam sofrer alterações tão significativas.

Indo ao encontro da fala dos entrevistados, Marques (2004) complementa que a competição só é a correta se ela for adequada para as necessidades e anseios das crianças e dos jovens. Ademais, a competição deveria ser uma forma de construção da formação, dando um real significado e direcionamento para a preparação dos atletas. De acordo com Greco e Brenda (1998), o esporte para crianças e

adolescentes teria que, além de ser desenvolvido para preparar para o modelo adulto de competições, proporcionar que todos tivessem uma atividade saudável e conseguissem alcançar a prática de atividades físicas. Para Penalva (2018), para se trabalhar com um calendário, é fundamental respeitar a fase de evolução dos jogadores. Com isso, a competição vai motivando e também pode vir a diminuir a quantidade de lesões. Por fim, o treinador deve ater-se à ideia de desenvolvimento do atleta a longo prazo, sem pular etapas, e, principalmente, respeitando a individualidade de cada um.

Hoje, presencia-se, em diversas equipes, o surgimento de subniveleamentos dentro dos grupos competitivos nos clubes ou centros de treinamento. Conforme o nível do grupo de atletas, o direcionamento para as competições ocorre, mesmo que seja para nível local, havendo o processo de ponderação das competições (para crianças e jovens em período inicial de formação). Esses atletas devem participar de competições de integração e sociabilização. Os demais grupos já participam das disputas no modelo tradicional do esporte (adulto), não tendo, na maioria das vezes, ponderação nesses tipos de competição. Em visita a um grande centro de treinamento europeu, foi possível observar como é realizada essa ação, e como o processo de avanço dessas crianças e jovens acontece. A programação é realizada juntamente a atletas e pais ou responsáveis, com transparência e, principalmente, com adequações na programação a longo prazo dos jogadores infantojuvenis.

A quinta e última questão no repertório dos modelos de competições buscava apurar, nos relatos dos entrevistados, quais valores deveriam seguir como referência nas competições. Essa questão apresentou uma quantidade significativa de predicados. Por outro lado, houve um entrevistado que apresentou uma contrariedade em relação a esse tema, alegando que o sistema competitivo pouco ou nada conseguiria contribuir para os valores das crianças e dos jovens.

- **Questão 5: Que valores e funções devem servir de referência às competições de jovens tenistas?**

*Entrevistado 1: “O tênis tem um papel nesse mundo atual que é justamente a resolução de problemas. [...] Eu acho que o tênis traz um pouco disso, e a criança, o adolescente passa a ter que resolver problemas que, teoricamente, não trazem soluções de fora para ele [...]. Ele tem que resolver por ele mesmo.”*

Entrevistado 3: “[...] De respeito às autoridades, de integridade, de respeito ao adversário, de honestidade, que eu acho que é para isso que o esporte serve.”

Entrevistado 4: “Bom, valores, então, que eu acredito... honestidade, né? Dentro dessa questão aí dos grupos, dessa parte social. Eu acho que eles acabam tendo uma formação e uma consolidação de caráter, né? De respeito, em relação aos pais, em relação aos pais dos outros atletas, à torcida, em relação a árbitros, em relação aos colegas, em relação aos próprios adversários.”

Entrevistado 5: “A competição ensina muito, mesmo aqueles tenistas que não forem, né, de fato, profissionais. Mas elas vão levar para a vida delas alguns valores muito importantes, que é a disciplina, o respeito, a honestidade, a integridade, a empatia, a amizade. Então, são valores que surgem ali no início da competição e seguem o atleta para o resto da vida, mesmo na vida profissional, familiar, profissional. Eles seguem levando esses valores, que eu acho que são valores muito válidos, muito importantes na formação do caráter, né? Nos futuros adultos, adolescentes e adultos.”

Entrevistado 6: “[...] Acho que a primeira coisa que o torneio agrega para as crianças é a autonomia. [...] Então, a empatia é importante, que é o segundo ponto [...]”

Conforme todos esses depoimentos, é possível registrar que a competição, não importando o nível que o tenista esteja, contribui em muitos aspectos para o desenvolvimento psicossocial dos praticantes. Rose Júnior e Korsakas (2006) afirmam que a competição proporciona à criança a chance de aprender a resolver problemas e tomar decisões, mesmo que equivocadas em determinados momentos, assim como o Entrevistado 1 declara. Podemos relacionar à contribuição do Entrevistado 6 a afirmação de Rose Júnior e Korsakas (2006), de que se deveria refletir sobre a possibilidade de se adquirir uma autonomia esportiva. Esta autonomia esportiva estaria caracterizada pela capacidade do atleta de avaliar a competição, podendo optar por competir ou não, caso não se sinta preparado para tal, isto é, esta decisão cabe sempre à criança e ao jovem, não deve ser uma imposição do adulto.

As buscas pelos desafios e pela competição são salutares, podendo culminar em ensinamentos para a vida. Ainda, Borrás (2019) relata que os jogadores deveriam ser mais autônomos. Com isso, eles estariam menos instáveis e, conseqüentemente, mais confiantes. Eles criariam uma boa rotina antes, durante e depois de terem trabalhado em quadra, realizando uma análise todos os dias.

Indo ao encontro dos relatos dos Entrevistados 3, 4 e 5, Gonçalves *et al.* (2016) apresentam um consenso entre os treinadores entrevistados em seu estudo, em que



todos se manifestaram favoravelmente às competições infantis. Essas competições proporcionam às crianças a socialização e o progresso de diversos valores, como honestidade, respeito, entre outros.

Em oposição a essas considerações, os Entrevistados 8 e 10 fazem um parecer a respeito da comparação do trabalho realizado pelos treinadores em repassar valores e sobre a relação que as crianças e jovens têm em casa:

*Entrevistado 8: “E aí vem, do aspecto educacional deles, se vai se comportar bem, se vai ter autonomia, se vai respeitar o outro, pra que consiga trabalhar isso, para que na competição ele se comporte melhor.”*

*Entrevistado 10: “Bom, os valores é uma coisa, assim, complicada de passar, porque o lance de valores, nós, educadores físicos, a gente prega um monte os ideais olímpicos, mas a gente se confronta com os valores que eles têm em casa.”*

Através desse depoimento, é possível salientar a preocupação dos entrevistados em relação ao que estaria ocorrendo no esporte e fora dele, em especial ao que as crianças e jovens estariam vivenciando junto às suas famílias. Conforme os seus relatos, uma incerteza é transparecida em relação à inversão de valores, que deveria ser melhor estudada, pois depoimentos com descrições sobre o que ocorre dentro das famílias é um assunto extremamente delicado e sensível de se abordar. Contudo, conforme Borrás (2019), em um determinado centro de treinamento, na América do Norte, um dos pilares desse local é criar, no atleta, uma estrutura mental, promovendo a autoconfiança e a sua independência, não só como jogador, mas também como pessoa. Com relação às famílias dos atletas, o autor comenta que os atletas fazem uso de um aplicativo criado pela academia que apresenta, através de um relatório, evoluções de diversos aspectos, como o mental, por exemplo. Esse aplicativo serve para os pais ficarem atualizados das ações, do treinamento e das competições mensais de seus filhos. Tendências na área da Pedagogia do Esporte apontam que, para que a competição possa contribuir efetivamente com o processo de desenvolvimento dos jovens, são necessárias diferentes adequações – levando-se em consideração as necessidades e interesses desse público (BERGERON *et al.*, 2015; LEONARDO; SCAGLIA, 2018).

## 4.2 O CONTEXTO DA RELAÇÃO VITÓRIAS X DERROTAS

Nessa segunda parte da abordagem realizada com os treinadores entrevistados, utilizou-se como referencial teórico três questões moldadas na relação pedagógica entre vitórias e derrotas, embasadas nas considerações de Marques (2004). O autor defende o pensamento de que competir é extremamente importante para crianças e jovens se sentirem incentivados. Para ele, a vitória e a derrota são relevantes, pois a participação deve buscar sempre a vitória. Somente assim, a derrota terá valor pedagógico. Conforme Balbinotti *et al.* (2009), para muitos, há uma visão deturpada de vitória: que tudo passa por ela e que quem perde não tem a motivação para continuar competindo. Isso é resultado de um destaque demasiado para o desfecho do jogo e indício de que o que incentiva o atleta de competição é somente o triunfo. Para Rose Júnior e Korsakas (2006), competir não é somente a vitória e a derrota, nem o predomínio do mais habilidoso sobre o mais fraco. Competir tem por finalidade dar a oportunidade à criança e apresentar sua evolução no desempenho das habilidades técnicas e táticas de uma determinada modalidade. Corroborando com a declaração anterior, Galdino (2005) questiona a ideia do mais e menos capacitado. Com relação a crianças, os aspectos de desenvolvimento delas são ignorados.

Dessa forma, essas três questões da entrevista se referem ao contexto das relações entre as vitórias e derrotas dos tenistas infantojuvenis nas competições. A contribuição dos treinadores permitiu analisar como eles percebem o ambiente das competições em relação a esse tema, e como elas afetam as crianças e os jovens.

- **Questão 1: Que tipo de articulação deve existir entre o treino e a competição no que se refere aos conteúdos e métodos de preparação do tenista?**

Conforme a contribuição de alguns autores (BALBINOTTI *et al.*, 2009; CORTELA *et al.*, 2016b; GALLATI *et al.*, 2017), o tema é bastante relevante. De acordo com cada depoimento dos entrevistados, é possível verificar, referente a essa questão, relatos de diversos pensamentos sobre o que se trabalha nos treinamentos e nas competições:

Entrevistado 1: *“É, no treino, criar situações para que o atleta aprenda a solução, né, de problemas. Que ele aprenda a identificar o que está acontecendo na quadra, né? Muitas vezes o menino sai do jogo, você pergunta por que ele perdeu e ele não sabe, né? Ele vai falar: ‘é porque eu errei muito’, sendo que errou muito porque o adversário achou o ponto fraco dele. Então, acho que isso, dentro do treino, né, é importantíssimo. Ele aprender, ele treinar a pensar... Isso vem com o treino. E, conseqüentemente, se ele treina, pensando, fatalmente ele vai começar a pensar mais nos jogos.”*

Entrevistado 8: *“E todos os momentos da competição têm que ser trabalhados, desde o início que trabalha na quadra, [...]. [...] Tu tens que fazer todas as coisas certas, desde o início até o fim do treino, pra criar confiança na competição.”*

Nesses relatos, independentemente dos motivos apresentados, ficou evidente, entre alguns entrevistados, a importância do treino antes, durante e após as competições. Conforme o discurso dos Entrevistados 1 e 8, eram nesses momentos que ocorriam a preparação e a lapidação necessárias das crianças e jovens, visando os confrontos que viriam mais à frente. Corroborando com esses discursos, Penalva (2018) afirma que o aspecto mais importante na preparação de um jogador, a longo prazo, é enfatizar o seu treinamento, com a finalidade de alcançar as melhorias esperadas. Balbinotti *et al.* (2009) reforçam, em seu estudo, que, no treinamento, são formadas as qualidades do tenista, como coragem e perseverança, por exemplo. Com isso, a determinação do tenista se apresenta nos treinamentos, resultando na evolução do seu desempenho, de médio a longo prazo.

Conforme as declarações dos entrevistados, é possível fazer uma relação entre as falas dos treinadores. Eles procuram trabalhar, em muitas oportunidades, com seus atletas, diversos conteúdos, que, conseqüentemente, podem ser concretizados nas competições. É comum presenciar, também, nos torneios, muitos treinadores realizando intervenções sobre a performance que deve ser realizada, ou como deveria ter sido feita por seus atletas nos jogos ou até depois das partidas finalizadas, a fim de lapidar alguns fundamentos em seus atletas.

No entanto, percebe-se que essa prática, de o treinador realizar intervenções e comentários, pode não ser proveitosa, pelo fato de o atleta já estar extenuado e, por consequência, não conseguir mais absorver as considerações de seu treinador. Segundo o relato de alguns treinadores, seria mais proveitoso deixar o atleta mais descansado física e mentalmente, para que ele consiga absorver melhor em outro momento as instruções de seu técnico.

Com relação às derrotas, entre os tópicos elencados pelo Entrevistado 1, destaca-se o registro nos treinamentos, para que os treinadores consigam melhorar o desempenho de seus atletas. Durante os treinamentos, é necessário um trabalho de conscientização, para que os tenistas consigam entender o porquê das derrotas e o que pode ser exercitado para evolução. Conforme Marques (2004), as derrotas têm um significado importante na competição infantojuvenil. Muitos atletas de alto rendimento acabam sucumbindo em suas carreiras por não saberem administrar as derrotas, pois sua formação foi moldada em se preparar para a vitória. Corroborando com essa afirmação, para Balbinotti *et al.* (2009), com tanta frequência nos treinos como nas competições, a evolução dos atletas em relação às derrotas deveria ocorrer deste modo:

Para se atingir resultados esportivos de alto nível no tênis, são necessários vários anos de treinamento e de competições. Por isso o tenista precisa ter perseverança para se manter um longo período convivendo com vitórias e derrotas, de tal modo que consiga superar essas dificuldades que são características do esporte. (BALBINOTTI *et al.*, 2009, p. 241)

A partir dessas afirmações, é relevante salientar que a derrota deve ser exercitada em todos os treinamentos. Ela deve constar como conteúdo obrigatório dos treinadores em todo o contexto infantojuvenil. Para as crianças e jovens, ela deve ir se adequando, como resultado de um treinamento de médio a longo prazo, pois sabe-se que o processo de absorção desse tema é altamente delicado e sinuoso.

Os Entrevistados 5 e 8 trazem considerações sobre o que ocorre nos treinamentos e o que se apresenta nos momentos das competições:

Entrevistado 5: *“Só que a gente não pode focar só na competição em si. No treinamento, tem todo esse desenvolvimento desses valores, que tem que ser trabalhados durante o treinamento, que devem ser ensinados através de exemplo, de conversa – trazer situações que acontecem em treinos pra reflexão dos jogadores. Então, isso é a parte mais importante, porque a competição, às vezes, ela não reflete o que foi trabalhado na semana, ela reflete só o momento, ali, que o jogador se encontra. Mas tem uma série de coisas passando na cabeça, acontecendo na vida, que, às vezes, a competição acaba não refletindo.”*

Entrevistado 8: *“Nós temos que articular muito bem, em relação a treino e competição. Primeiro que sim, entendo. O que vai fazer um jogador não são muitas competições, [...] porque somente a competição, ela não vai te ensinar muita coisa. [...] Treinando, fazendo, como a gente diz, treino aberto, fazer com*

*que a criança faça pontos abertos, dispute. Mas não necessariamente tem que haver só competições.”*

Através desses relatos, é possível verificar que as falas convergem na importância do treino, e que só a competição não é o suficiente para preparar adequadamente o atleta. A respeito da importância dos treinamentos, Rose Júnior e Korsakas (2006) reforçam a tese de que, para poder competir e adquirir uma autonomia esportiva, é necessário não realizar atividades ensaiadas, e de que o competidor tem que estar preparado para isso. Lima (1987) reforça a importância do treinamento frente a competição, argumentando que é nesse momento que o indivíduo realiza iniciativas de superação de metas, aperfeiçoando o desenvolvimento de suas competências, o que provoca novas experiências, aprendizagens e necessidades.

Ao levar em consideração as declarações desses entrevistados é possível sugerir dois caminhos a serem seguidos nesse tipo de situação. O primeiro está relacionado aos treinamentos pós-finalização da participação competitiva do atleta, quando se deve iniciar uma conversa aberta, leve, deixando o tenista bem descontraído para relatar como foi sua participação no torneio. Não se deve fazer interferências até que ele termine todas as suas considerações. Nem sempre é possível prever se o atleta estará aberto para essa conversa, por isso, o treinador deverá ter este *feeling*. O segundo caminho é uma conversa no dia do torneio. No entanto, essa conversa não deve ocorrer após o final do jogo, pois, nesse momento, se o atleta venceu, ele estará no calor do êxito e não conseguirá, em muitas situações, se concentrar nas considerações do treinador, e, caso tenha perdido, não estará receptivo ao *feedback* necessário. Corroborando com esta ação, em relação aos diálogos propõem uma melhor reflexão por parte dos atletas, Hollowell, Buscombe e Preston (2019) declaram que o treinador deve estar atento em manter um bom relacionamento com o seu atleta, a fim de descrever o seu desempenho através de um diálogo intencional durante o treinamento. Esse processo pode ser executado de uma forma bem descontraída, com o atleta trabalhando para entender melhor as orientações de seu treinador e, assim, podendo atingir seu potencial, para, depois, alcançar o topo na partida.

Neste trecho, observa-se o discurso do Entrevistado 10, que aponta para a importância de o treinador não realizar demasiadas intervenções, tanto nos treinamentos como nas competições:

Entrevistado 10: *“Durante os treinamentos, eu sou o que não intervém o tempo inteiro, tá? Eu sempre dou um tempo pra eles avaliarem, e eles nunca vão ter uma resposta minha, assim, direta [...]. Se eu ficar sempre dando esse feedback, fica muito simples. Tô criando uma taipa ali do outro lado, que vai ter a resposta mastigada, nunca vai descobrir por si. [...], Isso aí é resultado de eu ter largado perguntas durante os treinamentos, porque eles já sabem, ‘não, porque eu fiz isso, que nem a gente combinou’, ‘tu viu que legal, e depois a gente entrou...’ Então, normalmente, eu só escuto, aí nem preciso conversar muito depois dos jogos, e eu gosto disso. Como uma conquista que vem deles, porque até um tempo atrás a gente, ‘ah, joguei mal’, ‘ah, joguei bem’, ‘ah, não sei’ [...]. ‘Joguei mal’... só que não é isso, é outras coisas., E daí, por quê? O que te incomodou? O que tu fez pra incomodar ele? Né? Então, esse é o tipo da conversa pós-jogo, em campeonato, que tá sendo mais um retorno deles do que exatamente uma análise minha.”*

Borras (2019) afirma que cada jogador deve refletir e pensar em quais aspectos eles acreditam que precisam evoluir. Nesses resultados, devem estar as características técnicas, táticas, físicas e, principalmente, mentais.

De acordo com a vivência desenvolvida durante o período de acompanhamento de crianças e jovens nas competições, é válido acrescentar que cada tenista reage de uma forma diferente ao *feedback*. No mesmo grupo de treinamento, pode haver tenistas totalmente abertos, como outros extremamente resistentes a conselhos e considerações. Por isso, é importante sugerir o *feedback* em conjunto (trabalho em grupo), sendo uma ferramenta importante no processo de intervenção do treinador, nesse caso. Indo ao encontro desta afirmação, Borras (2019), enfatiza o trabalho realizado na Academia Sanchez-Casal, que enfatiza, além do trabalho individual com aplicativos os atletas trabalham em outros momentos em conjunto.

Ainda, é relevante citar o relato do mesmo entrevistado sobre a preparação nos treinamentos, associados às situações reais nas competições:

Entrevistado 10: *“Então, se a gente está num treino intenso, que a pulsação te sobe, vai, coisa assim, ele tem 20 segundos de descanso. Eu quero a toalha lá no fundo, eu quero ele indo caminhando, indo e voltando até a toalha. Daí, 25 de descanso. Aí ele tem que pensar no que ele fez, o que ele não fez e que tem que voltar para a próxima bola, entendeu? Então eu gosto muito. Claro que no momento em que explodiu, coisa assim, aí entra o minuto e meio pra água, mas eu curto muito fazer o treino adequado aos tempos, porque, também, eu tô*

*disciplinando um cérebro, que tem que ter a capacidade de perceber o erro, avaliar, pensar, retornar, com a capacidade, também, de buscar o descanso e o oxigênio necessário pro próximo. Só que pra isso aí ele tem menos de 25 segundos entre os pontos, e quando ele tá no tempo, ele tem um minuto e meio da virada de lado, né. Então, eu adequo, sim, o tipo de treino em função disso.”*

Nesse sentido, conforme Cotard (2018), a simulação continua sendo uma excelente forma de preparar os jogadores para a competição, desde que o estresse esteja presente no treinamento. No entanto, os jogadores só estarão sob estresse se a partida do treino for excepcional. O perigo é que os resultados das partidas dos treinamentos rotineiros não importem. Com a criação de situações de estresse, abre-se a possibilidade para realizar as revisões dos treinos, a fim de que os atletas não fiquem traumatizados e foquem em situações concretas.

Knight, Lewis, Mellalieu (2016) apresentam que, para a criança ter sucesso nos jogos e alcançar seu potencial como tenista, ela deve ser capaz de lidar com o leque de emoções que se apresentam antes, durante e depois das partidas. Com isso, é de suma importância que elas experimentem essas emoções, com a finalidade de desenvolver estratégias de enfrentamento, ajustadas para administrar essas emoções.

Corroborando com a fala do treinador a respeito das regras de tempo da Federação Internacional de Tênis (2019b, p. 14),

entre o intervalo entre um ponto e outro, é permitido um descanso máximo de 25 segundos. Quando os jogadores mudam de lado no final do *game*, permite-se um descanso máximo de 90 segundos. Quando finaliza o *set*, o tempo máximo de descanso, no intervalo, é de 120 segundos.

Com relação a esses aspectos abordados, é relevante abordar que, no contexto tenístico infantojuvenil, conforme diálogo com treinadores em torneios ou em cursos e intercâmbios, não são todos os treinadores que aplicam esse tipo de estratégia. Muitos, por empirismo ou por não conhecerem esse tipo de mecanismo, optam por organizar outros tipos de treinamento, em que intervalos e/ou pressão psicológica não são utilizados. Sugere-se que esse tipo de procedimento seja realizado não muito próximo das competições, a fim de que o tenista consiga absorver melhor os conteúdos programados pelo seu treinador.

A segunda questão refere-se às conjecturas das disputas no esporte em destaque e o que elas significam para os treinadores em todo esse contexto.

- **Questão 2: Quais os pressupostos básicos das competições no tênis, ou seja, para que servem?**

A respeito dessa questão, o discurso dos entrevistados mostrou, nessa primeira linha de respostas, a importância das competições em relação a vitórias e derrotas:

Entrevistado 5: *“Então, isso aí é muito importante quando a criança está iniciando a vida competitiva [...], saber lidar com as vitórias e derrotas. Então, a competição serve para que ela possa agregar o máximo de experiência pra carreira dela.”*

Entrevistado 7: *“Então, eu acho que essa parte é fantástica no nosso esporte [...]. O seu filho vai aprender a ganhar e perder, tudo aquilo que a gente tá careca de saber, né. O seu filho vai aprender a ter resiliência. Com os erros dele, o seu filho vai aprender a lutar e querer buscar mais. Ah, o seu filho vai ser honesto [...]. Ele é saudável nessa situação da educação.”*

Entrevistado 10: *“[...] Do quanto essa criança, ela reflete a personalidade dela fora da quadra, dentro de um simples jogo, né. Como ela reage quando ela perde dentro de um joguinho, como ela reage quando ela ganha [...].”*

Conforme observado nas respostas dos treinadores em relação à importância da evolução do desenvolvimento da aprendizagem dos jovens e às vitórias e derrotas nas competições, Marques (2004) reforça a linha de pensamento de que não se deve vangloriar as vitórias obtidas, nem provocar exageros sobre as derrotas. Para ele, esses dois momentos devem ser trabalhados com naturalidade pelos adultos, a fim de proporcionar às crianças e aos jovens a ênfase no desenvolvimento psicossocial e físico, por exemplo. Como consequência dessas ações, eles estarão mais bem preparados para sua evolução na competição de alto rendimento e para a vida adulta.

Esses depoimentos reverberam uma dificuldade que é presenciada durante todos os torneios. Diversas crianças e jovens não conseguem administrar as suas emoções após suas partidas. Conforme cada partida é finalizada, na hora da vitória, algumas crianças acabam por extravasar as suas emoções, assim como na derrota, quando por vezes elas acabam dramatizando o evento, indo de acordo com os pressupostos elencados anteriormente por Marques (2004).

O trabalho de conscientização das crianças deve ser feito durante todo o período de formação, pois o processo de absorção dos ensinamentos a respeito das vitórias e derrotas deve ser realizado não só nas competições, como também nos



treinamentos. As crianças e jovens devem passar por essas situações a fim de amadurecer como atletas e, futuramente, administrar melhor as suas emoções.

Em outros discursos importantes, os treinadores relacionaram a resolução de problemas ao tema em discussão:

Entrevistado 1: *“Além disso, tem a parte, como a gente disse antes, da resolução de problemas. O tenista que consegue resolver mais problemas, com certeza, se ele não for um tenista profissional, na vida, ele vai conseguir resolver problemas com maior facilidade e mais naturalidade.”*

Entrevistado 6: *“Bom, eu acho que as competições têm um valor de solucionar problemas [...]. Então, é fantástica essa capacidade rápida que você tem de absorção, de tomar a decisão.”*

Entrevistado 9: *“Faz a criança criar uma responsabilidade de resolver os seus próprios problemas. Faz ela, a criança, crescer mentalmente [...], o que vai fazer com que ela evolua dentro da quadra.”*

Relativo a essa questão, Balbinotti *et al.* (2009) enfatizam a importância de um esforço educativo em diversas tarefas, com a finalidade de provocar um impacto motivacional para que o tenista consiga vencer as suas adversidades, estimulando, assim, a sua força de vontade. Nesse mesmo caminho, Gonçalves *et al.* (2016) apresentam a importância do incentivo à criança, para que ela tenha autonomia em suas tomadas de decisão.

Para Ginciene e Matthiesen (2017), o modelo *Sport Education* poderia ser uma eficiente ferramenta para auxiliar crianças e jovens em relação à tomada de decisão. Para eles, esse método coloca o aluno no centro do sistema, estimulando-o a resolver problemas e, conseqüentemente, ampliar os seus conhecimentos. Contudo, ainda não se sabe desse método ser utilizado como ferramenta para as competições de tênis infantojuvenis no Brasil.

Os discursos apresentados pelos entrevistados sobre esse tema traduzem uma sensação de expectativa de que as crianças e os jovens adquiram uma autonomia em suas tomadas de decisões, em relação à resolução de problemas, especialmente no decorrer dos treinamentos e das competições e ao longo do processo de formação e desenvolvimento como atleta e pessoa. Essas questões nos permitem observar que tenistas infantojuvenis que têm tomadas de decisão importantes e tentam resolver seus problemas em treinamentos e competições se tornam tenistas mais arrojados e

completos. Independente das suas trajetórias (tênis profissional, tênis universitário, outros caminhos), é nítido e comprovado o surgimento de autonomia na vida adulta. Corroborando com este fato, Borrás (2019) afirma que os treinamentos na academia nos Estados Unidos (Sanchez-Casal), visa à autossuficiência dos tenistas, tem apontado resultados positivos relacionados ao aumento da autonomia destes jovens competidores.

A terceira e última questão dessa seção apresenta um tema relevante, procurando associar uma linha pedagógica à competição no tênis.

- **Questão 3: Cite alguns indicadores que levem a uma pedagogia da competição no tênis.**

Conforme o relato dos entrevistados a seguir, é possível fazer um paralelo importante com autores reconhecidos dentro da temática. Para Gallati *et al.* (2017), a superioridade no esporte de alguns atletas com relação aos demais é formada por uma trajetória que vai desde a infância até o alto rendimento. Por isso, é de suma importância que as atividades durante a carreira esportiva marquem o indivíduo de maneira positiva, através de elementos eficientes em seu desenvolvimento esportivo. De acordo com Kröger e Roth (2006, p. 9), a melhor forma pedagógica para os esportes é:

Na metodologia dos esportes vale, como em outras áreas, que primeiro se aprenda o “A, B, C”, as primeiras letras, para depois, de forma garantida, poder passar a falar palavras mais complexas (técnicas específicas) e logo “regras gramaticais” (competência tática específica).

Neste primeiro trecho, aparecem considerações a respeito da função de valores e organização dos tenistas:

Entrevistado 1: *“A parte de organização, um atleta mais bem organizado fora da quadra, ele, conseqüentemente, tem a tendência a ter mais organização dentro de quadra e, conseqüentemente, mais resultados. [...] Essa responsabilidade, eu, particularmente, não vejo como eu tendo que buscar água para o meu atleta, como eu tendo que ir marcar presença na arbitragem, como eu tendo que ir ver quantos jogos faltam. Tem algumas coisas que é responsabilidade do atleta e quando ele aprende isso, fica muito mais fácil, né. Além do extra torneio, a gente tem a parte organizacional de hotel, também. Eu vejo isso como uma responsabilidade do atleta e isso, com certeza, é um fator de crescimento pessoal.”*

Entrevistado 2: “[...] *Eu acho que a gente tem que ter princípios. Eu acho que o princípio [deve estar] acima de qualquer resultado. Não adianta eu ter resultados, porque eu vou induzir o meu atleta a não ter atitudes corretas dentro da quadra, como despertar a ira do meu adversário ou marcar bolas erradas – usar de coisas que não tem nada a ver com o esporte.*”

Neste segundo momento, apresentava-se declarações pertinentes à relação da orientação dos ensinamentos direcionados ao tenista:

Entrevistado 6: “*A conversa sempre é a instrução. Uma instrução especial, concreta e positiva se torna um processo pedagógico pra competição. Então, a conversa, em princípio, ensina, a ver o que tem que fazer [...].*”

Entrevistado 7: “*Como nós vamos levar isso até uma esponjinha que tá ali, ávida para receber uma informação? [...] Como é que a gente consegue ter uma melhora muito boa no nosso jogador, no entendimento dele e do jogo? Fazendo aquela criança entender e educando ela, não traumatizando.*”

De acordo com essas considerações, é válido associar o relato desses treinadores com o que afirma Marques (2004), sobre a competição preparar a criança para a sociedade através dos seus valores. Para Lima (1987), a competição, para a criança, proporciona um conteúdo educativo.

Conforme observado nas falas dos entrevistados, é importante destacar a relação de fatores didáticos e psicológicos abordados entre treinadores e atletas. A pedagogia competitiva desenvolvida no tênis inicia através do ensinamento dos valores morais e de conduta, independentemente da idade do tenista iniciante.

Os treinadores entrevistados relataram que esse assunto é debatido frequentemente, não em um formato pedagógico, mas em conversas informais entre os colegas de profissão, que surgem durante os torneios, à medida que as situações se apresentam. É possível, ainda, sugerir que se deve melhorar a articulação das etapas educacionais e morais, sem sobressaltos, para que o tenista chegue ao alto rendimento em plenas condições.

#### 4.3 A FREQUÊNCIA NAS COMPETIÇÕES DOS TENISTAS INFANTOJUVENIS

Não existe um consenso a respeito da quantidade de competições que cada desportista deve participar no esporte (ROST, 1997; MARQUES, 2004; BOMPA, 2006). Com relação ao tênis, o tema se torna ainda mais intrigante (BOMPA, 2009),

pois, como destaca Gonçalves (2014), quanto mais a criança compete mais inteirada ela fica com a dinâmica dos resultados, vitórias e derrotas, estando mais didaticamente preparada para as competições. Nesse âmbito, a primeira questão diz respeito ao momento em que os jovens tenistas devem começar a competir.

- **Questão 1: Quando é que a criança deve começar a participar regularmente das competições?**

Analisando o conteúdo obtido nas entrevistas, pode-se constatar que grande parte dos treinadores procura deixar as crianças e jovens bem livres e descontraídos antes de qualquer circunstância. O momento em que elas se sentem mais preparadas e com maior vontade de competir é o momento das intervenções, no intuito de promover uma maior frequência de participação em torneios:

Entrevistado 1: *“Eu acho que sempre tem que respeitar o processo de maturação [...], identificar se aquele menino está pronto para competir. Não adianta eu colocar aquele menino de 9 anos, que não curte muito competir, perde toda a vez, sai chorando da quadra, porque perdeu de novo e não tá a fim de jogar. Ah, eu vejo o menino mais competitivo, é um menino mais competitivo, é um menino que, fatalmente, vai aguentar uma cobrança maior. Ele suporta uma pressão um pouquinho mais forte, de sair de um exemplo, sair de uma bola verde e jogar um torneio de bola amarela, né? Já é uma pressão. Já é um torneio maior. Ele já vê com olhos diferentes.”*

Entrevistado 3: *“Para mim, eu acho que os meninos precisam, primeiramente, sentir vontade [...]. Eles precisam se sentir à vontade no ambiente competitivo. À medida que o menino for se desenvolvendo, tendo mais sucesso e tal, naturalmente, vai tomando gosto pelas competições e, aí, vamos aumentar o número de competições ao longo do ano.”*

Entrevistado 4: *“[...] ela deve começar a participar regularmente das competições quando ela se sentir bem confortável, quando se sentir confiante, quando se sentir apta e sentir um prazer em jogar [...].”*

Entrevistado 8: *“[...] É... Tem que ver o quanto que ele tá preparado emocionalmente para disputar um torneio e o quanto ele quer, porque tem criança que não gosta de competir e tem criança que já gosta de competir. Então, você tem que ir moldando, de acordo com a criança [...], [de modo] que crie resiliência na criança. Mas tudo com muito cuidado, porque cada atleta tem uma forma de responder.”*

Conforme os relatos dos Entrevistados 5 e 8, o tema abordado estaria relacionado a vitórias e derrotas, mas também às competições não serem frustrantes para as crianças e jovens.

*Entrevistado 5: “Quando ela tá mostrando que ela já tem a maturidade esportiva para lidar com as derrotas, com as vitórias... Quando ela demonstra vontade de participar das competições [...]. Então, é uma série de fatores que o treinador tem que lidar para verificar se aquelas crianças têm, mesmo, condições de começar a participar de forma regular de competições. Mas os principais fatores são a vontade de a criança de participar e a postura dela estar adequada para lidar com as frustrações das derrotas e com, né? Daqui a pouco, a felicidade extrema das vitórias. Então, se a gente acha que já tem condição, ela pode começar a competir regularmente.”*

*Entrevistado 7: “[...] A criança gosta da competição, desde que você conduza essa competição de forma que ela passe a gostar, e não de uma forma traumatizante lá do começo. [...] Quando ela se sentir pronta ou quando o trabalho informal for bem feito. Quando isso passa para festival, pra uma coisa mais ampla, com outras crianças, né? Então, é um processo educativo. Cada um tem o seu tempo, cada criança vai ter o seu tempo [...].”*

No caso dos Entrevistados 5 e 8, suas declarações caminham ao encontro dos ideais de Marques (2004). De acordo com o autor, é importante que, para um melhor processo de desenvolvimento da criança, a derrota e a vitória não sejam os fatores predominantes, apesar de a busca pelo êxito ser sempre o melhor. Ademais, as vitórias ou as derrotas não devem ser supervalorizadas, dramatizadas. Conforme a declaração do Entrevistado 7, as competições, para as crianças, deveriam ser a imagem de suas necessidades e aspirações, a fim de que elas consigam passar pelas etapas desse processo a longo prazo (MARQUES; OLIVEIRA, 2002; ROSE JÚNIOR; KORSAKAS, 2006).

Conforme as afirmações dos entrevistados e considerando as situações que acontecem com frequência nas competições de tênis infantojuvenis, diversas crianças e jovens acabam participando de disputas sem estarem devidamente preparados. Diversas situações se apresentam, desde os tenistas que acabam por desistir das disputas no decorrer dos jogos, até um fato mais preocupante, quando ambos adversários não se cumprimentam no final do jogo.

Esses fatos indicam a falta de preparação de diversos treinadores que costumam introduzir e manter, muitas vezes de forma forçada, seus atletas nas competições, sem a devida preparação antes, durante e depois das competições.

Mais um fato preponderante é o caso de muitos pais depositarem, em seus filhos, toda a responsabilidade de conseguir algo que eles não alcançaram, ou projetarem neles um *status* social. Sugere-se, em vista disso, um trabalho aplicado com equipes multidisciplinares e, no caso de não haver essas equipes, que os treinadores tenham uma conversa franca e transparente com os pais, explanando como e quando a criança deve ser inserida e mantida nas competições.

- **Questão 2: Qual a frequência da participação competitiva recomendada para tenistas infantojuvenis?**

Relativamente a essa questão, os entrevistados se mostraram muito cautelosos em relacionar idades e níveis das crianças e dos jovens tenistas. Conforme a idade e categoria do tenista, o treinador aponta um rumo diferente. Com isso, é relevante separar os relatos dos entrevistados por idades, nas categorias *Tennis 10's*, transição para a bola amarela e nível avançado. A seguir, os depoimentos relacionados às crianças da categoria *Tennis 10's*:

Entrevistado 3: *“A gente sabe que competições demais durante o mês, durante os ciclos de treinamento, às vezes, acabam atrapalhando [...], [...] principalmente na fase de formação. Eu não recomendo, porque os meninos têm muitas questões a serem treinadas, a serem trabalhadas.”*

Entrevistado 7: *“[...] Acho que, [com] esses torneios de kids e tal, têm que [se] tomar muito cuidado. Acho que tem muita gente fazendo ‘over tournaments’, né? Forçando a barra por causa de ranking. Tá certo que já cortaram os rankings de 10 anos. Então, eu acho que é ótimo isso, já melhorou um pouco, mas deve ser tomado muito cuidado. Eu acho que, basicamente, essa é a minha opinião em relação aos torneios.”*

Entrevistado 8: *“[...] Tem uma criança de oito anos, entendeu? Você jogando com ela, quatro torneios no ano. Aí, eu acho que é de dois em dois meses, jogando um torneiozinho. Se for uma coisa que... Se você vê lá, eu não falo que ela vá bem em relação somente a resultado, mas ao quanto ela está se divertindo na quadra.”*

Entrevistado 10: *“Essa criança vai trabalhar, por ano, no máximo uma hora, três vezes por semana. Então ela vai, passa por uma competição por mês, e essa criança vai passar por educativo, e tem que fazer educativo, porque é hora de nós firmarmos a base técnica.”*

Com relação às informações expostas pelos entrevistados, segundo a Federação Internacional de Tênis (2019a), não há um número exato de competições

indicadas por tenista. Porém, a indicação de quantidade de dias por crianças nas competições de bola laranja, verde e 12 anos seria de 70, 90 e menos de 100 dias, respectivamente.

Contudo, muitas crianças na faixa etária dos oito e nove anos, assim como as de dez anos ou mais, conforme testemunhado em torneios nas categorias do *Tennis 10's*, conseguem participar de mais competições ao ano, pois se sentem mais preparadas para jogar sem se sentirem pressionadas. Sugere-se, entretanto, que essas exceções não sejam uma tendência, pois, como indicam os estudos da ITF (2019b) e os relatos dos treinadores, a grande maioria dos praticantes deve seguir as normativas dos órgãos internacionais. O cuidado maior seria em relação às crianças não ficarem com um nível de saturação elevado, conforme as competições aumentam, conseqüentemente aumentando, também, suas frustrações de forma precoce e fazendo com que desistam do esporte.

A respeito das competições a partir dos 12 anos, os entrevistados apresentam as seguintes conclusões:

Entrevistado 5: *“Assim, atletas que já estão pensando em alto rendimento, eu creio que duas competições mensais, no mínimo. Tem que participar, porque fica muito espaçado, e o jogador acaba perdendo ritmo de jogo.”*

Entrevistado 6: *“Acho que, quanto mais tiver, melhor. Isso é fato, acredito muito nisso. Só que assim, até que ponto não vai saturar a criança: ‘putz, não aguento jogar mais tênis’, ‘cara, tô cansado, já’. Então, você tem que saber o teu equilíbrio. É uma questão pertinente. Também é uma questão pessoal de cada um, cada treinador vai ter a sua visão [...]”*

Entrevistado 7: *“É, é, realmente. Eu defendo. Como jogador infantojuvenil, ele deve ter contato com competições, em média, uma vez por mês.”*

Entrevistado 10: *“Então, essa frequência aí depende muito se a criança quer, mas é que a gente nunca parou pra perguntar pra criança. A gente sabe que cada criança tem um certo nível técnico para aquela competição. Quando for para dar um passo maior, ótimo, vai dar-se um passo maior.”*

Roetert, Woods e Jayanthi (2018) sugerem que, em termos biológicos, para a decisão pela participação regular em competições, a criança deve, primeiro, alcançar seu crescimento e maturação adequados. Com relação aos aspectos psicológicos, a criança deve ser colocada, gradativamente, em contato com situações que impõem responsabilidade ou pressão, devendo ser encorajadas ao longo do processo.

Corroborando com essa afirmação, Lima (1987), Marques e Oliveira (2002), Marques (2004) e Rose Júnior e Korsakas (2006) afirmam que a atividade competitiva é uma maneira de avaliação do indivíduo através dos resultados obtidos nessa prática.

Analisando as falas dos entrevistados, de uma forma geral, pode-se concluir que os tenistas são avaliados conforme a participação nos torneios, e, a partir de então, são realizadas as devidas considerações sobre cada atleta. Contudo, cada treinador tem a sua própria forma de avaliar, para ir moldando o desenvolvimento de seus atletas nas competições, conforme sua maturação e seu desenvolvimento psicológico. Considerando as conversas com os treinadores entrevistados durante as competições, é possível afirmar que cada indivíduo age de uma maneira própria. Respeitando o princípio da individualidade humana, que defende que cada indivíduo responde de forma diferente a um estímulo, recomenda-se que os treinadores não priorizem a quantidade de competições, mas, sim, a qualidade, visando à adaptação de cada criança e jovem nas competições tenísticas infantojuvenis.

A terceira questão abordou um assunto bem polêmico na área tenística infantojuvenil: a desistência das crianças no tênis.

- **Questão 3: Por que muitas crianças abandonam a participação competitiva no tênis e, muitas delas, deixam até mesmo de praticar o esporte?**

Entrevistado 1: *“Às vezes, abandona a competição simplesmente por não gostar da competição.”*

Entrevistado 7: *“Por que tu deixa de fazer qualquer coisa na tua vida? Porque ela não te deu mais prazer. Não estás gostando mais daquilo.”*

Nesse primeiro trecho, é abordado um tema bastante crítico: a introdução e manutenção das crianças nas competições infantojuvenis sem a vontade e dedicação necessária. Conforme a fala dos treinadores, muitas crianças entram no esporte e não gostam de competir, conseqüentemente desistindo do esporte. Corroborando com essa situação, Rose Júnior *et al.* (2011) contribuem com o testemunho de que muitas crianças são colocadas em modalidades esportivas sem ter alcançado as fases de desenvolvimento necessárias para o amadurecimento esportivo. Como conseqüência, acabam sendo expostas em circunstâncias que as forcem a uma ação psicológica e



motora que mostre que não estão aptas para o esporte praticado. Para Longo *et al.* (2017), muitas das reações vêm de fatores intrínsecos, de dentro da pessoa.

Conforme a fala dos entrevistados, é possível considerar que muitas crianças e jovens no tênis, assim como em outros esportes, acabam praticando sem, muitas vezes, saber por quê. Dentro de quadra, frequentemente, há crianças jogando sem intenção ou motivação. Com isso, constata-se que não é nada salutar para uma criança ou jovem praticar o esporte nessas condições. É possível, entretanto, recomendar que procure outro esporte, antes que perca o gosto e deixe de praticar não só o tênis, mas outros esportes no decorrer de sua juventude.

Este segundo trecho aborda a relação dos atletas com a pressão dos pais e dos treinadores:

*Entrevistado 2: “Eu só tomo dura do meu técnico. Eu não ganho jogo, eu só tomo dura do meu técnico. Viajo pra caramba, tô mal na escola, eu perco festa, eu perco baladinha, perco namoro, eu não posso comer um bolo de chocolate, eu não posso tomar uma Coca-Cola, eu não posso comer um doce... Tudo eu não posso, tudo eu não posso. Pra quê? Pra que eu vou fazer isso? Vou competir? Pra quê? Para eu chegar no profissional e isso tudo piorar? Isso ser mais difícil ainda? Eu não poder fazer nada, não ter vida? Então, assim, eu acho que, na minha opinião, o que o pessoal tem feito com as equipes tá cada vez mais virando, aí, um quartel. Tá virando um quartel.”*

*Entrevistado 3: “Eu acredito que muito pela questão de pressão [...]. Pela questão de a gente ter uma necessidade muito grande de pressão de pai, de clube, de todas as situações. Por ter resultado, e resultados muito a curto prazo [...]. Então, muitas vezes, os resultados não vêm. A melhora esperada, como ele gostaria, demora um pouco mais que ele imaginava e tal. Então essa frustração acumulada acaba aumentando muito a pressão, e isso aumenta muito a questão do abandono durante o processo [...].”*

*Entrevistado 5: “Sim, isso é muito comum acontecer, mas eu acho que é pela forma errônea de muitos pais e treinadores trabalhar, colocando muita expectativa nas crianças, usando outros jogadores como exemplos, não respeitando que cada criança tem o seu tempo de se desenvolver, tanto física como psicologicamente. Então, acabam comparando ou colocando expectativas demasiadas no jogador, e ele se frustra e acaba abandonando o esporte.”*

*Entrevistado 6: “É, a cobrança – cobrança dos pais, cobrança dos treinadores [...].”*

*Entrevistado 8: “Então, é uma coisa que o treinador tem que saber, junto aos pais, se está sendo sadio ou não. Joga muito torneio, treina muitas vezes por semana... Tem que saber detectar se ela está feliz na competição. Às vezes, pode parecer que ela está cheia [...]. Tem que saber se ela tá sendo forçada a treinar, sendo*

*forçada a jogar torneio. Isso vai fazendo com que ela vá enchendo o saco de jogar torneio, vai botando muita coisa e, então, ela não vai conseguir seguir.”*

Entrevistado 9: “[...] Pressão dos pais para que as crianças tenham resultado e não qualidade naquilo que elas tão fazendo [...].”

Conforme os estudos de Côté e Hancock (2014), as crianças sofrem um processo de especialização precoce em diversos locais do mundo. Nesse processo, elas são selecionadas em idade tenra para competir e alcançar um nível de elite. Ademais, esse tipo de processo é realizado em ambientes de treinamento rigorosos. Para Balbinotti *et al.* (2009), a prática de atividade física realizada pelos jovens pode acarretar em treinamentos mais fortes, aumentando as cobranças, que são ocasionadas pela excessiva valorização das competições.

Com relação às colocações dos entrevistados, ainda é muito presenciado, em treinamentos e competições, treinadores e pais que exercem uma demasiada pressão sobre as crianças e jovens. Muitos treinadores ainda trabalham de forma tradicional, procedendo de maneira ostensiva e desproporcional com seus atletas. Determinados pais ainda agem de uma forma nada construtiva, fazendo com que as crianças chorem nas competições. Com isso, acaba não sendo nenhuma novidade não ver novamente essas crianças e jovens em competições de tênis infantojuvenil. A partir das conversas com os treinadores, é possível propor uma reestruturação nos torneios, com relação a pais e treinadores. É necessário abordar com ambos, nos torneios, através de palestras, vídeos e rodas de discussões, a importância da competição para as crianças, e como sua intervenção pode acabar prejudicando, ao invés de ajudar. Com isso, poderão testemunhar, futuramente, a evolução mental dos atletas. Indo ao encontro desta afirmação, Borrás (2019) afirma a importância da intervenção da Academia Sanches-Casal que instiga os atletas a realizarem este tipo de ações.

Neste terceiro trecho, são abordadas contribuições dos entrevistados para essas situações de pressão demasiada de pais e treinadores:

Entrevistado 4: “[...] Porque o tênis é um esporte de erro, né? É um esporte de muito mais erro e de muito mais derrotas do que de vitórias. [...] Numa chave de 32, na realidade, no tênis, só tem uma pessoa que ganha, né, o resto, [os outros] 31, perdem, são derrotados. Na realidade, não são derrotados, né? Mas se tu for ler a tabela e a chave, friamente seria isso, né?”

Entrevistado 10: *“A gente tem alguns caminhos, né? Só que esses caminhos não são mostrados para essas crianças, ou são falados, mas não são explicitados e explicados mais claramente. Então, assim, o que acontece é que esses caminhos alternativos não são muito explícitos, né? Aí, a criança é 8 ou 80. Se tu ganha, tu continua jogando. Se tu não ganha, tu vai parar... é meio lei isso, né?”*

Entrevistado 11: *“Eu acredito que, justamente, é resultado. Muitas vezes, os pais propriamente cobram um resultado e, às vezes, não se deve acelerar o processo. Têm crianças... Cada um é um, cada um reage de uma determinada forma e, então, cabe ao técnico conversar com os pais e ver se é aceitável ela competir ou se é melhor ela fazer um tênis recreativo.”*

As análises dos discursos permitem abordar considerações importantes de diversos autores em relação a essa delicada questão. Para Longo *et al.* (2017), as atividades esportivas para crianças e jovens, se forem bem preparadas, conseqüentemente, beneficiarão a todos, levando-os à continuidade do esporte. Conforme Gonçalves *et al.* (2016), o tênis é um desporto que realça valores. Saber ganhar e saber perder é um processo fundamental para as crianças continuarem no esporte. Independentemente do resultado que a criança ou o jovem obtenha, o que deve ser salientado é o seu processo de inclusão no esporte. Complementando as contribuições dos autores, Galatti *et al.* (2018) destacam que, no esporte atual, seu ingresso não é exclusivo aos mais talentosos, mas, sim, para todas as pessoas, não importando sua origem ou seu *status* social. Nesse aspecto, é relevante salientar a importância de uma trajetória que leve os pais e treinadores a uma visão de competição salutar para as crianças e jovens. O que importa é o gosto pela prática, não o desempenho.

A partir de todos os aspectos apresentados pelos treinadores entrevistados e das contribuições dos autores, é necessário, para que ocorra a continuidade das crianças e jovens nas competições, apresentar como a competição surge e progride em todo seu contexto. Considera-se que a absorção das informações por parte dos pais, em grande maioria, é lenta, porém, se for bem planejada, a chance de continuidade de seus filhos no esporte é concreta.

A quarta e última questão, que encerra o tópico de frequência nas competições dos tenistas infantojuvenis, refere-se ao processo de avaliação das participações competitivas dos jovens tenistas. Essa questão tem por objetivo verificar os efeitos da competição nos participantes em termos físicos, intelectuais e morais.

- **Questão 4: Quais as consequências das participações competitivas nos planos da saúde física, mental e moral dos jovens tenistas?**

A análise do conteúdo das entrevistas permitiu concluir que se trata de um tema muito amplo. Com isso, a questão em destaque foi dividida em três partes, para uma melhor compreensão dos três aspectos elencados. A primeira, relacionada à saúde física, a segunda, ao aspecto mental, e, por fim, a terceira, a respeito da moralidade dos competidores. Os entrevistados apresentaram pontos de vista diversificados, mas muito convincentes para se realizar discussões pertinentes. Foram citados, por exemplo, aspectos sobre a individualidade do tenista, o surgimento da autonomia e tomada de decisão dos jovens nas competições, entre outros pontos.

Os relatos a seguir abordam as consequências físicas dos competidores:

Entrevistado 3: *“A rotina de um jogador de tênis é extremamente desgastante. Então, a gente sabe que, para a questão física, muitas vezes acaba sendo bem desgastante e aumentando o risco de lesão.”*

Entrevistado 5: *“Eles apresentam as dores do crescimento e têm que continuar treinando e competindo. Muitas vezes, eles acabam tendo lesões, que se eles não fossem atletas, eles não teriam.”*

Entrevistado 10: *“[...] Então, o limite entre o saudável e o não saudável é bem tênue.”*

Assim como as declarações dos entrevistados, Biaggi (2016) conclui que o corpo do ser humano é previsível. Sempre que o corpo é desafiado ou estressado, a sua reação é se adaptar, para estar preparado e protegido para um próximo desafio. Comprovando a argumentação do Entrevistado 10, Keller, Braga e Coelho (2013) argumentam que os atletas mais agressivos tendem mais à exposição, e, por consequência, aumentam a probabilidade de sofrer lesões. Outro ponto importante é abordado por Brandão *et al.* (2015), que afirmam que os treinadores devem ter cuidado em relação à quantidade de treinamento, a fim de evitar a especialização técnica precoce.

De acordo com as afirmações dos autores, o treinador deve, continuamente, verificar a quantidade de treinamentos e competições, a fim de que não comprometa a integridade física de seus atletas, não importando a idade ou o nível técnico. Frequentemente, nas competições e treinamentos infantojuvenis, observam-se alguns

treinadores realizando trabalhos demasiados, de volume e intensidade com crianças e jovens. Muitos desses casos se dão pelo fato de os treinadores serem ex-tenistas profissionais e utilizarem as suas experiências como jogadores, aplicando nas crianças e nos jovens as cargas de treinamento e jogos em demasia. Corroborando com este fato, Balbinotti *et al.* (2005) enfatizam que o treino não pode ser moldado somente em performances técnicas ou de potências. Recomenda-se que não seja aplicado esse tipo de atividade, a fim de não comprometer a saúde física do tenista e de evitar lesões de caráter permanente.

Estes trechos apontam para situações de questão mental dos tenistas:

Entrevistado 3: “[...] Mas eu acredito que, nessa questão mental, é uma grande oportunidade que a gente tem, hoje em dia, com os jovens, para fazer com que eles desenvolvam, também, essas características mentais, desenvolvam essa mentalidade de suportar a pressão, um pouquinho de tolerância, a dor e a frustração.”

Entrevistado 8: “Tem muitas coisas. Tem gente que tá quase pra ganhar, de repente, para a vida adulta, tá quase ‘vou ganhar aquele título’, ‘vou passar naquele concurso’, aí vai ter medo de vencer. No tênis, já vai passar por isso, ‘ah, será que eu vou perder?’. No tênis, vai passar por isso, também [...].”

Entrevistado 9: “Ele respondendo bem, você dá um passo à frente com ele depois, porque um problema mental nessa idade pode causar um problema muito grande lá na frente. Um problema é criar um bloqueio mental, de não saber lidar com um problema, não saber lidar na hora que o jogo apertar. Quando você precisa respirar pra você ter calma, para você oxigenar o seu cérebro, para que você consiga desenvolver o que você treina.”

Com relação ao aspecto mental dos tenistas, indo ao encontro da fala do Entrevistado 9, Knight, Lewis e Mellalieu (2016) apresentam que o atleta, obtendo estratégias de enfrentamento das emoções, teria a capacidade de controlar, inibir e até mudar os seus sentimentos, tornando-se mais maduro e forte nas competições. De acordo com a afirmação dos autores e o relato dos treinadores entrevistados, propõe-se que os treinadores sejam os agentes motivadores dos atletas em relação ao fator mental. Durante os treinos, pode-se criar situações reais de jogo, exercitando o aspecto mental e proporcionando que os atletas saiam da zona de conforto, mas tudo com o domínio da situação. Treinadores que não têm a devida experiência são aconselhados por outros mais experientes a não realizar esse tipo de procedimento.

Relatos a respeito da questão moral das crianças e jovens:

Entrevistado 2: *“Segundo ponto: princípios. Eu acho que a gente tem que ter princípios. Eu acho que o princípio está acima de qualquer resultado. Não adianta eu ter resultados, porque eu vou induzir o meu atleta a não ter atitudes corretas dentro da quadra, como despertar a ira do meu adversário ou marcar bolas erradas – usar de coisas que não tem nada a ver com o esporte.”*

Entrevistado 3: *“Na questão moral dos tenistas, também acredito ser uma ótima oportunidade. O tênis é um esporte muito íntegro, né? De muita honestidade, assim, apesar de acontecer inúmeras situações. A gente tem bons exemplos e tem, ao mesmo tempo, maus exemplos, então, é importante que, desde cedo, os jovens consigam enxergar onde eles estão e consigam desenvolver essa questão de avaliação e escolher o caminho correto, né? Para que a gente possa desenvolver não apenas bons tenistas, mas também boas pessoas no futuro.”*

Entrevistado 4: *“[...] O que é bola fora, é fora, o que é dentro, é dentro, e daqui a pouco a bola pega na linha, lá, e não vai ser aquele ponto que vai perder o jogo, por causa daquela bola. Então, eu acho que, basicamente, no dia a dia, além de a gente falar e salientar e bater nessa tecla de respeito, de honestidade, é tu dar o exemplo, tu mostrar, tu pensar em determinados momentos do treino, que levam a criança a dar uma deslizada, e é ali que tu interfere [...]”*

Entrevistado 10: *“Então, a competição pode trazer a ética de um bom perdedor, bom companheirismo. O cara é o meu adversário, mas não é o meu inimigo, entendeu? Eu joguei contra ele, mas vou jogar dupla com ele, e, então, eu acho que a parte ética é enorme dentro da competição, principalmente dentro do nosso esporte. Mas aí cabe a nós salientar o quanto isso é importante, o quanto isso existe.”*

Ainda, houve um entrevistado que fez uma discussão relacionando os aspectos mentais e morais no mesmo contexto:

Entrevistado 5: *“[...] Que podem ter consequências muito positivas, na questão mental e moral, na parte da autoestima, porque aquele atleta que tem sucesso no tênis, nas viagens, ele acaba tendo uma autoestima muito elevada, acaba sendo bem quisto no meio das competições. Todo mundo se aproxima, quer tá próximo, acaba desenvolvendo um círculo grande de amizades.”*

Corroborando com a fala do Entrevistado 5, Balbinotti *et al.* (2009) enfatizam a importância do relacionamento dos atletas nas competições. Os autores afirmam que os campeonatos devem possibilitar ao tenista o sentimento de que ele foi bem recebido pelos grupos de crianças e jovens que participam dos torneios. Como consequência, suas carências psicológicas serão supridas. Conforme Longo *et al.* (2017), em referência à motivação na atividade esportiva, fazer novas amizades, divertindo-se, resulta na manutenção das crianças e jovens no desporto.

Conforme presenciado durante as competições infantojuvenis, é explícito que os atletas mais bem quistos entre os tenistas sempre estão acompanhados ou em grupos, apresentando, na maior parte das vezes, um semblante alegre e feliz. Nas disputas, mesmo que não vençam as suas partidas, esses atletas demonstram uma confiança bem acima dos demais, isso pelo fato de sempre se sentirem apoiados por seus amigos, muitos deles tenistas do lado de fora da quadra. Nos treinamentos, são valorizados aqueles atletas que, mesmo que não sejam os melhores da equipe, são considerados como líderes pelos tenistas, pois mobilizam e contagiam o grupo através do espírito de equipe e da boa conduta dentro e fora das quadras, assim como salientou o Entrevistado 5. Com isso, a sugestão é que se promova um maior incentivo para os jovens praticarem o esporte, que pode vir a resultar em uma massificação do tênis.

#### 4.4 A TRANSIÇÃO DO *TENNIS 10'S* PARA O MODELO TRADICIONAL

Esta seção foi elaborada *a posteriori*. No decorrer das entrevistas, ocorreu a apresentação de uma categoria nova, proveniente da prática em evidência. Portanto, não se originou das teorias de Competições para Crianças e Jovens, de Marques (2004), e sim dos questionamentos sobre a transição do modelo *Tennis 10's* para o modelo tradicional. Para se compreender melhor essa transição, foi necessário evidenciar as alterações e inovações nas categorias de 8, 9 e 10 anos. Cada faixa etária foi referida pelos treinadores entrevistados, que contribuíram com as suas vivências e pontos de vista. Além disso, é relevante apresentar as adequações realizadas pelos órgãos que regem o tênis nacional e mundial.

Como o estudo deste trabalho abrange a faixa etária a partir dos 8 anos, é importante ressaltar que as mudanças nos formatos de disputas e os relatos dos entrevistados contribuem para o aparecimento de novos rumos na competição de jovens tenistas. Nesta categoria, apresentam-se as contribuições dos entrevistados da seguinte forma:

- 1) As considerações dos treinadores a respeito das competições e peculiaridades do estágio laranja e a sua respectiva transição;

- 2) As considerações dos treinadores em relação à lacuna entre o estágio laranja e verde (surgimento do estágio verde-limão);
- 3) As considerações dos treinadores relativas à transição das competições do estágio verde para o sistema tradicional (dimensões oficiais com a bola amarela).

**1) As considerações dos treinadores a respeito das competições e características de 8 e 9 anos de idade no estágio Laranja.**

Entrevistado 7: *“Hoje eu vejo [que] os jogos de 9 anos, de 8 anos, são lindos, são jogos que têm uma... um trabalho de abertura de quadra, que existe uma tática, que existe uma defesa, existe um ataque, existe um posicionamento de rede. Então, eu acho que, eventualmente, ah, no 8, a quadra poderia ser como ela é, né? Com a linha profunda delimitando os 9 metros e as linhas laterais diminuindo a largura da quadra, no 8 anos, isso. No 9 anos, quem sabe, já [se] poderia retirar as linhas laterais, e deixar só o 9 metros, a linha que limita a profundidade, porque eu vejo muito jogos de 9 anos [em] que a gurizada têm a capacidade maior de abrir ângulos e trabalhar mais ângulos, e não fazem, e aí se limitam a bater forte e reto. Então, eu acho que no 9 deveria ser retirado, na minha humilde opinião, essa lateralidade. [...] Eu gosto muito do TMC, né? Os torneios multichances, né? Nada mais são do que aquele início, lá, que não tem aquela questão tão clara de ganhar ou perder. [...] Se tu pega mais uma partida, quanto mais partidas, quanto mais experiências, vivências, você conseguir submeter aquela criança em um final de semana, eu acho que é o mais interessante possível. Porém, a gente não pode esquecer que a gente vai ter algumas crianças que vão participar num final de semana inteiro de um torneio multichances e vão perder todos os jogos, porque não tem como você fazer um contra todos e todo mundo ganhar.”*

Entrevistado 10: *“As regras dos 10's são quadras adaptadas, que evitam as empunhaduras extremas. [Com] elas, a gente já tem as ferramentas para trabalhar a continental, para trabalhar a mecânica, para se acelerar a raquete em um Top Spin. Então, eu acho que as quadras menores já nos facilitam muito essa parte técnica. [...] É demais ver [o] quanto os rallys, [o] quanto a laranja aperfeiçoa, perdão... [o] quanto aguça a leitura da percepção da jogada, da percepção de onde a bola tem que ir, depois de uma quadra aberta, né? O quanto melhora o olho da criança, para ver o xadrez do tênis, essa parte tática, pra ver as distâncias, os maiores possíveis, os buracos da quadra...”*

Ao analisarmos os conteúdos fornecidos pelos treinadores, percebemos dois aspectos significativos para essa faixa etária: primeiro, a consciência dos treinadores quanto à evolução das crianças com menos de dez anos em ambientes e formatos que as possibilitam jogar de uma forma descontraída, e, como consequência, evoluir técnica e taticamente, sem a necessidade de pressão de pais e treinadores, de acordo com a fala do Entrevistado 10; o segundo ponto diz respeito ao formato das dimensões



das quadras e os modelos apresentados de jogos, que possibilitam as tomadas de decisão das crianças de uma forma natural. Corroborando essas considerações, Sackey-Addo, Pérez e Crespo (2016) apresentam a necessidade de se introduzir, nessas faixas etárias, as habilidades técnicas e básicas do tênis. Concomitantemente, deve-se explorar as habilidades psicológicas (foco emocional, atitude positiva, comprometimento e esforço), além da tomada de decisão. Roetert *et al.* (2016) relatam que o tênis é um esporte que representa a alfabetização física. Por isso, os benefícios vão desde os aspectos físicos, psicológicos e sociais, até a satisfação significativa que sentem quando competem. Ainda nesse sentido, os autores enfatizam a dedicação da Federação Internacional de Tênis em proporcionar uma estrutura adequada para a competição no tênis.

As competições na categorias de 8 e 9 anos sofreram alterações significativas nos últimos anos. A Federação Internacional de Tênis (ITF, 2019c), recomenda que os jogadores evoluam de uma fase para a seguinte no momento em que alcançarem sucesso e resultados significativos nas competições dos estágios laranja e verde ou apresentem nível técnico para os próximos níveis durante os torneios. Corroborando essa tese, Cortela *et al.* (2019) afirmam que os principais fatores a serem analisados para a passagem de estágio devem ser baseados na competência das crianças e não em suas idades.

Nesses últimos anos, foi possível testemunhar que a grande mudança foi a liberação das competições infantis da categoria de 8 anos na quadra laranja. Incentivou-se, no Brasil, a participação de crianças dessa faixa etária nesse estágio. Conforme as crianças foram evoluindo, o número de participantes na nova etapa foi aumentando, e, conseqüentemente, houve o surgimento de novos talentos no esporte (SEMANA GUGA KUERTEN, 2019a). Nos clubes, escolas de tênis e academias, a participação dessas crianças, nesse recente modelo de competição no esporte, está sendo prestigiada.

Contudo, de acordo com a exposição do Entrevistado 2, trata-se de um formato de competição discutível:

*Entrevistado 2: “Volto a bater na mesma tecla, [em] uma categoria de 8 ou 9 anos, não existe um ranking, não existe um critério para se fazer uma chave, e aí o menino tem que jogar a Copa da Federações representando o seu estado. E, às vezes, perde até o título, porque não ganhou ali e enfim... Então eu não concordo muito com isso.”*

De acordo com a Federação Internacional de Tênis (ITF, 2019c), recomenda-se que não sejam realizadas competições nacionais individuais para menores de 10 anos. O que se sugere é que haja somente uma competição anual para as categorias de 10 anos. Gonçalves *et al.* (2016) também afirmam que existe a necessidade de adequar as competições e sugerem que as competições nessas faixas etárias sejam mais inclusivas e educativas.

Conforme o depoimento do Entrevistado 2, apesar de a ITF deixar livre para as entidades locais a organização dessas competições, é importante ressaltar que a criação de torneios com eliminatória sumária nessas faixas etárias pode ter efeitos negativos. A competição citada pelo treinador pode ter como consequência a desistência de diversas crianças do esporte. Por exemplo, se for enumerada uma quantidade de crianças que participaram dessa competição e da Copa Guga, que segue os mesmos moldes, corre-se o risco de que uma considerável parcela não participe novamente dessas competições no ano seguinte, pois o fato de a criança não ter a oportunidade de jogar novamente mais de uma partida nessa competição a afasta das competições seguintes.

## **2) As considerações dos treinadores em relação à lacuna entre o estágio laranja e verde (surgimento do estágio verde-limão).**

Passada a categoria dos 9 anos, surge um desconforto relativo à transição para o próxima fase, o estágio verde. De acordo com relatos de dois entrevistados, emerge o anseio de se incluir mais uma etapa entre o estágio laranja e o verde.

*Entrevistado 7: “[...] do 10, eu acho que tem um buraco muito grande, a criança sai de jogar de uma quadra de 9 metros, sem lateral, para ir jogar em uma quadra, quadra inteira, bola verde. Então, eu acho que aí tudo o que você ganha, no 8 e no 9, tu tá passível de perder no 10. No 10, eu acho que a quadra poderia ser aumentada um pouco, e não passar de 9 metros da quadra inteira, bola verde. Eu já escutei que existe um estudo da ITF, [em] que estão pesquisando [para] fazer uma bola tipo “verde-limão”, alguma coisa assim. Então eu acho... isso sim é um caminho.”*

*Entrevistado 9: “[...] que é para você ter uma quadra entre a quadra normal e a quadra de bola laranja, você não pegar aquela quadra laranja e ir direto para a bola verde, com a quadra grande, que eu acho que a criança, ela retrocede nesse momento dos 10 anos dali. Se tivesse uma quadra intermediária, entre a laranja e a quadra normal, eu acho que a criança não ia perder o que ela conquistou na*

*quadrinha pequena ali, de sacar melhor, de sacar e volear, de atacar e ir para a rede.”*

Schmidhofer, Laser e Ebert (2014) defendem, em sua pesquisa, que o nível que mais se aproxima do estágio profissional, proporcionalmente, é o estágio laranja, seguido do estágio dos 12 anos e, por fim, do verde. O que preocupa os pesquisadores é o fato de que o estágio verde é o mais distante do nível profissional. Os relatos dos entrevistados estão em consonância com o estudo de Bayer, Leser e Ebert (2017), que constataram uma possível lacuna na transição do estágio laranja (9 anos) para o estágio verde (10 anos). Vindo ao encontro da declaração dos dois treinadores, os pesquisadores acreditam que as dimensões da quadra poderiam ser modificadas mais uma vez, antes de se chegar ao tamanho da quadra oficial (23,77m x 8,23m). O objetivo do estudo era comparar a estrutura de jogo do estágio verde com um novo estágio, o verde-limão. Foram analisados, por esses autores, 12 vídeos, de 2013, que foram posteriormente comparados com outros vídeos gravados no ano de 2014. Diversos parâmetros de desempenho foram estabelecidos, e os resultados obtidos comprovam que os tenistas dessa idade (10 anos) têm maior facilidade de jogar nessas novas dimensões (20,77m x 7,19m). Conforme estudos de Gonçalves *et al.* (2016), essa categoria (verde) é o estágio de competição com o maior número de propostas de adequações.

De acordo com relatos e contribuições obtidas destes treinadores, esse estágio está muito próximo de se concretizar em alguns locais do território nacional. Experimentos estão sendo realizados, porém os resultados ainda não foram divulgados. Como proposta, sugere-se que diversos clubes e academias implementem esse novo estágio, a fim de aprimorar a capacidade das habilidades técnicas dos tenistas.

### **3) As considerações dos treinadores com relação à transição das competições do estágio verde para o sistema tradicional (dimensões oficiais com a bola amarela).**

Como última fase do processo, a transição do estágio verde para o modelo tradicional das competições é um dos pontos cruciais dessa categoria. Muitas contribuições dos entrevistados apontam para um caminho promissor para esta etapa, apresentando sugestões para as competições infantojuvenis:

Entrevistado 6: *“Eu acredito que, às vezes, até os 12, poderia ser importante ter um pouquinho mais de incentivo para eles ficarem mais tempo no torneio. Eu colocaria, se eu pudesse ter a chance, se [es]tivesse no meio, eu colocaria duplas mistas, até mais para a interação das crianças, ali, dos jovens, menino e menina, que é extremamente importante [...]. Até os 12 anos, eu tiraria a chave, a eliminatória direta, colocaria uma chave consolação, ou faria, talvez por grupo, que o número de atletas, é muita criança, então teria que ver alguma forma legal. Mas até os 12 anos, eu colocaria formas [para] que [eles] aproveitasse[m] uma semana, pelo menos, de torneios, [e] ficassem ali, para poder desfrutar.”*

Entrevistado 7: *“[...] a categoria 11 anos, tu não passa direto do 10 verde para o 12. Então tu tem a categoria bola amarela, mesmo. Eu acho que essa categoria aí – tem que ser feito um estudo maior entre bola verde e bola amarela. Mas bola amarela, 11 anos, o que acontece: aquele menino que não se desenvolveu tanto, que não teve um estiraõzinho, que não tá tão forte [...] quanto um outro que evoluiu fisicamente, ele não vai ter tanto problema para jogar.”*

Entrevistado 9: *“[...] muitas vezes o garoto de 11 anos, você já vai conseguir com que ele jogue alguns torneios na categoria 12 anos, e não jogue a categoria 11 anos. Quando você vai trabalhar com ele em torneios maiores, GA, você volta [com] ele para os 11 anos, porque vai ser muito difícil [para] ele, dependendo [de] como ele ficar na categoria 12 anos, ali, com 11, ele no torneio maior, [vai ficar difícil para] ele passar da primeira fase. Então, é melhor que você coloque ele na categoria 11 anos para que ele evolua mais no torneio e ganhe gosto pelo torneio, né. Dos 10 aos 12 anos, a minha ideia é fazer esse tipo de trabalho, sempre mesclando, entendeu [...]”*

Entrevistado 10: *“[...] que [para] os 11 anos, tem que ser um set com No Ad, entendeu, com No Ad, quadras com dimensões normais, mas tem que ser com No Ad, tem que ser com match tie-break [...], essa seria a melhor saída.”*

O Entrevistado 7 ainda ressalta a importância do complemento do trabalho psicomotor e técnico até o final dos 11 anos:

Entrevistado 7: *“Então, cabe a nós, treinadores, nos adaptarmos a essa situação e trabalharmos, sim. Eu digo, assim, o que vai delimitar a evolução de um jogador? A parte técnica, porque uma coisa tá muito ligada na outra. Se a gente não tiver uma boa parte técnica, ela vai estar limitada, onde se aprende isso? Até os 12 anos, na base, depois dali fecha a janela psicomotora de aprendizado, acabou-se. O que tu tem vai melhorar 20, 30%.”*

Verifica-se, nesses relatos, a importância dada pelos entrevistados à manutenção das crianças, por mais tempo, nas competições, pois, além de ser uma experiência positiva para elas, isso é importante tecnicamente. A formatação indicada é distinta; porém, todas demonstram o desejo de que não seja realizada apenas uma partida para cada competidor. Em consonância com o relato do Entrevistado 9,

Sackey-Addo, Pérez e Crespo (2016) afirmam que, mesmo nos estágios iniciais do tenista, se for realizado um bom planejamento, o jogador pode se manter por mais tempo e, conseqüentemente, seguir ao longo de sua carreira. Ao encontro da afirmação do Entrevistado 7, Cortela *et al.* (2019) reforçam que uma má progressão nessa fase pode comprometer toda a evolução realizada nos estágios anteriores.

Com relação à transição do *Tennis 10's* para o sistema tradicional, apresenta-se as declarações dos Entrevistados 2 e 10:

Entrevistado 2: “[...] vocês podem reparar: esses meninos que já estão jogando os 12 anos, a maioria deles já está totalmente corrompido, porque já não fizeram o kids legal, não fizeram ali uma transição boa, não foi saudável aquela transição. Então, eu acho que isso aí a gente poderia olhar com bons olhos: essa meninada entre 8, ali 10, 11 anos, na transição.”

Entrevistado 10: “Eu vejo uma pequena falha, uma pequena falha ali, que poderia corrigir, a verde pro 12: ali, eu acho que tem uma coisinha que poderia melhorar, entendeu. Uma criança de 10 anos joga set curto, com No Ad, aí cai nos 12, joga melhor de três sets, bola rápida [...]. E toda a América do Sul tá em debate, que é a transição dos 10 anos pros 12 anos: tem um leque ali, tá faltando, tá faltando. A ideia do Brasil de ter o 11 é muito legal, só que eles não adaptaram a uma transição.”

No Brasil, existe uma diferença na transição do *Tennis 10's* para o modelo tradicional, em comparação aos demais países. Existe uma espécie de categoria competitiva em estágio experimental, que tem por finalidade abranger as crianças que não têm um nivelamento técnico tão avançado, como os tenistas que já competem desde o estágio laranja. São realizadas competições para as crianças de 11 anos com as dimensões oficiais de quadra, porém utilizando a bola verde. Conforme os Entrevistados 7 e 9 declaram em suas entrevistas, isso surge como um estímulo para essas crianças competirem nessa categoria. No geral, essas categorias têm menos participantes do que as demais, pois as crianças que realizam as transições entre os estágios laranja e verde já pretendem ir para o modelo tradicional direto, devido ao seu elevado nível técnico e de suas habilidades em geral. O principal objetivo dessa ação é criar a possibilidade, para crianças com menor nível técnico, de seguir competindo e, conseqüentemente, de evoluir, respeitando as suas qualidades. Cortela *et al.* (2019) advertem que os treinadores devem ter o cuidado de proporcionar aos seus atletas ensinamentos mais qualificados, para que ocorra uma melhor absorção dos conteúdos e, conseqüentemente, para que eles tenham uma transição mais

tranquila para o modelo tradicional do esporte, indo ao encontro da preocupação do Entrevistado 2. Ademais, os autores enfatizam que todos os fatores do estágio devem ser analisados para se obter um bom desempenho (a transição das bolas, os quiques e o ponto de contato com a raquete).

Conforme testemunhado com os treinamentos realizados com os tenistas dessa faixa etária, é possível recomendar que se tenha o máximo de cuidado com o trabalho de transição desses dois estágios. Os treinamentos e as competições devem ser orientados de modo que a transferência seja natural, não tendo o treinador a imprudência de colocar treinos desproporcionais nem competições não condizentes com o nível técnico de habilidade do atleta. Com relação à mudança de bola, é fundamental que o treinador tenha a sensibilidade de observar o momento em que a bola verde já não é mais necessária para o tenista, para que, com isso, ele possa experimentar, de forma gradual, a utilização da bola oficial.

#### 4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS COMPETIÇÕES NAS CATEGORIAS 12 E 14 ANOS

Esta categoria, oriunda da prática em questão, retrata um ponto problemático, debatido entre os treinadores: as considerações sobre as categorias a partir dos 12 anos nas competições infantojuvenis. A seguir, será apresentada a contribuição dos treinadores entrevistados, com relação à competição dos jovens tenistas dessa faixa etária:

Entrevistado 1: *“Hoje em dia, você vê alguns meninos com 12 anos que nunca ‘passaram uma manteiga no pão, fizeram um Toddy, café com leite, um Toddy bem feito’. Então, isso acaba refletindo na quadra, essa falta de proatividade deles, essa dependência deles. De repente, esse mesmo menino vai despertar para a competição com 12, 13 anos.”*

Entrevistado 2: *“Então, eu acho [que] cada categoria, na sua especificidade, cada competição, você joga de um jeito. Você joga o 12 de um jeito, o 14 de um jeito, o 16 de outro. Eu acho que cada treinamento, e essas articulações, também, devem ser diferentes. Eu acho que isso aí é importante. A gente vai afastando cada vez mais esses meninos [para que] fiquem [com] um pouco mais de... vamos falar, vamos ser francos, um pouco de dificuldade no esporte. Antigamente, você via os meninos desistindo com 16 anos, hoje, estão desistindo com 12, 14, já não querem mais, por causa disso.”*

Entrevistado 9: *“[...] mas o menino que tem 12, 13 anos ficar dando balão na quadra para ficar ganhando partida, isso não é, eu não consigo ver como uma forma técnica de se ganhar jogo, porque isso tem validade, a validade chega no*

*segundo ano de 14, então é melhor você fazer um jogador de 12, pensando lá dos 10, pensando em bater na bola, já fazer as coisas que são necessárias e nos 12 anos a mesma coisa, trabalhar, o primeiro ano, jogando os 12 anos e o segundo ano de 12 já começar a trabalhar a parte de transição pros 14 [...].”*

Os relatos apresentados pelos entrevistados apresentam a preocupação de que seus atletas, nessas duas modalidades, estejam mais bem preparados para as competições nos modelos tradicionais do esporte. Eles abordam dois problemas que são frequentemente vistos nas competições, entre os 12 e 14 anos, principalmente na categoria 12 anos. Verifica-se, nessa categoria, que alguns jovens utilizam estratégias específicas, executando *forehands* e *backhands*, em alturas muito elevadas com relação à rede, provocando o deslocamento de seus adversários para o fundo, cerca de mais de três metros da linha de base da quadra. Esses tenistas, no segundo ano da categoria de 14 anos, já não conseguem mais sobrepujar os seus adversários com essa estratégia. O segundo problema relatado pelos entrevistados diz respeito ao aumento da perda da motivação dos tenistas nessas duas categorias e, conseqüentemente, a desistência das competições, de acordo com a descrição do Entrevistado 2.

O Entrevistado 7 declara grande preocupação quanto ao trabalho de transição nos treinamentos, referentes à parte técnica, a partir dos 12 anos, e sugere que deve haver mais estudos sobre essas categorias:

*Entrevistado 7: “Então, a gente sabe é ali, quando fecha a janela, ali, acabou-se. Ele vai evoluir um pouco, mas é até ali que deve ser feito o estudo de todo esse processo, de aprendizado técnico. Então, eu acho que [com] o equilíbrio entre o aprendizado técnico, junto da competição, tu podes fazer um treino.”*

Assim como esclarecido na categoria referente à transição do *Tennis 10's* para o modelo tradicional, em que os autores Cortela *et al.* (2019), Sackey-Addo, Pérez e Crespo (2016) e Gonçalves *et al.* (2016) apontam para o devido cuidado que os treinadores devem ter para aprimorar os aspectos fundamentais para um trabalho eficiente, nessa nova fase, os critérios a serem trabalhados devem ser mais aprofundados.

Para Alvariño, Autur e Crespo (2016), depois dos 11 anos de idade, o treinamento fica mais intenso, o trabalho é de longo prazo, e a metodologia a ser utilizada deve respeitar os diferentes estágios do jogador. Ademais, no período de

treinamento, todas as habilidades possíveis devem ser trabalhadas, como, por exemplo, as capacidades psicológicas e físicas, para se competir com autoconfiança contra qualquer tipo de jogador.

Ainda segundo os autores, a etapa de especialização das meninas ocorre entre os 11 e os 13 anos e, para os meninos, entre os 12 e os 14 anos, e o fato de as crianças terem participado do processo de desenvolvimento das habilidades nos estágios do *Tennis 10's* faz muita diferença. Em conformidade com o relato do Entrevistado 9, Balbinotti *et al.* (2005) reforçam a importância de se trabalhar com os tenistas, desde cedo, para que compitam de forma consistente. Os autores enfatizam que não adianta somente treinar tiros, sendo fundamental treinar de forma progressiva, a fim de proporcionar a maturidade técnica e tática do jogador.

Existe, também, o desconforto dos treinadores entrevistados com o fato de que diversos jovens perdem o gosto e a vontade de seguir lutando para superar as dificuldades dessas categorias competitivas. De acordo com as considerações de Young (2016), falta mais prazer nas competições. A autora reforça que, se os treinadores conseguissem trabalhar com os seus jovens, se eles estivessem menos preocupados com o resultado e com a forma de jogar, muitas vezes, eles poderiam se surpreender com o desempenho dos atletas.

Interpretando o segundo ponto apresentado pelos entrevistados, como sugestão, recomenda-se que o processo de mobilização e motivação dos jovens jogadores parta das categorias de base (*Tennis 10's*). Igualmente, os treinadores devem buscar despertar, nessas categorias, o gosto e o aumento da paixão pelo tênis, pois só assim os jogadores conseguirão superar as adversidades nessas categorias de modelo tradicional do esporte.

Boa parte dos treinadores têm a mesma visão com relação às federações e à confederação: eles acreditam que as instituições devem olhar com mais carinho e cuidado para os tenistas, realizando ações paralelas durante as competições. Durante as disputas, os jovens não querem mais passar pela incômoda situação de esperar muitas horas para jogar, sem ter atividades para fazer durante o intervalo de jogos. Ademais, outra situação que preocupa os treinadores concerne os modelos competitivos nas categorias a partir dos 12 anos. Não importando o nível técnico do atleta, os entrevistados acreditam que formatos que sejam mais atraentes para os



jovens devem ser inseridos nas competições para que, por consequência, eles possam ter mais prazer e vontade de participar de torneios vindouros.

Entrevistado 2: *“Você pega um menino de 12 anos, que entra em um torneio, ele classifica para um torneio G1, aí ele pega um cabeça de chave. Quando que esse menino vai voltar de novo para jogar um torneio? Vai tomar 12, sabe? Então, eu acho que, em alguns pontos, a gente poderia, não sei, por que não montar uma categoria A e B? Por que não? [...]. Tem alguns torneios de consolação, que o pessoal começou a fazer. O menino está ali, pô, cada joguinho é uma evolução, e a gente tentar melhorar, também, esse ambiente dentro da competição.”*

Entrevistado 3: *“Eu acho que, aqui no Sul, a gente tem o formato de CTG [Circuito de Tênis Gaúcho], que eu acho muito legal, muito bacana, que os meninos jogam, apesar de ter a questão eliminatória um pouco mais adiante no torneio. Eles têm a oportunidade de, pelo menos, jogar dois jogos, e acho que daria para fazer [isso] em outras competições. Pelo menos naqueles torneios, com aqueles meninos que a gente vê, que ainda não se desenvolveram, ainda não escolheram o seu caminho.”*

Entrevistado 4: *“[...] Formatos por naipes e por categorias acho que seriam formatos adequados e bons. Por exemplo, equipes de 12 anos masculino jogariam num formato de equipes, dentro do seu naipe, dentro de sua categoria, e assim por diante. A nível regional, o pessoal daqui do Rio Grande do Sul, que eu vejo, têm torneios com nove etapas, já, de 8 a 16 anos, no naipe masculino e feminino, que, ao longo do ano, são todos no caráter classificatório... A criança joga no mínimo 3 partidas. Então, começa o torneio na sexta, a criança tá viva, no domingo ainda tem o grande montante do público, [ela] tá envolvida com o torneio, do início até o último dia.”*

Entrevistado 6: *“Aí, dos 14 para cima, eu manteria do jeito que tá. [...] o ideal, o sistema tradicional, que é perdeu, tá fora.”*

Entrevistado 7: *“Eu acho que essa categoria de 12 anos é uma categoria [em] que a gente perde muito jogador, e depois 14 de novo, que são as duas categorias, de 12 e de 14. Então, eu acho que essas duas categorias, elas poderiam ter o 11, quem tem capacidade, mesmo que seja primeiro ano, pode jogar no 12 e depois no 13 de novo e no 14. E aí, depois, eu acho que todo mundo é igual e tem que ir embora, e o que passou, passou, perdeu, perdeu, era pra perder mesmo.”*

Entrevistado 10: *“Acho que, em algum momento, a gente podia ter umas atividades paralelas, pros pais, né? [Aí] a gente não tem os pais grudados na tela, que tenha um cantinho: aqui é o lounge dos pais. E deixa uma mesa de frutinhas... Sei lá! Eu tenho várias ideias para que os pais conversem entre si e, de repente, eles tendo atividades, também, porque não chega a ser entediante para um pai chegar de manhã, o filho jogou um jogo às 10h, depois vai jogar às 5h da tarde, e ele vai fazer o que o dia inteiro? Entendeu?”*

Com relação a essas falas, desde o ano de 2007, ocorre, aqui no Rio Grande do Sul, o Circuito de Tênis Gaúcho, o CTG: uma forma de competição que pode abranger os diversos níveis técnicos dessas duas categorias (12 e 14 anos). O formato de disputa é bem interessante, e, conforme os relatos dos Entrevistados 3 e 4, esse modelo pode ser inserido nas competições nacionais de tênis infantojuvenil. Conforme a Federação Gaúcha de Tênis (2019a), nos últimos anos, foram criadas as categorias 1 e 2 (por exemplo, categoria 12 anos A, B e C), com a finalidade de colocar as crianças no nível adequado. Com isso, as disputas dos jogos são mais equilibradas, propiciando que os participantes tenham a possibilidade real de obter vitórias, mesmos sendo bem iniciantes no esporte. Corroborando essas afirmações, Longo *et al.* (2017) afirmam que inserir as crianças e jovens na prática esportiva de uma forma planejada e adequada pode acarretar em diversas vantagens para todos, inclusive na continuidade da prática esportiva. Da mesma forma, Aires *et al.* (2016) reforçam que a competição para crianças e jovens deve ser adequada à sua realidade e atender aos seus anseios. Para Galatti *et al.* (2017), para que os jovens sigam o seu desenvolvimento no esporte de rendimento, os clubes devem realizar mais atividades recreativas durante a sua evolução e fornecer programas de qualificação para os treinadores, a fim de que eles possam, futuramente, proporcionar a seus atletas uma maior participação e, conseqüentemente, um melhor desenvolvimento durante as competições.

Refletindo sobre as justificativas dos entrevistados, é possível chegar às seguintes considerações: conforme evolui no esporte, o jovem tem dois caminhos na competição de tênis infantojuvenil, no modelo tradicional do esporte: (i) preparar-se para o alto rendimento, participando de torneios de nível mais avançado, nacional e internacional; (ii) mas, também, continuar a sua caminhada, realizando um estudo dos torneios dos quais ele deve participar, principalmente com relação aos tenistas juvenis que têm um bom nível técnico. Tudo isso tem que ser estudado e trabalhado com a equipe técnica e familiares.

Com relação às competições, deve-se estudar a formatação dos torneios, a partir dessas categorias, a fim de que as desistências no esporte diminuam. Clubes, academias e federações devem trabalhar em conjunto, para que esse problema comece a ser minimizado. Acredita-se, ainda, que mesmo as competições de nível

tradicional (alto rendimento) podem se moldar em algumas etapas, nas competições em que a eliminatória sumária não seja a única via para o atleta infantojuvenil.

#### 4.6 A IMPORTÂNCIA DA CONSCIENTIZAÇÃO DOS PAIS DE ATLETAS EM AUXILIAR OS TREINADORES E, EM ESPECIAL, OS SEUS FILHOS

Esta categoria apresenta um tema extremamente importante: a participação dos pais no contexto competitivo das crianças e jovens no tênis. Os relatos dos treinadores retratam vários pontos, desde o acompanhamento nos treinamentos até os planejamentos para as viagens competitivas de seus filhos.

Segue a contribuição dos treinadores a respeito da orientação aos pais, esclarecendo a eles como devem ser suas condutas no acompanhamento dos treinamentos e nas competições de seus filhos:

Entrevistado 1: *“É, tudo é conversado. É feito... tem que ser feita uma reunião, tem que marcar uma conversa olho no olho, explicar umas situações, mostrar dados, né? Mostrar [...] até mesmo questões financeiras. Eu acho que é tudo na base da conversa e por meio de dados. A gente tem um controle de frequência, a gente tem um controle de sessões de treino, né? A gente tem um controle de um número de torneios jogados, de jogos disputados. E aí, a gente mostra que não está satisfatório, né? Nem o resultado... A gente casa com a performance que a gente viu. [Em] todo o jogo que a gente faz, a gente faz um relatório. Então, a gente casa essas informações e passa isso para o atleta ou para os pais dos atletas, para a gente entender aonde está se metendo, se está se metendo em um torneio que está condizente ou está abaixo, ou está na hora de dar um passo adiante.”*

Entrevistado 2: *“Os pais – às vezes alguns treinadores – querem que o menino acorde atleta, passe o dia inteiro atleta, durma atleta, e aí, na minha opinião, não é dessa forma. Eles têm que ser tratados como indivíduos, crianças e atletas, e eu acho que a pressão, ela vem mais dos pais [...], e os pais querem mais do que os meninos, e não pode ser, não pode acontecer isso de jeito nenhum.”*

Entrevistado 4: *“[...] Tem a conversa com os pais nesse sentido [...]. Precisa ter esse trabalho em conjunto, né? Pais, escola... E aí a coisa fica com eles mais resistentes para efetivar e, conseqüentemente, consolidar essa questão, de educação, de honestidade, ter uma conduta correta, né? Dentro desse meio, e da vida em si.”*

Entrevistado 11: *“Muitas vezes, os pais [...] cobram um resultado, e, às vezes, não se deve acelerar o processo. Tem crianças, cada um é um, cada um reage de uma determinada forma, e então cabe ao técnico conversar com os pais e ver a melhor forma: se é aceitar ele competir ou se é melhor ele fazer um tênis recreativo.”*

Segundo o Entrevistado 9, diversos locais não informam para os pais como está sendo realizado o trabalho com seus filhos:

Entrevistado 9: *“Os pais não são informados do dia a dia dos atletas, do seu atleta, do seu filho, a maioria não é informada.”*

A Federação Internacional de Tênis (2019b) recomenda que, conforme a criança evolui nos estágios competitivos, os pais devem deixar que os jovens atletas se tornem mais independentes. Contudo, os responsáveis devem ser permanentemente informados sobre a evolução de seus filhos.

Seguem os relatos dos entrevistados com relação ao diálogo com os pais:

Entrevistado 1: *“[...] A gente senta, conversa, [...] tenta extrair dele os objetivos, o que ele quer para o filho dele, e até mesmo o que o próprio filho quer, para que a gente conseguir alinhar quais torneios ele vai jogar.”*

Entrevistado 2: *“Então, é individualmente ali, com o pai, né? Tête-à-tête ali, definindo o calendário do menino [...]. A gente trabalha muito junto com os pais. [...] Os pais conhecem os filhos, a gente tenta passar para eles para onde os filhos vão, até onde os meninos vão. O melhor caminho, na minha opinião, é a transparência.”*

Entrevistado 4: *“Eu acho que, basicamente, é a sinceridade do técnico com o pai. Ele tem que orientar dentro do nível que ele visualiza de determinado atleta e ponto final. [...] Mas eu vejo que a situação, ela não é simples, mas se tiver sinceridade e se tiver uma boa orientação do técnico, junto com cada pai, 80% vão comprar a tua ideia e tu vai consolidar e fidelizar essa criança. [...] Mas eu acho que é bem delicado, eu acho que tem que jogar limpo, se a criança tem nível de jogar regional, tu vai orientar a jogar o calendário regional. Se a criança tem nível CBT, tu vai orientar... e assim por diante... acho que é isso.”*

Entrevistado 5: *“Então esse é um ponto que atrapalha muito: os pais confundirem essa relação e quererem tomar conta da carreira dos filhos. O ideal mesmo é eles confiarem nos treinadores [...]. Porque ninguém melhor do que os treinadores pra ter condição de fazer o calendário ideal, levando em conta todos os aspectos, físico, psicológico, técnico do jogador, de médio a longo prazo.”*

Com relação ao dia a dia de treinamentos dos tenistas infantojuvenis, Borrás (2019) cita a Academia Sanches Casal como exemplo de organização. Como os filhos ficam distantes de seus pais, ficando em regime integral de treinamento no centro, a instituição proporciona o acompanhamento diário dos pais com relação aos seus filhos através de um aplicativo, e, mensalmente, é apresentado um relatório com todas as atividades realizadas na academia. Para Holowell, Buscombe e Preston (2019), os

pais, com suas tendências perfeccionistas, podem influenciar negativamente o desenvolvimento da criança no esporte. Por isso, pais e treinadores devem estar sempre alinhados, para proporcionar um bom desenvolvimento do jogador.

Sobre as experiências sobre a conduta dos pais durante as competições, a Federação Internacional de Tênis (2019a) enfatiza que, para que ocorra uma competição positiva, pais, treinadores e público em geral devem contribuir para que os eventos transcorram de uma forma saudável. Através do manual de *Tennis 10's* (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TÊNIS, 2019d), indica várias recomendações aos pais, durante as competições:

- Comente o desempenho das crianças de forma positiva;
- Evite interferir nas marcações das linhas;
- Mostre respeito pelo oponente da criança, pelos pais, árbitros e organizadores da competição;
- Evite dar opiniões, a não ser por incentivos, durante os jogos;
- Evite aconselhar a criança durante os jogos;
- Fique fora da quadra o tempo todo de jogo.

Conforme os aspectos apresentados o processo de esclarecimento aos pais deve ser realizado desde o início da formação esportiva, nos estágios iniciais do *Tennis 10's*. Já na introdução das crianças nas escolas de formação, nos clubes, academias e centros de treinamento, os instrutores e professores devem trazer os pais para a realidade da iniciação do esporte, antes de qualquer contexto.

Seja qual for o esporte que a criança esteja iniciando, o trabalho de elucidação da família deve ser instituído nos primeiros encontros, inclusive com reuniões em grupos ou em caráter individual, dependendo de cada caso. Um exemplo são os torneios de iniciação ou de escolinhas, uma boa oportunidade de reunir os familiares, para mostrar caminhos e sanar dúvidas, a respeito da competição. Assim que a criança começar a evoluir, o processo vai se construindo de forma progressiva, e as reuniões devem ser mais frequentes, individuais e específicas.

## 4.7 RESULTADOS EMPÍRICOS CONFORME A CONCLUSÃO DOS TREINADORES

Nesta categoria, foram relatadas as suas atuações nos treinamentos, nas competições, em suas capacitações e em experiências de vida nas quadras. Para um melhor entendimento desta seção, as declarações foram divididas em tópicos, a respeito dos assuntos mais relevantes abordados pelos treinadores:

- 1) Treinadores experientes x treinadores novos;
- 2) Estilos de treinamento dos treinadores;
- 3) Treinadores de clubes x treinadores de academia/centro de treinamento.

Para esclarecer melhor cada tópico dessa categoria, são apresentados alguns trechos sobre cada questão.

### 1) Treinadores experientes x treinadores novos

Dentre os 11 treinadores entrevistados, 7 deles têm mais de 10 anos de experiência como treinador; e, dentre os mais novos, 4 têm menos de 10 anos como treinador. O treinador com mais tempo de experiência em quadra tinha 37 anos no momento da entrevista, e os dois treinadores com menor tempo tinham somente 3 anos de experiência. O treinador mais experiente tinha 60 anos de idade, e o mais novo tinha 21. A média geral de tempo de experiência entre os treinadores mais avançados ficou em 22 anos e 7 meses. Entre os novos, a média ficou em 4 anos. A seguir, apresentamos trechos dos relatos dos treinadores com maior experiência:

*Entrevistado 7: “A mesma coisa eu digo pros treinadores, por exemplo, que não se modernizaram [...]. Hoje um jogador top não entra num vestiário pra conversar com o treinador sem informações de estatísticas de como o cara está jogando naquela semana, como ele jogou na semana anterior, como ele jogou nos últimos 6 meses e como ele jogou nos últimos 12 meses, com tipos de jogadores diferentes, então, essa tecnologia existe.”*

*Entrevistado 10: “E daí, de uma certa maneira, se começa a jogar tênis e tu começa a gostar de ficar mais tempo em uma quadra de tênis. Tênis é um esporte de repetição, quanto mais tempo tu fica, mais tu melhora, e a coisa vai indo... Tô eu aí, né, com 48, comecei com 6 [...]. Do quanto eu posso transformar,*

*transformar não posso, do quanto eu posso ajudar as crianças a serem melhores através do tênis, essa é a minha missão de vida.”*

Analisando as entrevistas, foi possível verificar que, dos 7 treinadores mais experientes, dois deles salientam a importância de estarem em frequente atualização, de acordo com a narrativas dos Entrevistados 7 e 10. Conforme Cortela *et al.* (2016a), a função do treinador é fundamental para a ascensão no esporte. Para que isso ocorra, se deve oferecer mais oportunidades aos treinadores, para que seu conhecimento possa ser mais desenvolvido. Em consonância com o relato do Entrevistado 7, Mesquita (2017) afirma que os treinadores devem, desde o início da sua carreira, se permitir transformar, obtendo novos conhecimentos, ao contrário dos que só querem guardar para si o conhecimento adquirido.

Com relação às narrações dos entrevistados acima, é possível verificar, nos cursos de capacitação, o esmero dos treinadores mais antigos em se atualizarem no tênis infantojuvenil. Contudo, ainda existe uma boa parcela de profissionais que não esboça a iniciativa de compartilhar informações e experiências, fato que acaba por isolar esses treinadores dos demais colegas.

Segue o relato dos treinadores jovens sobre sua experiência como treinadores:

Entrevistado 2: *“[...] e três anos como treinador, então estou engatinhando nessa carreira de treinador, espero poder contribuir.”*

Entrevistado 6: *“[...] essa é a minha primeira experiência em torneio, onde eu estou indo, sozinho, como treinador, tenho só 21 anos, então sou muito novo.”*

Conforme estudo realizado por Gowling (2019) com jovens treinadores de tênis com menos de 4 anos de experiência, estes encontram um ambiente de treinamento desafiador e de competição com outros treinadores, vendo-os como rivais. Para nosso grupo de análise, a associação com os demais treinadores, sendo experientes ou não, é significativa, conforme as declarações dos Entrevistados 6 e 8:

Entrevistado 6: *“[...] a união dos treinadores... Veem que o cara está sozinho, vem chamar, isso não é uma obrigação de cada um, mas também é coisa de empatia, porque todo mundo passou pela mesma situação. Eu acho que é importante...”*

Entrevistado 8: *“O que eu falei aqui é que, nos torneios, tem que ter essa coisa social, junto, que tu vai pra competição não é só para ver o troféu, quem ganha,*

*quem não ganha, e sim porque é legal. O esporte é legal [...]. E sempre, até hoje, eu me lembro daqueles dias em que eu tinha aquela conversa que eu tive com aquele fulano, [...] não foi só aquela coisa de ganhar ou perder.”*

Ao contrário dos fatos apresentados no tópico dos treinadores mais experientes, é possível verificar que, principalmente os novos treinadores procuram uma maior integração, apesar de se sentirem intimidados nas competições de tênis infantojuvenil ou em cursos de capacitação de treinadores. Conforme o relato dos Entrevistados 6 e 8, é fundamental a troca de experiências para o crescimento profissional, de experientes ou novatos. Para Gowling (2019), é de suma importância que novos treinadores de tênis realizem cursos de capacitação, a fim de que estejam melhor preparados para trabalhar com o treinamento de competição. Conforme Cortela *et al.* (2013), tais oportunidades de aperfeiçoamento são fundamentais.

## **2) Estilos de treinamento dos treinadores**

Existem diferentes estilos de treinamento, mas todos os treinadores são eficientes condutores que utilizam estratégias, promovendo, nos jogadores, confiança, entendimento e compreensão. É importante oferecer *feedback* e, principalmente, ser transparente, a fim de deixar seus atletas mais engajados com a partida. Isso é um grande desafio para todos os treinadores, por isso é importante que estejam sempre focados e comprometidos. Com relação às competências dos treinadores, elas estão caracterizadas nos diferentes perfis, através de suas formas de execução no esporte (YOUNG, 2016; RIUS, 2017).

Para exemplificarmos, seguem alguns trechos das entrevistas:

Entrevistado 1: *“[...] Enquanto treinador dos atletas, eu procuro fazer [...] exatamente como se eu fosse o treinador da minha filha, eu faria exatamente a mesma coisa. A cobrança seria a mesma, eu não faria coisas como pai, que seriam de responsabilidade dela, eu a veria como minha atleta.”*

Entrevistado 2: *“Eu acho que a gente tem, a equipe tem, a cara do treinador dela... a equipe [...]. Eu sou um cara, modéstia à parte, extremamente alegre, extremamente extrovertido, e se vocês olharem o dia a dia da minha equipe, é a mesma coisa. Eu acho que a gente, treinador, a gente tem um papel fundamental nessa formação de caráter dos meninos, orientando, corrigindo, instruindo durante as competições [...].”*



Entrevistado 7: “[...] na quadra, a gente cura malandro de outro jeito, malandro não ganha, malandro vai perder e malandro vai ter que entender que vai ter que treinar mais, que ele vai ter que buscar mais a solução dele. Eu gosto da ideia da intervenção do treinador, eu acho que é interessante [...]. Então, [...] com o equilíbrio entre o aprendizado técnico, junto da competição, tu podes fazer um treino. Eu me coloco no empírico, tentando ser científico, tentando chegar perto das pessoas que entendem mais.”

Entrevistado 9: “[...]a gente passa toda a dinâmica e planejamento do que vai ser trabalhado semanalmente. E a gente vê a evolução, a gente faz muita gravação, na dinâmica, como ele está reagindo, e da parte biomecânica, técnica [...]. Todo o acompanhamento é feito, todo atleta eu quero acompanhar, dia a dia. Se não é na quadra, eu tenho uma própria câmera na quadra de treino do pessoal, que a gente acompanha o que está acontecendo nos treinos, porque o treino no dia a dia vai dizer como ele vai jogar, entendeu?”

Entrevistado 10: “Então, isso aí entra muito na periodicidade, né? [...] Mas eu curto muito fazer o treino adequado aos tempos, porque também eu tô disciplinando um cérebro, que tem que ter a capacidade de perceber o erro, avaliar, pensar, retornar com a capacidade, também, de buscar o descanso e o oxigênio necessário pro próximo. Só que isso aí... ele tem menos de 25 segundos entre os pontos e, quando ele tá no tempo, ele tem um minuto e meio da virada de lado, né? Então, eu adequo, sim, o tipo de treino em função disso.”

Ao observarmos a descrição dos entrevistados, verificamos que, apesar de os treinadores utilizarem um estilo próprio, todos procuram concentrar-se no trabalho de uma boa comunicação. Conforme Young (2016), não basta um treinador saber se comunicar. Ele deve ter o entendimento necessário do que é uma boa comunicação: como e quando realizá-la.

O Entrevistado 3 aborda uma importante consideração a respeito da mudança de estilo de treinamento dos treinadores:

Entrevistado 3: “Entendo que cada um trabalha com uma pegada diferente. Tu não vai trabalhar a mesma coisa com o menino de 12 que tu vai trabalhar com o menino de 16. Isso serve para nós, treinadores, também reavaliarmos, conseguindo colocar em prática diferentes métodos, diferentes exercícios para facilitar a vida do menino, quando ele vai competir.”

Em consonância com o relato do Entrevistado 3, Mesquita (2017) reitera que tomadas de decisões propositais e inovadoras devem ser proporcionadas ao treinador, levando em conta as incertezas e os imprevistos da sua profissão. O treinador não deve acreditar que, em algum momento dos treinamentos e/ou nas competições de seus jovens atletas, ele pode ficar em uma zona de conforto. A todo

momento, ele deve estar alerta, a fim de proporcionar sempre boas condutas e, conseqüentemente, deixar seus atletas sempre com sensação de segurança e confiabilidade. Corroborando com essa concepção, Galatti *et al.* (2017) afirma que os futuros treinadores devem ser estimulados a serem prático-teóricos, a partir de situações legítimas de intervenção, não estando nunca acomodados.

### 3) Treinadores de clubes x treinadores de academia/centro de treinamento

No último tópico desta categoria, são apresentadas realidades que estão relacionadas com o tênis, mesmo que indiretamente. Portanto, serão descritos alguns relatos dos entrevistados, referentes aos locais de treinamento.

Entrevistado 2: *“Cada clube tem o seu objetivo, né? [...] Particularmente, o meu clube não está preocupado em profissionalizar ninguém. Ele está preocupado com a formação de caráter, que o menino faça um tênis, jogue um tênis universitário bem. Então [...] o meu clube hoje paga tudo para os atletas. Ele paga transporte, [...] hotel e alimentação. É, ele não está preocupado em formar profissionais.”*

Entrevistado 7: *“[...] eles treinam oficialmente lá na minha academia, de duas a três vezes por semana e, eventualmente, dois turnos.”*

Entrevistado 8: *“Quanto mais tu quer, no início, quando tu é treinador, mais técnico, depois envolve a parte da preparação física, depois a técnica, e depois tu vê que a coisa mais importante é a tática, que favorece [...]. E todos os momentos da competição têm que ser trabalhados desde o início, que trabalha na quadra que as academias conseguem, coisas que os clubes não conseguem porque não têm demanda.”*

Entrevistado 10: *“Graças a Deus, [...] há dois anos, eu tô trabalhando em um clube, [...] eu vivo num outro esquema agora... [...] em que ninguém é refém dos pais. Então, o calendário é feito por mim, pelo meu coordenador [...]. As crianças, quem quer jogar o Brasileiro de Verão, tem que estar dia 6, de manhã, não é dia 7, é dia 6, de manhã. Seis chegaram dia 6, de manhã, seis foram inscritos, o clube banca. O clube quer saber onde vai, o clube vai pagar passagem de ônibus, [...] inscrição. Chegou dia 8, chegou dia 9, não vai [...].”*

Conforme as declarações dos entrevistados, é possível concluir que existe uma diferença entre clubes e os outros locais de prática do esporte. Nos clubes, são treinados mais atletas; e nas academias e centros de treinamento, são priorizados os melhores tenistas. Assim como afirmam os Entrevistados 2 e 10, cada clube especifica o seu regulamento, e, geralmente, a maioria dos atletas, que são associados, seguem

as normas. Em alguns clubes, os treinadores realizam relatórios mensais das atividades praticadas com os atletas, incluindo aspectos técnicos, táticos e também emocionais. Já nos centros de treinamento, muito das definições da temporada do atleta são feitas pelo próprio treinador, *head coach* ou pelo proprietário da academia, em concordância com os seus pais ou responsáveis. Corroborando essas afirmações, Borrás (2019) apresenta o exemplo da Academia Sanches-Casal, na Flórida (EUA), onde são recebidos tenistas de todo o mundo, dos 12 aos 18 anos. Todo jovem que chega à academia recebe um material escrito com toda a programação do centro de treinamento. Alguns dos objetivos da academia já ficam explícitos nos primeiros meses para os jovens e familiares e incluem fortalecer a autonomia do tenista, ensiná-lo a ter uma rotina e avaliar como suas atuações em treinamentos e competições têm transcorrido. Com relação aos treinadores do centro de treinamento, são realizadas duas reuniões diárias entre os jogadores, a fim de prepará-los melhor, sempre realizando monitoramentos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão do estudo, pode-se identificar, a partir das análises feitas quanto ao desenvolvimento dos tenistas infantojuvenis para as competições, inovações relacionadas ao esporte, como, por exemplo, a criação de novos modelos de competições e novos estágios de aprendizagem nas fases iniciais. Com relação à preparação de crianças e jovens para as competições de tênis, obteve-se diversas contribuições relevantes: desde as questões norteadoras, preconizadas por Marques (2004), chegando-se à categoria com a idade inicial do estudo (8 anos), passando pela transição entre os estágios iniciais competitivos, nas categorias dos 12 aos 14 anos, tematizando-se o papel dos pais, até o relato dos treinadores.

O trabalho foi fundamentado pela Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004) e pelos objetivos norteadores elaborados a partir das categorias propostas pelo teórico:

- 1) Analisar a adequação das regras, nas competições infantojuvenis, nas faixas etárias dos 8 aos 16 anos de idade;
- 2) Verificar a evolução da relação pedagógica entre vitórias e derrotas;
- 3) Identificar se a frequência das competições está adequada às faixas etárias pesquisadas.

O estudo teve por finalidade responder a esses tópicos, porém as contribuições dos entrevistados foram de tão grande importância que novas categorias foram criadas, constituindo novos caminhos para esta pesquisa.

Com relação à categoria “adequação das regras a partir da infância”, os entrevistados abordaram fatos relevantes referentes às competições. Entre os treinadores, todos retrataram, de forma unânime, que as competições para crianças e jovens deveriam ser mais atraentes e menos excludentes, corroborando com a teoria de Marques (2004). Através dos depoimentos, ficou evidenciada a preocupação com a organização dos modelos de competições, que prejudicam e/ou desmotivam os tenistas infantojuvenis. A respeito da adequação dos modelos competitivos nas categorias entre os 8 e os 16 anos, as percepções dos treinadores foram diversas. Somente com relação à categoria dos 16 anos, todos acreditam que deveria

permanecer da mesma forma, seguindo o modelo tradicional; as demais categorias devem passar por modificações na sua estrutura.

Competições por equipes, por exemplo, foi um assunto que evidenciou extrema satisfação dos entrevistados. Em alguns depoimentos, foi recomendado esse tipo de competição também para os modelos tradicionais, quando estiverem próximos à transição para o tênis profissional. Grande parte dos treinadores entrevistados associou as competições por equipes como uma forma de manter os tenistas competindo, aumentando o seu sentimento de importância em um grupo social e, conseqüentemente, diminuindo a evasão no esporte. Por fim, os treinadores alertaram para relevância, nas fases iniciais, de os jovens tenistas realizarem outras atividades paralelas, como outras modalidades esportivas, com o objetivo de aprender a criar espírito de grupo.

Com relação às competições individuais infantojuvenis, as respostas dos treinadores foram bem divididas: em alguns relatos, existe a preocupação de iniciar seus tenistas em torneios, sob o argumento de que eles poderiam não estar devidamente preparados para competir. Ao contrário dessas afirmações, outros entrevistados acreditam que o jovem deveria estar preparado para realizar as suas escolhas, como se estivessem na vida adulta. Ainda, houve um grupo que acredita depender de cada situação. Se o caso fosse de uma criança em iniciação no esporte competitivo, deveria haver certa ponderação; porém, se fosse um atleta no caminho do alto rendimento, o caminho deveria ser o mais árduo mesmo.

Nos tópicos a respeito de quais valores poderiam servir de referência para os jovens tenistas, um grupo manifestou acreditar que as competições poderiam trabalhar o altruísmo nos jovens tenistas: valores como a honestidade e o companheirismo, entre outros, estariam sempre latentes nos ambientes competitivos. Em contrapartida, outros treinadores alegam que, por mais que eles se esmerassem em repassar para os seus atletas diversos valores, muitas vezes, o retorno vindo de suas famílias não era equivalente, prejudicando os tenistas.

Considerando todas as declarações dos entrevistados, e pela experiência do autor em anos de convivência com atletas e treinadores nas competições, é possível afirmar que as adequações às competições, para crianças e jovens, estão sendo mais bem trabalhadas e cuidadas pelos organizadores, respondendo à teoria de Marques (2004). Deve-se levar em consideração, igualmente, a vontade da criança de vencer,

de competir, procurando alimentar essa qualidade, proporcionando descontração, alegria e realização nos treinamentos e nas competições. Com relação aos treinadores, deve-se deixá-los seguros para tomarem as melhores decisões com relação à introdução das crianças nos seus primeiros torneios. Já em relação aos jovens, deve-se ponderar de que competições eles podem participar, respeitando o princípio da individualidade de cada tenista.

A segunda categoria norteadora da pesquisa, denominada “a relação pedagógica entre vitórias e derrotas”, procurou descobrir se houve uma evolução na adequação da relação pedagógica entre vitórias e derrotas dentre os tenistas infanto-juvenis. Foram evidenciadas falhas no comportamento dos treinadores, pais e acompanhantes em geral, que influenciavam diretamente no desempenho dos jovens; por outro lado, destacou-se a importância da vitória e da derrota para a evolução dos tenistas até a idade adulta. As declarações feitas pelos entrevistados, portanto, foram, em parte, ao encontro dos fundamentos de Marques (2004), o qual afirma ser fundamental para as crianças e jovens serem incitados a competir; quando próximos ao final das disputas, o ânimo principal deve ser a vitória; embora tanto a vitória quanto a derrota sejam importantes para o desenvolvimento dos jovens.

O tipo de articulação que deveria existir entre o treino e a competição, com relação aos conteúdos e métodos de preparação do tenista, foi a primeira questão dessa categoria. Alguns treinadores afirmaram que seria necessário realizar uma lapidação nos jovens tenistas, para que evoluam com mais qualidade para os campeonatos que viriam; outros acreditam que as derrotas deveriam ser trabalhadas sempre, como um conteúdo obrigatório para os treinadores. Na consideração geral desses aspectos, recomenda-se que todos esses conteúdos sejam trabalhados longe dos períodos competitivos, com a finalidade de que as crianças e jovens conseguissem compreender os aspectos organizados pelos seus treinadores.

“Para que serviam as competições?” – essa pergunta abordou conteúdos como as repercussões da vitória e da derrota, a autonomia e a tomada de decisões dos jovens tenistas. Os entrevistados afirmaram, por exemplo, que muitas crianças não sabem lidar com as emoções quando perdem e, muito menos, quando ganham. Com relação à autonomia e às decisões tomadas nas partidas por parte dos tenistas, treinadores entrevistados ficavam na expectativa de que seus atletas atingissem a maturidade necessária para agir de forma adequada. O anseio dos treinadores

entrevistados é de que seus atletas consigam sobrepujar as dificuldades nas partidas e, conseqüentemente, tomem decisões de forma consciente, conforme as dificuldades apresentadas nos treinamentos.

Como consequência dos fatos apresentados pelos entrevistados, e conforme encontrado na bibliografia dos autores mobilizados nesta pesquisa, fica evidente que as práticas atuais não atendem aos pressupostos elencados por Marques (2004). Apesar de surgirem situações que dialoguem com a proposta do autor, deve-se recomendar aos treinadores, durante os treinamentos, a realização de mais atividades em que todos os tenistas, crianças e jovens, lidem com situações reais de jogo para enfrentarem-nas com naturalidade. Tanto na vitória quanto na derrota, é fundamental que o treinador promova intervenções, demonstrando qual o significado das vitórias e das derrotas em cada jogo, principalmente nas fases iniciais da aprendizagem competitiva. Com a progressão desse tipo de ação, acredita-se que muitas crianças poderiam obter resultados positivos e conquistar um nível maior de resiliência no esporte.

Por fim, procurou-se investigar, através da terceira e última categoria norteadora, denominada “a importância da frequência ou não das competições”, se havia ocorrido uma evolução positiva quanto à frequência das competições. Os resultados mostram diversidade nas respostas dos entrevistados: não se obteve um consenso em relação à quantidade de competições que crianças e jovens deveriam participar. Para Marques (2004), quanto mais competições a criança e o jovem participarem, melhor. Por isso, os organizadores deveriam aumentar o número de competições esportivas.

Como primeira questão desse âmbito, apresentou-se um questionamento pertinente: “quando a criança deveria começar a participar das competições?”. Existe um consenso entre os treinadores acerca do cuidado de não provocar traumas nas crianças no processo inicial competitivo. Os treinadores alegaram que se deveria deixar as crianças soltas e felizes, liberando-as para os torneios quando sentissem que teriam vontade própria de iniciar a competir, e que esse não fosse um momento frustrante para elas. Conforme essas afirmações, sugere-se o diálogo entre equipes multidisciplinares e tenistas, ou que os próprios treinadores promovam uma conversa aberta com os pais, a fim de esclarecer quando e como as crianças devem ser iniciadas nas competições de tênis infantojuvenil.

No que se refere à frequência da participação competitiva recomendada para tenistas infantojuvenis, as respostas dos treinadores indicaram cautela, sugerindo que a frequência deve ser associada ao nível e à idade das crianças. Eles alegaram que um alto número de competições por mês e por ano, principalmente nos estágios iniciais, poderia extenuar os tenistas. Por fim, os entrevistados afirmaram que deveria ser respeitada a maturação das crianças e jovens. Nesse sentido, considera-se que os treinadores não devem priorizar o volume, mas a importância de cada competição. Deve-se adaptar cada criança e jovem, conforme a sua característica, às competições.

A terceira questão dessa categoria, que foi considerada uma das mais polêmicas da entrevista, abordava o seguinte questionamento: “por que muitas crianças abandonam a participação competitiva no tênis e, muitas delas, deixam até mesmo de praticar o esporte?”. Para os entrevistados, os motivos vão desde a falta de competitividade das crianças até a pressão demasiada de pais ou treinadores. Nesse sentido, é possível, a partir dos resultados encontrados, aconselhar a continuidade dos tenistas nas competições, apresentando desde como ocorre o início da competição, até como ocorre seu desenvolvimento. No que diz respeito aos pais, deve-se considerar que o processo de absorção das informações é vagaroso; pois, segundo os entrevistados, os pais acabam não recebendo o *feedback* adequado dos treinadores em um modo geral. Com isso, o processo de entendimento quanto ao processo evolutivo de seus filhos é lento e muitas vezes, tardio.

A última questão a respeito dessa categoria buscou colher dos entrevistados os efeitos das participações dos jovens tenistas nos campos físico, comportamental e psicológico. O tema se tornou tão amplo que se pode sugerir um estudo específico desses aspectos, muito importantes para a vida dos jovens competidores. A contribuição dos treinadores se apresentou nos relatos sobre o aparecimento da autonomia, na tomada de decisão, entre outros aspectos. Ao final, ficou explícita, no campo físico, a preocupação de não haver treinamentos em demasia; no campo comportamental, os treinadores sugeriram que sejam propostos trabalhos nos treinamentos, a fim de que estes possam possibilitar o crescimento do atleta nas suas atitudes durante os jogos. E no campo psicológico, foi sugerido que os tenistas vivenciem variadas situações em diferentes oportunidades, para que se sintam bem no ambiente de competição e parte de um grupo.



Como consequência dos aspectos apresentados, é possível afirmar que os treinadores ainda trabalham com cautela, a fim de promoverem a autonomia e a tomada de decisão e de não proporcionar o *overtraining*<sup>11</sup>. Com essa postura, os atletas seguirão com uma ótima possibilidade de chegada ao alto rendimento.

Nesse sentido, concluiu-se que, por mais que Marques (2004) defendesse a competição frequente para jovens tenistas, independentemente do resultado, muitos treinadores, principalmente nas fases iniciais, seguravam seus atletas para não competirem. Por outro lado, nas categorias mais avançadas, já se presenciou um aumento na participação em competições, não importando a derrota ou a vitória. Por isso, essa categoria não contempla de forma suficiente a teoria de Marques (2004), a respeito de uma evolução positiva no processo da frequência ou não das competições.

Após a explanação das categorias norteadoras, surge a primeira nova categoria, “a transição do modelo *Tennis 10's* para o modelo tradicional”. As considerações já surgiram em relação às competições entre crianças de 8 e 9 anos de idade, o denominado “estágio laranja”. Nesse nível, como fator preponderante, foi destacada a capacidade de as crianças provocarem a abertura de ângulos durante as disputas de pontos, resultado de uma correta transição entre estágios e, conseqüentemente, da utilização precisa da técnica. Isso possibilita que elas joguem de maneira mais completa, comparadas aos tenistas profissionais, chegando ao que alguns treinadores gostam de chamar de “etapa ouro”, conforme estudo realizado por Gonçalves *et al.* (2016). Essas considerações, conseqüentemente, se aproximaram da teoria pedagógica a qual defende que a criança deveria competir desde cedo, sobrepujando as suas dificuldades (MARQUES; OLIVEIRA, 2002; MARQUES, 2004; ROSE JÚNIOR, 2006).

Ademais, apesar de estudos realizados por Schmidhofer, Laser e Ebert (2014) e Bayer, Leser e Ebert (2017) a respeito de uma nova modalidade que estaria surgindo para as crianças, o “estágio verde-limão”, essa lacuna foi pressentida por alguns treinadores nas entrevistas. Seus relatos apontam para uma inquietação com relação à transição do “estágio laranja” para o “estágio verde”. Para eles, há uma discrepância entre os dois estágios. Quando a criança sai do estágio laranja, o tenista ataca, sobe

---

<sup>11</sup> *Overtraining*: É um sintoma de instabilidade psicofisiológico prejudicial à saúde física e mental dos atletas que ocorre devido ao desequilíbrio entre o estresse (carga de treinamento) e os períodos de recuperação (descanso das atividades esportivas-folga).

a rede e finaliza os pontos; no estágio verde, a criança fica muitos pontos trocando repetidas bolas no fundo de quadra, fato que se afasta do padrão da ITF, com relação ao tênis adulto profissional.

A seguir, foi apresentada a categoria transitória. Uma das percepções mencionadas por diversos entrevistados está associada à importância de realizar um excelente trabalho de formação técnica com as crianças. Além disso, todos salientaram que uma criança bem formada, nessa fase de transição, jogaria de uma forma mais “ofensiva”, modelo de jogo defendido por grande parte dos entrevistados.

Com base nos pontos apresentados, é possível afirmar que os estudos relativos a estes estágios estão evoluindo e são de grande valia para o tênis infantojuvenil. Deve-se fomentar a adaptação referente à transição de estágios propostas pelos treinadores entrevistados, principalmente quanto ao “estágio verde-limão”; pois, desse modo, as crianças poderão jogar de uma forma mais descontraída, com melhor técnica, e realizando as transições de níveis com naturalidade.

Quanto à categoria “considerações sobre as competições nas categorias 12 a 14 anos”, os treinadores entrevistados alegaram que uma grande quantidade de atletas acabava competindo sem motivação, havia muitas desistências, má transição dos estágios do *Tennis 10's* para o modelo tradicional, entre outros aspectos. Como justificativas para esses fatos, expuseram a falta de uma continuidade no trabalho motivacional dos tenistas, o trabalho errôneo de muitos treinadores em enfatizar somente a potência, não associando com o saber jogar, e a diversidade de competições adequadas e atrativas para diversos grupos de tenistas nessa faixa etária. O único ponto que foi defendido de forma unânime seria a categoria da faixa etária dos 16 anos: nada deve ser alterado, mantendo-se o modelo tradicional do tênis competitivo, com torneio eliminatório. Em relação a esse tópico, cabe sinalizar, há uma falta de estudos com relação ao modelo de competições para essa faixa etária.

“A importância da conscientização dos pais de atletas em auxiliar os treinadores, em especial, os seus filhos” foi a penúltima categoria criada neste estudo. Devido à influência dos pais no processo evolutivo das crianças e jovens nas competições de tênis ter sido mencionada em inúmeras oportunidades nas entrevistas, foi necessário criar uma categoria para analisar esse processo. Cada entrevistado abordou como era feito o acompanhamento dos pais nos treinamentos e nas competições, como ocorria o contato entre eles em reuniões e quais as

considerações para que os pais conseguissem se tornar aliados dos treinadores e de seus filhos.

Os entrevistados afirmaram que seria de suma importância o contato entre eles e os pais, além de haver uma relação de transparência entre todos. A expectativa dos treinadores é de que a presença dos pais na competição seja mais um motivo de incentivo, e não de nervosismo para os filhos. Durante mais de duas décadas de acompanhamento dos atletas nas competições, é possível propor que sejam realizados encontros com os pais dos atletas antes, durante e após as competições. Igualmente, é necessário repassar um *feedback* para eles, independentemente do desempenho da criança/do jovem nas competições de tênis infantojuvenil. É fundamental, também, que os pais confiem no trabalho dos treinadores e que a pressão exacerbada, que presenciamos ainda hoje, seja minimizada através dessas ações.

A última categoria abordou a contribuição advinda da experiência dos treinadores e foi denominada “resultados empíricos conforme a conclusão dos treinadores”. Através de suas vivências, pode-se considerar três fatores relevantes, destacados neste estudo: os relatos dos treinadores experientes e novos; os estilos de cada treinador e os treinadores que trabalhavam em clubes, academias e centros de treinamento. Percepções como a desatualização de alguns profissionais, treinadores novos que querem aprender muito e a importância da troca de experiências entre os profissionais nos cursos foram alguns dos assuntos referidos. Muitos autores, ao problematizar a realidade dos treinadores, sua forma de se capacitar e de ver o ambiente corporativo, abordaram que treinadores, em geral, procuram realizar vários cursos de capacitação, porém os mais experientes não trocam informações com os treinadores novatos nos cursos ou competições. Por outro lado, os novos tentam interagir mais com os demais treinadores, por vezes, sem sucesso (CORTELA *et al.*, 2013; 2016a; YOUNG, 2016; MESQUITA, 2017; GOWLING, 2019).

Conforme síntese apresenta neste capítulo, é possível afirmar que a contribuição desta pesquisa é deveras importante, em virtude de não haver muitos estudos quanto à preparação atual dos tenistas infantojuvenis, dos 8 aos 16 anos de idade para as competições. Assim, espera-se que surjam, futuramente, mais trabalhos relativos a essa área, que ainda precisa de aprimoramento e evolução.

## REFERÊNCIAS

- AIRES, H. *et al.* As competições infantojuvenis à luz da pedagogia do esporte. **Revista Kinesis**, v. 34, ed. esp., p. 122-139, ago. 2016.
- ALVARIÑO, P.; ALTUR, J. F.; CRESPO, M. Tennis player development: from junior to professional transition stage. **ITF Coaching and Sport Science Review**, n. 68, p. 24-26, 2016.
- BALBINOTTI, C. *et al.* Estudo descritivo do inventário do treino técnico desportivo do tenista: resultados parciais segundo o ranking. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 5, p. 49-58, 2005.
- BALBINOTTI, C. *et al.* **O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BALBINOTTI, M. A. A.; BARBOSA, M. L. L.; JUCHEM, L. Aspectos motivacionais do tenista: prazer versus competitividade. *In*: BALBINOTTI, C. *et al.* **O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 99-112.
- BALYI, I. *et al.* **Long-Term Athlete Development: Trainability in Childhood and Adolescence: Windows of Opportunity, Optimal Trainability.** Victoria: National Coaching Institute British Columbia & Advanced Training and Performance, 2004.
- BANANA BOWL. **História da Competição.** 2019. Disponível em: <https://banana.bowl.com.br/history/>. Acesso em: 5 mar. 2020.
- BAYER, D.; EBERT, M.; LESER, Roland. A comparison of the playing structure in elite kids tennis on two different scaled courts, **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 17, p. 1-10, 2017.
- BERGERON, M. F. *et al.* International Olympic Comitês consensus statement on youth athletic development. **British Journal of Sports Medicine**, v. 49, n. 13, p. 843- 851, jun. 2015.
- BERNARDES, A. G.; YAMAJI, B. H. S.; GUEDES, D. P. Motivos para prática de esporte em idades jovens: um estudo de revisão. **Motricidade**, v. 11, n. 2, p. 163-173, jun. 2015.
- BIAGGI, C. Strength and power development for tennis players age 10-12 and under. **ITF Coaching and Sport Science Review**, n. 69, p. 24-26, 2016.
- BOMPA, T. O. **Periodization: theory and methodology of training.** 5. ed. Champaign: Human Kinetics, 2009.
- BOMPA, T. O. **Total training for Young champions.** Champaign: Human Kinetics, 2000.

BOMPA, T. O. Treinamento total para jovens campeões; *In*: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 251-261.

BORRAS, E. Mental training at ASC Flórida. **ITF Coaching and Sport Science Review**, n 77, p. 14-16, 2019.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2005.

BRANDÃO, M. N. F. *et al.* A trajetória de tenistas infantojuvenis: Idade de iniciação, treinamento técnico, cargas, lesões e suporte parental. **Revista da Educação Física UEM**, v. 26, n. 1, p. 31-42, 2015.

BRASIL. **Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998**. Brasília: Presidência da República, 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm). Acesso em: 5 maio 2020.

BUNKER, B.; THORPE, R. The curriculum model. *In*: THORPE, R.; BUNKER, D.; ALMOND, L. (eds.). **Rethinking games teaching**. Loughborough: University of Technology, 1986. p. 7-10.

BUSZARD, T. *et al.* Implementation of a modified sport programme to increase participation: key stakeholder perspectives. **Journal of Sports Sciences**, v. 38, n. 8, p. 945-952, 2020.

COMITÊ BRASILEIRO DE CLUBES (CBC). **Calendário de competições e eventos**. 2020a. Disponível em: <https://cbclubes.org.br/calendario/calendario/lista>. Acesso em: 2 mar. 2020.

COMITÊ BRASILEIRO DE CLUBES (CBC). **Nossa história**. 2020b. Disponível em: <https://cbclubes.org.br/sobre-o-cbc/nossa-historia>. Acesso em: 2 mar. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBT). **A Confederação Brasileira de Tênis**. 2020a. Disponível em: <http://www.cbt-tenis.com.br/confederacao.php>. Acesso em: 12 fev. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBT). **Campeonato brasileiro infanto-juvenil circuito nacional – Brasileirão**. 2020b. Disponível em: [http://cbt-tenis.com.br/arquivos/juvenil/juvenil\\_5bfecd8c0fd69\\_28-11-2018\\_15-17-00.pdf](http://cbt-tenis.com.br/arquivos/juvenil/juvenil_5bfecd8c0fd69_28-11-2018_15-17-00.pdf). Acesso em: 4 mar. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBT). **Campeonatos Brasileiros Interclubes**. 2020c. Disponível em: <http://cbt-tenis.com.br/juvenil.php?cod=13>. Acesso em: 13 jun. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBT). **Copa das Confederações**. 2020d. Disponível em: [http://cbt-tenis.com.br/arquivos/juvenil/juvenil\\_5bfecd0513fef\\_28-11-2018\\_15-14-45.pdf](http://cbt-tenis.com.br/arquivos/juvenil/juvenil_5bfecd0513fef_28-11-2018_15-14-45.pdf). Acesso em: 4 mar. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBT). **Ranking Nacional Infantojuvenil**. 2020e. Disponível em: [http://www.cbt-tenis.com.br/arquivos/juvenil/juvenil\\_5df78bbf1aa3c\\_16-12-2019\\_10-50-55.pdf](http://www.cbt-tenis.com.br/arquivos/juvenil/juvenil_5df78bbf1aa3c_16-12-2019_10-50-55.pdf). Acesso em: 14 fev. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBT). **Regulamento Campeonatos Brasileiros Interclubes de Tênis Infantojuvenil 2020**. 2020f. Disponível em: [http://cbt-tenis.com.br/arquivos/juvenil/juvenil\\_5e26e3f8649a6\\_21-01-2020\\_08-43-52.pdf](http://cbt-tenis.com.br/arquivos/juvenil/juvenil_5e26e3f8649a6_21-01-2020_08-43-52.pdf). Acesso em: 14 fev. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBT). **Regulamento do circuito nacional tennis kids categorias 8, 9, 10 e 11 Anos**. 2020g. Disponível em: [http://www.cbt-tenis.com.br/arquivos/teniskids/teniskids\\_5e5fc78d4651f\\_04-03-2020\\_12-21-49.pdf](http://www.cbt-tenis.com.br/arquivos/teniskids/teniskids_5e5fc78d4651f_04-03-2020_12-21-49.pdf). Acessado em: 12 fev. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBT). **Regulamento Infantojuvenil 2020**. 2020h. Disponível em: [http://cbt-tenis.com.br/arquivos/juvenil/juvenil\\_5df78bbf1aa3c\\_16-12-2019\\_10-50-55.pdf](http://cbt-tenis.com.br/arquivos/juvenil/juvenil_5df78bbf1aa3c_16-12-2019_10-50-55.pdf). Acesso em: 8 jun. 2020.

CONFEDERACIÓN SUDAMERICANA DE TENIS (COSAT). **Calendário Junior COSAT 2020**. 2020a. Disponível em: <http://www.cosat.org/juniors/calendario/>. Acesso em: 6 fev. 2020.

CONFEDERACIÓN SUDAMERICANA DE TENIS (COSAT). **Quienes somos**. 2020b. Disponível em: <http://www.cosat.org/quienes-somos/>. Acesso em: 6 fev. 2020.

CONFEDERACIÓN SUDAMERICANA DE TENIS (COSAT). **Ranking**. 2020c. Disponível em: <https://cosat.tournamentsoftware.com/ranking/ranking.aspx?rid=193>. Acesso em: 10 fev. 2020.

CONFEDERACIÓN SUDAMERICANA DE TENIS (COSAT). **Ranking Gira COSAT 2020**. 2020d. Disponível em: <http://www.cosat.org/wp-content/uploads/2019/11/V16-3b-1.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

CONFEDERACIÓN SUDAMERICANA DE TENIS (COSAT). **Uruguay BOWL**. 2019. Disponível em: <https://cosat.tournamentsoftware.com/sport/matches.aspx?id=CFBA1570-7422-4FE4-973A-1B78F170F949&d=20191019>. Acesso em: 17 fev. 2020.

CORTELA, C. C. *et al.* A formação inicial e continuada dos treinadores paranaenses de tênis. **Revista Conexões**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 60-84, 2013.

CORTELA, C. C. *et al.* El conocimiento profesional de los entrenadores de tenis. **ITF Coaching and Sports Science Review**, n. 70, p. 10-12, dez. 2016a.

CORTELA, C. C. *et al.* La especialización temprana em los deportes, es um fator considerado por los tenistas brasileiros. **ITF Coaching and Sports Science Review**, n. 70, p. 18-20, dez. 2016b.

CORTELA, C. C. *et al.* The transition to the ball in tennis coaching. **ITF Coaching and Sports Science Review**, n. 79, p. 22-24, 2019.

COTARD, J. L. Training matches in women's tennis? **ITF Coaching and Sports Science Review**, n. 74, p. 11-13, 2018.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and Play in the development of Sports Expertise. *In*: TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. **Handbook of Sport Psychology**, John Wiley e Sons, 2007. p. 184-202.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. Na integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v. 4, n. 3, p. 307-323, 2009.

CÔTÉ, J.; HANCOCK, D. H. Evidence-based policies for youth sport programmes. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 8, n. 1, p. 1-15, jun. 2014.

CRANE, J; TEMPLE, V. A systematic review of dropout from organized sport among children and youth. **European Physical Education Review**, v. 21, n. 1, p. 114-131, 2015.

DÍCIO: DICIONÁRIO ONLINE DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Competição**. 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>. Acesso em: 17 abr. 2020.

EBERT, M. Orange – ? – Green: Missing Link in terms of player (game) development? *In*: SEMINAR ITF, 2012. **Presentation**. London: ITF, 2012.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE TÊNIS (FGT). **Circuito de Tênis Gaúcho – 3ª Etapa**. 2018a. Disponível em: [https://www.tenisintegrado.com.br/uploads/id4301/anexos/anexo\\_1528293080.pdf](https://www.tenisintegrado.com.br/uploads/id4301/anexos/anexo_1528293080.pdf). Acesso em: 23 dez. 2020.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE TÊNIS (FGT). **Grupos: Circuito de Tênis Gaúcho – 3ª Etapa – SOG**. 2018b. Disponível em: [https://www.tenisintegrado.com.br/uploads/id4301/anexos/anexo\\_1528293096.pdf](https://www.tenisintegrado.com.br/uploads/id4301/anexos/anexo_1528293096.pdf). Acesso em: 23 dez. 2020.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE TÊNIS (FGT). **Regulamento técnico 2020**. 2020a. Disponível em: [https://www.tenisintegrado.com.br/uploads/id4301/anexos/anexo\\_1578054942.pdf](https://www.tenisintegrado.com.br/uploads/id4301/anexos/anexo_1578054942.pdf). Acesso em: 26 fev. 2020.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE TÊNIS (FGT). **Histórico sobre a entidade**. 2020b. Disponível em: <https://www.tenisintegrado.com.br/perfil2/sobre/4301>. Acesso em: 26 fev. 2020.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FLICK, U. **Introdução a Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2012.

GALDINO, M. L. Pedagogia do Esporte e Competência Motora. *In*: PAES, R. R.; BALBINO, F. H. **Pedagogia do Esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 25-39.

GALLAHUE, D.; L., DONNELLY, F. C. **Educação Física desenvolvimentista para todas as crianças**. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

GALLATI, L. R. *et al.* **Desenvolvimento de treinadores e atletas**: Pedagogia do Esporte v. 1. Campinas: Ed. UNICAMP, 2017.

GALLATI, L. R. *et al.* Esporte contemporâneo: perspectivas para compreensão do fenômeno. **Corpoconsciência**, v. 22, n. 3, p. 115-127, set./dez. 2018.

GAYA, A. *et al.* **Ciência do Movimento Humano**: Introdução a Metodologia da pesquisa. Porto Alegre: Artmed 2008.

GINCIENE, G.; MATTHIESEN, S. Q.; O modelo do Sport Education no ensino do atletismo na escola. **Movimento**, UFRGS, Porto Alegre, n. 2, p. 729-742, 2017.

GONÇALVES, G. H. T. **A competição de tênis como modelo de formação e de educação das crianças**: o caso da categoria até 10 anos. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

GONÇALVES, G. H. T. *et al.* Contribuições da competição de tênis e formação de crianças. **Journal of Physical Education**, UEM, v. 27, n. 1, p. 3-14. 2016.

GOWLING, C. Understanding the pressures of coaching: Insights of young UK coaches working with elite junior tennis players. **ITF Coaching and Sports Science Review**, n. 79, p. 19-21, 2019.

GRECO, P. J.; BENDA, N. B. **Iniciação esportiva universal I**: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

HOLLOWELL, J.; BUSCOMBE, R.; PRESTON, A. Other oriented perfectionism in tennis coaching. **ITF Coaching and Sports Science Review**, n. 78, p. 3-5, 2019.

HORN, T.; LOX, C.; LABRADOR, F. The self-fulfilling prophesy: When coaches expectations become reality. *In*: WILLIAMNS, J. M. **Applied Sports Psychology**: Personal growth to peak performance. 4. ed. Mayfield: Mountain Review, 2001. p. 63-81.

INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION (ITF). **Programa oficial da Federação Internacional de Tênis tennis 10s**: Manual. 2019a. Disponível em: <http://www.tennisplayandstay.com/resources/resources.aspx>. Acesso em: 22 nov. 2019.

INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION (ITF). **Rules and Regulations**. 2019b. Disponível em: <https://www.itftennis.com/media/2512/2020-rules-of-tennis-spanish.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2020.



INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION (ITF). **Stages of tennis 10s**. Londres: ITF, 2019c. Disponível em: <http://www.tennisplayandstay.com/tennis10s/about-tennis10s/stages-of-tennis10s.aspx>. Acesso em: 22 dez. 2019.

INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION (ITF). **The 10-and-under competition Rule Change**. 2019d. Disponível em: <http://www.tennisplayandstay.com/tennis10s/rule-changes/the-10-and-under-competition-rule-change.aspx>. Acesso em: 13 jun. 2020.

KACHEL, K.; BUSZARD, T.; REID, M. The effect of ball compression on the match-play characteristics of elite junior tennis players. **Jornal of Sports Sciences**, v. 33, n. 3, p. 320-326, 2015.

KORSAKAS, P.; ROSE JÚNIOR, D. Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão sófico-pedagógica. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, p. 83-93, 2002.

KELLER, B.; BRAGA, A, M.; COELHO, R, W. Relação entre a personalidade e lesões musculares em Atletas de tênis em campo. **Revista Brasileira Medicina do Esporte**, v. 19, n. 2, p. 120-122, 2013.

KNIGHT, C.; LEWIS, F.; MELLALIEU, S. Helping junior tennis players cope with their emotions. **ITF Coaching and Sports Science Review**, n. 68, p. 18-20, 2016.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos**. São Paulo: Phorte, 2006.

LAZZARI, A.; THOMASSIM, L. E.; STIGGER, M. P. A socialização de crianças e adolescentes no contexto e um projeto social de tênis. **Caderno de Educação Física**, v. 9, n. 16, p. 51-64, 2010.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J. A avaliação de competições esportivas de jovens: definição de categorias e aplicações ao handebol. **Movimento**, v. 24, n. 3, p. 875-888, 2018.

LIMA, T. Alcance educativo da competição. **Desporto e Sociedade**, Lisboa, p. 3-4, 1987.

LIMPENS, V. *et al.* Scaling constraints in junior tennis: the influence of net height on skilled players' match-play performance. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 89, n. 1, p. 1-10, 2018.

LONGO, R. A. *et al.* A permanência de crianças e jovens nos esportes: olhares para iniciação e especialização esportiva. **Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon**, v. 15, n. 2, p. 121-132, jul./dez. 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E, M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, A. T. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e de educação. *In*: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. **Desporto para Crianças e Jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. p. 75-96.

MARQUES, A. T.; OLIVEIRA, J. O treino e a competição dos mais jovens: rendimento *versus* saúde. *In*: BARBANTI, V. J. *et al.* (eds.). **Esporte e atividade física: interação entre rendimentos e saúde**. São Paulo: Manoel, 2002.

MESQUITA, I. O valor das pedagogias críticas na formação de treinadores com mente de qualidade. **Revista Portuguesa de Ciência e Desporto**, v. S1, p. 223-234, 2017.

MILISTETD, M. *et al.* Análise da organização competitiva de crianças e jovens: adaptações estruturais e funcionais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 671-678, jul. 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2012. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso em: 13 jun. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2016. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html). Acesso em: 23 dez. 2020.

NEGRINE, A. Instrumentos de coletas na pesquisa qualitativa. *In*: MOLINA NETO, V.; TRIVINOS, A. (orgs.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 63-99.

NOVIKOFF, C.; COSTA, L. F. O.; TRIANI, F. S. Os efeitos da iniciação esportiva na vida de crianças: o que a literatura vem apontando. **Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital**, Buenos Aires, n. 173, p. 1-8, 2012.

PAES, R. R. Pedagogia do esporte: especialização esportiva precoce. *In*: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 219-226.

PAES, R. R.; BALBINO, F. H. **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PENALVA, F. J. Tournament planning for a junior player. **ITF Coaching and Sport Science Review**, n. 74, p. 6-7, 2018.

PROTENIS: PROMOÇÕES ESPORTIVAS. **Empresa**. 2018. Disponível em: <http://protenis.com.br/empresa/>. Acesso em: 5 mar. 2020.

REVERDITO, R. S. *et al.* Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 37-45, 2008.

REVISTA TÊNIS. **Orgulho de ser campeão brasileiro**. 2010. Disponível em: [https://revistatenis.uol.com.br/artigo/orgulho-de-ser-campeao-brasileiro\\_4707.html](https://revistatenis.uol.com.br/artigo/orgulho-de-ser-campeao-brasileiro_4707.html). Acesso em: 4 mar. 2020.

RIUS, J. C. Las competencias profesionales del entrenador de tênis: la vision de sus formadores a nivel internacional. **Educación Física y Deportes**, n. 129, p. 138, 2017.

ROETERT, E. P. *et al.* The role of tennis in the developing physical literacy. **ITF Coaching and Sport Science Review**, n. 69, p. 3-5, 2016.

ROETERT, E. P.; WOODS, R. B.; JAYANTHI, N. A. The benefits of multi-sport participation for youth tennis players. **ITF Coaching and Sport Science Review**, n. 75, p. 14-17, ago. 2018.

ROSE JÚNIOR, D. A criança, o jovem e a competi o esportiva: considera es gerais. *In*: ROSE JÚNIOR, D. *et al.* **Esporte e atividade física na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROSE JÚNIOR, D. O processo de competi o e o Ensino do Desporto. *In*: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 251- 261.

ROSE JÚNIOR, D. *et al.* **Esporte e atividade física na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ROSE JÚNIOR, D. KORSAKAS, P; O Processo de Competi o e o Ensino do Desporto. *In*: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 251-261.

ROST, K. As competi es no desporto juvenil. **Treino Desportivo**, Lisboa, p. 3-10, jul. 1997.

SACKEY-ADDO, R.; PÉREZ, J.; CRESPO, M. Fundamental motor skills for 10 and 12 e under tennis players. **ITF Coaching and Sport Science Review**, n. 69, p. 6-9, 2016.

SCAGLIA, A. J. *et al.* O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sist mico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 227-249, out./dez. 2013.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S.; GALATTI, L. Ambiente de jogo e ambiente de aprendizagem no processo de ensino dos jogos esportivos coletivos: desafios no ensino e na aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. *In*: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F. **Jogos desportivos: forma o e investiga o**. Florianópolis: UDESC, 2013. p. 133-170.

SCHMIDHOFER, S.; LESER, R.; EBERT, M. Comparison between the structure in elite tennis and kids tennis on scaled courts (Tennis 10s). **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 14, n. 3, p. 829-840, 2014.

SEMANA GUGA KUERTEN. **Copa Guga Kuerten**. 2019a Disponível em: <http://semanagugakuerten.com.br/copa-guga-kuerten/>. Acesso em: 1 mar. 2020.

SEMANA GUGA KUERTEN. **Torneios**. 2019b. Disponível em: <http://semanagugakuerten.com.br/torneios/>. Acessado em: 1 mar. 2020.

TENIS INTEGRADO. **Painel de Torneios**. 2020. Disponível em: [https://www.tenisintegrado.com.br/torneio\\_painel\\_info/index/9965](https://www.tenisintegrado.com.br/torneio_painel_info/index/9965). Acesso em: 4 mar. 2020.

YOUNG, J. Enjoyment: Fresh clues for Coaches. **ITF Coaching and Sport Science Review**, n. 68, p.21-23, 2016.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### **Roteiro de entrevista com os treinadores que acompanham os atletas de equipe de competição de tênis infantojuvenis dos 8 anos aos 16 anos de idade**

1. A lógica organizacional tradicional das competições no tênis muito próxima do alto rendimento tem dificultado a adoção de modelos de competições mais compatíveis com as exigências da formação de crianças e jovens?
2. Há a necessidade de adequar o sistema de competições no tênis aos objetivos da formação do tenista a longo prazo?
3. Que valores e funções devem servir de referência às competições de jovens tenistas?
4. Que tipo de articulação deve existir entre o treino e a competição no que se refere aos conteúdos e métodos de preparação do tenista?
5. Quando é que a criança deve começar a participar regularmente das competições?
6. Quais os pressupostos básicos das competições no tênis, ou seja, para que servem?
7. Qual a frequência da participação competitiva recomendada para tenistas infantojuvenis?
8. Quais as consequências das participações competitivas nos planos da saúde física, mental e moral dos jovens tenistas?
9. Por que muitas crianças abandonam a participação competitiva no tênis e, muitas delas, deixam até mesmo de praticar o esporte?
10. Nas fases iniciais da preparação dos tenistas infantojuvenis, as competições em equipes devem ser privilegiadas? Os contatos sociais devem ser estimulados?
11. As competições individuais no tênis infanto-juvenil devem ser alvo de uma cuidadosa ponderação?
12. Cite alguns indicadores que levem a uma pedagogia da competição no tênis.

**APÊNDICE B – QUESTIONARIO DE IDENTIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS DE  
CONTROLE (QIVC)**

Data:                      Horário:

Nome (opcional):

Idade:    Sexo: ( ) M ( ) F

Local de atuação profissional: ( ) Clube ( ) Academia ( ) Centro de Treinamento

Formação: ( ) Licenciatura Plena ( ) Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Provisionado ( )  
Não tem o curso de Educação Física

Caso esteja realizando o curso, qual o semestre: \_\_\_\_\_

Possui CREF: ( ) Sim ( ) Não

Tempo de experiência como treinador de tênis:

Campeonatos que participa ( ) Torneios de Formação ( ) Federação ( ) CBT  
( ) COSAT ( ) ITF

Nível dos atletas que trabalha: ( ) Regional ( ) Nacional ( ) Internacional

Local que atua:

Cidade:

Estado:

Ex. atleta: ( ) Sim ( ) Não

Participou de torneios: ( ) Regionais ( ) Nacionais ( ) Internacionais

Torneios Internacionais: ( ) COSAT ( ) ITF ( ) ATP/WTA ( ) Outros

Cursos de Tênis que realizou: ( ) Regional ( ) Nacional ( ) Internacional

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O presente projeto de dissertação de mestrado, intitulado “A PREPARAÇÃO DESPORTIVA DE TENISTAS INFANTOJUVENIS: O SISTEMA DE COMPETIÇÕES” tem por objetivo descrever a situação das competições de crianças e jovens dos 8 aos 16 anos de idade.

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar deste estudo por poder contribuir com o mesmo a partir de seus conhecimentos e experiências. Se você concordar em participar deste estudo, terá que responder a uma entrevista, gravada, com um roteiro pré-elaborado pelo pesquisador, com o tempo de duração de aproximadamente 50 minutos. Sua participação é muito importante para que possamos construir informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão e experiências acumulados na prática do tênis. As informações e os resultados oriundos desse estudo poderão contribuir para o desenvolvimento do esporte em geral.

Cabe salientar que durante sua participação no estudo não haverá riscos adicionais aos já existentes em seu dia a dia. Tampouco haverá riscos de exposição a partir da sua entrevista, tendo em vista que as informações não serão liberadas sem sua permissão por escrito, exceto se exigido por lei. A identidade dos participantes não será revelada, a menos que seja esse o desejo do entrevistado, e as informações que forem prestadas poderão ser utilizadas somente para fins científicos. Nesse caminho, registra-se que a entrevista armazenada em gravador digital de áudio será integralmente transcrita constituindo-se, ao final do processo, em documento escrito. Antes de sua utilização, tal documento será devolvido ao entrevistado para a conferência das informações contidas nele. Assim, somente depois disso, será concedida a liberação definitiva de uso. Neste momento, um novo termo de consentimento, que anuncie tal liberação, será assinado.

Você é livre para retirar-se da pesquisa a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar do estudo não acarretará qualquer penalidade, perdas ou danos. Todos os procedimentos da entrevista serão fornecidos gratuitamente. Não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Qualquer dúvida poderá ser esclarecida pelo pesquisador através do seu telefone/e-mail: (51) 999954-0397 / rbsilveira21@yahoo.com.br, ou de seu orientador, telefone/e-mail: (51) 99999-4957 / carlos.balbinotti@ufrgs.br. Através do contato com o Comitê de Ética em pesquisa da ESEFID pelo telefone (51) 3308-3629, você poderá recorrer-se, em algum momento da pesquisa, você se sentir prejudicado(a) ou negligenciado (a) em seus direitos.

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Local e Data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) entrevistado(a)

\_\_\_\_\_  
**Rodrigo Borges Silveira**  
Assinatura do Pesquisador

**APÊNDICE D – DECLARAÇÃO DE PARTICIPANTE**

Eu, \_\_\_\_\_,  
fui esclarecido(a) dos objetivos da pesquisa acima, de forma clara e detalhada, tendo tempo para ler as informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de participar do estudo. Além disso, sei que terei liberdade de retirar o consentimento de participar da pesquisa frente a estas informações. O pesquisador certificou-me também de que todos os dados dessa pesquisa serão confidenciais, exceto se liberados por mim com permissão por escrito. Fui informado(a) que caso existirem danos a minha imagem, causados diretamente pela pesquisa, terei direito à indenização, conforme estabelece a lei.

Sei que sou eximido(a) de qualquer gasto referente à pesquisa. Caso apresentar novas perguntas sobre esse, o mestrando Rodrigo Borges Silveira, pesquisador, estará à disposição no número (51) 999540397, bem como o seu orientador, o pesquisador responsável, Prof. Carlos Adelar Abaide Balbinotti, pelo telefone (51) 999994957, atendendo qualquer situação a qualquer solicitação sobre os meus direitos como participante deste estudo. Também poderei obter esclarecimentos através do contato com o Comitê de Ética em pesquisa da ESEFID pelo telefone (51) 3308-3629 sob o número do protocolo 271-526.

Declaro que recebi cópia do presente termo de consentimento.

\_\_\_\_\_ / \_\_ / \_\_ / \_\_

Local e Data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) entrevistado(a)

\_\_\_\_\_  
**Rodrigo Borges Silveira**

Assinatura do Pesquisador